



Fundador - J.B Wolf

The Bard News®



Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Gregório de Matos **Pag A2**

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica

VOL. II / Jornal No. 9, MAIO 10, 2026



O Risco do Esquecimento

Por que Preservar Tradições é Sinal de Maturidade Cultural?

Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Em um mundo que celebra o novo com entusiasmo quase automático, o ensaio "O Risco do Esquecimento: Por que Preservar Tradições é Sinal de Maturidade Cultural?" questiona a ideia de que modernizar significa substituir. O texto argumenta que a desvalorização de práticas culturais tradicionais, muitas vezes tratadas como sobras de um passado incômodo, leva a um empobrecimento cultural e à fragmentação da memória.

Leia Mais **Pag A19**

Revolução Francesa:

Um Marco de Liberdade ou o Início da Ruptura com a Tradição?

Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

O texto apresenta a ambivalência da Revolução heroica Marianne guiando o povo ou Madame Guillotina sanguinária e discute motivações que vão muito além do preço do pão: o peso de Versalhes, a saturação com a corte parasitária, a ascensão burguesa sem reconhecimento.

Leia Mais **Page A21**

COMPORTAMENTO



Violência começa na palavra

Por Cláudia Faggi
COLUNISTA

A autora destaca o papel das redes sociais na amplificação da violência verbal e denuncia a naturalização de comentários machistas, homofóbicos e preconceituosos, muitas vezes tratados como "coisa de jovem".

Leia Mais **Pag A24**

Dicionários de Cultura Popular do Nordeste Brasileiro



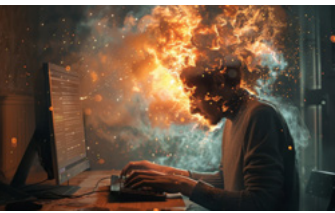
Por Beth Baltar
COLUNISTA

Nordeste brasileiro, com sua vasta extensão e rica miscigenação de etnias (indígena, portuguesa e africana), é um caldeirão cultural onde a língua portuguesa se manifesta em variações únicas e vibrantes. No ensaio "Dicionários De Cultura Popular Do Nordeste Brasileiro", Beth Baltar explora como a língua em uso, com seus regionalismos e particularidades, é um dos bens mais preciosos na formação da identidade social e cultural dessa região.

Leia Mais **Pag A18**

CULTURA



COMPORTAMENTO  A Pressão pelo Sucesso Perfeito e os Efeitos na Saúde Mental Por Juliana Denise COLUNISTA O texto mostra como a "pandemia digital" intensifica comparações, cria personagens e incentiva o uso de máscaras, numa cultura em que o "ter" vale mais que o "ser". Nesse cenário, a busca pelo "sucesso perfeito" alimenta burnout, ansiedade generalizada, depressão e autoengano, ao mesmo tempo em que esvazia a identidade e despreza a saúde mental. Leia Mais Pag A24	ARTE  O Futuro dos Museus na Era Digital: Experiência ou Alienação? Por Alexandre Câmara COLUNISTA Com base em autores como Gonzalo Javier Téllez Liendo, Paolo Clini, Ramona Quattrini, Esther Moñivas e outros, o texto mostra como realidade virtual, fac-símiles 3D e plataformas online ampliam o alcance, qualificam a documentação e preservam acervos frágeis, mas não substituem a experiência de estar diante do original. Leia Mais Pag A13	COMPORTAMENTO  Da Guerra À Paz: Pode Uma Nova Cultura Mudar O Curso Da História? Por Sandra Santiago COLUNISTA O texto apresenta três princípios fundamentais para essa cultura de paz, inspirados em iniciativas da ONU e da UNESCO: respeito a todas as formas de vida; rejeição ativa de toda violência; e descoberta da generosidade e solidariedade como base da felicidade e da convivência. Leia Mais Pag A25
---	--	---

Os ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

 1909 Selma Lagerlöf (Suécia) 	 1910 Paul Heyse (Alemanha) 
--	--

Leia Mais **Pag A10 e A11**

LITERATURA



O Romance Como Campo de Batalha:

Linguagem, Poder e Narrativa no Presente

Por Clayton Zocarato
COLUNISTA

O texto revisita a teoria de Georg Lukács, que vê o romance como a forma literária da modernidade por expressar a experiência de um sujeito deslocado em um mundo fragmentado, e Mikhail Bakhtin, que o descreve como um gênero profundamente dialógico, onde múltiplas vozes coexistem e se confrontam.

Leia Mais **Pag A16**

LITERATURA

O Jardim de Contos de Fadas do Volkspark Friedrichshain em Berlim.

Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Pag A17

CURIOSIDADES

Música para Reis e para o Povo: instrumentos esquecidos e rituais que ainda ecoam

Por Drika Gomes
COLUNISTA

Pag A22

FILOSOFIA

O Estoicismo Como Antídoto à Incerteza Moderna

Por Edna Lessa
COLUNISTA

Pag A20

QR CODE

Aponte a câmera do seu celular



PARTICIPE!

Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao **SITE** e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição no quadro "REFLEXÕES & COMENTÁRIOS"





Gregório de Matos, a Boca do Inferno: o poeta que abriu a ferida da Bahia Colonial



Bahia Colonial, BRA

LITERATURA - Leia no site

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

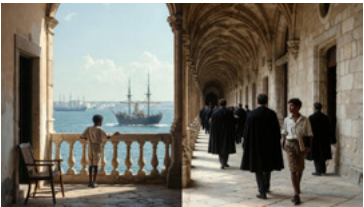
joga com a instabilidade do mundo, com a tensão entre matéria e espírito, entre o desejo e a renúncia, entre a certeza da fé e a dúvida que corrói por dentro. Nas artes plásticas, isso se traduz em igrejas repletas de ouro e movimento. Na literatura, aparece nas imagens intensas, no uso de antíteses, paradoxos e metáforas que aproximam o sublime e o grotesco. Gregório absorveu esse repertório e o trouxe consigo de volta ao Atlântico Sul.



No coração da Bahia do século dezessete, quando Salvador era capital do Brasil Colônia e um dos principais portos do império português, ergueu-se uma voz que parecia deslocada de seu tempo. Em meio à riqueza do açúcar, ao brilho das igrejas barrocas e à brutalidade da escravidão, Gregório de Matos Guerra usou a poesia como lâmina. Advogado, letrado, pertencente à elite, ele poderia ter seguido a rota discreta de tantos homens de sua posição. Em vez disso, escolheu expor, em versos, a hipocrisia da cidade que o formou. Ganhou, por isso, fama e perseguição, e um apelido que atravessou séculos: Boca do Inferno. No entanto, pensar em Gregório apenas como um satirista ferino é reduzir um autor cuja obra incluí alguns dos momentos mais agudos da lírica amorosa, da poesia sacra e da poesia erótica em língua portuguesa.



Gregório nasceu em Salvador em 1636, em uma família de posses. Seu pai, fidalgo português, e sua mãe, ligada a proprietários de terra, garantiram ao filho um lugar na pequena elite colonial. A infância em uma cidade portuária, cheia de circulação de pessoas, mercadorias e ideias, já o colocava em contato com um mundo mais amplo do que o de muitos colonos. Ainda jovem, foi enviado a Portugal, destino comum para filhos de famílias abastadas da colônia. Em Coimbra, estudou com jesuítas e se formou em Direito na universidade que, naquele tempo, era um centro intelectual de peso na Europa. Ali, o futuro Boca do Inferno teve contato com a tradição clássica, com a retórica latina, com a filosofia e com o ambiente de disputas religiosas da época.



Esse percurso acadêmico o insere no universo barroco europeu. O Barroco é a arte da contradição e do excesso. É um estilo que

Quando retorna à Bahia, já na fase adulta, encontra uma Salvador que reunia esplendor e degeneração. A cidade era sede do governo-geral, centro administrativo do Estado do Brasil, escala do tráfico de escravizados e eixo do comércio açucareiro. A riqueza, porém, convivía com a miséria e com uma estrutura social profundamente desigual. Senhores de engenho, comerciantes endinheirados, burocratas da Coroa e membros do clero compunham uma camada alta que, frequentemente, se beneficiava de privilégios, favores e tramas políticas. Ao lado de tudo isso, estava a população escravizada, indígenas subjugados, pobres livres e mestiços que sustentavam o sistema com trabalho e sofrimento. Foi esse quadro que Gregório decidiu retratar, não com a doçura da lisonja, mas com o fel da sátira.



A poesia satírica de Gregório de Matos talvez seja a dimensão mais emblemática de sua obra. Ele ataca diretamente o que via como podridão moral da cidade. Governadores, desembargadores, ouvidores, bispos e padres surgem em seus versos como figuras ridículas, corruptas, hipócritas. Comerciantes aparecem como gananciosos, fidalgos como vazios, mulheres de alta sociedade como mestras da dissimulação. A cidade, em muitos poemas, é descrita como um corpo doente, tomado por vícios em todas as suas partes. Ao declarar que há conselheiros que mal governam a própria cozinha e ainda assim pretendem governar o mundo, ele não faz apenas uma piada; atinge o coração da legitimidade política em uma monarquia que se sustentava na retórica da honra e da competência.



A linguagem que sustenta essas sátiras é crua.

Gregório não poupa termos chulos, imagens escatológicas, alusões à sexualidade e ao corpo. Isso aproxima sua poesia da fala popular, do boato de rua, do comentário malicioso que circula longe dos salões oficiais. Em certo sentido, ele transforma a voz coletiva em literatura. Aquilo que se cochichava em tavernas e esquinas ganha forma lapidada em redondilhas, sonetos e estrofes afinadas com a melhor tradição formal de sua época. O contraste entre a forma refinada e o conteúdo agressivo é uma das marcas mais fortes de seu estilo.

Mas seria injusto aprisionar Gregório apenas na máscara do insultador. Sua poesia lírica revela um artista capaz de registrar, com precisão e intensidade, o drama do amor. Nos poemas líricos, surge o homem dividido entre idealização e desencanto. As mulheres amadas aparecem ora como figuras quase inatingíveis, ora como presenças reais, marcadas por defeitos, ausências e traições. A linguagem barroca, cheia de jogos de luz e sombra, serve aqui para construir uma visão do amor como força que eleva e dilacera. A consciência da passagem do tempo, da fragilidade da beleza e da inevitabilidade da morte atravessa muitos desses versos. A experiência amorosa, em Gregório, é inseparável da consciência da perda.

Há também o Gregório sacro, autor de poemas que se dirigem a Deus, a Cristo e à Virgem Maria em tom de súplica e confissão. Nessas composições, ele se apresenta como pecador consciente de suas faltas, pedindo misericórdia com uma humildade que contrasta com a arrogância de suas sátiras. A tensão entre culpa e desejo de perdão, típica da mentalidade barroca católica, se materializa em versos em que o eu poético se reconhece fraco, inclinado ao pecado, mas ainda assim confiando na compaixão divina. O pecador que louva e se arrepende é, em muitos sentidos, o mesmo homem que, em outros momentos, se diverte com obscenidades e ataques ao moralismo aparente dos poderosos. Essa contradição, longe de ser um defeito, é a própria marca da complexidade barroca.

Talvez a faceta mais desconcertante para a sensibilidade de sua época tenha sido a

poesia erótica. Em termos contemporâneos, diríamos que Gregório foi explicitamente sexual. Descreveu corpos, encontros, prazeres e frustrações com uma franqueza que afrontava as normas de decoro vigentes. Essa ousadia não se explica apenas pelo gosto pela provocação. Em um ambiente em que o discurso oficial pregava recato e pureza, enquanto a realidade cotidiana era marcada por relações clandestinas, abusos e hipocrisia, dar voz ao erotismo era também expor o abismo entre o que se dizia em público e o que se vivia em privado. Não é por acaso que sua obra demorou a ser editada em conjunto e, por muito tempo, circulou entre estudiosos mais do que entre leitores comuns.

As consequências de sua língua afiada não tardaram. Suas sátiras incomodaram gente poderosa. Autoridades civis e eclesiásticas se viram retratadas em versos nada lisonjeiros, e a circulação de seus poemas, mesmo sem imprensa tipográfica na colônia, era suficiente para abalar reputações. A resposta veio em forma de repressão. Em 1694, Gregório foi enviado para Angola, num evidente gesto punitivo. A justificativa oficial falava em delitos contra a Coroa e em ofensas à honra de pessoas de destaque. Em termos práticos, tratava-se de tentar silenciar uma voz que expunha fissuras profundas do sistema colonial.



Depois de Angola, ele ainda passa por Portugal, mas não volta a ocupar o lugar social de outrora. Acaba em Recife, onde morre em 1696, distante da Salvador que tanto inspirou seus versos. A ironia é que, se em vida sua poesia circulou de forma quase clandestina, depois de sua morte ele se tornou referência central quando intelectuais brasileiros começaram a olhar para o passado em busca de uma tradição literária própria. Já nos séculos dezenove e vinte,

estudiosos reúnem e organizam manuscritos, atribuem textos, discutem autenticidade. Desse trabalho paciente surge a imagem de um autor vasto, irregular em alguns pontos, mas extraordinário em vários momentos.

O legado de Gregório de Matos é múltiplo. Do ponto de vista da história literária, ele é geralmente identificado como o maior poeta barroco do Brasil Colônia e figura de destaque no conjunto da literatura de língua portuguesa. Sua obra comprova que, já no período colonial, era possível produzir poesia de alta voltagem estética fora da metrópole. Ao rir da elite da Bahia, ao se lamentar diante de Deus, ao cantar o amor e o desejo, Gregório contribui para algo maior: a construção de um olhar brasileiro, ainda que embrionário, sobre a própria realidade.

Para o leitor contemporâneo, a Boca do Inferno continua incômoda e indispensável. Em um país que ainda enfrenta desigualdades profundas, corrupção estrutural e distâncias imensas entre discurso oficial e vida real, há algo de familiar no tom indignado de suas sátiras. Ao mesmo tempo, seus poemas líricos e sacros lembram que por trás do crítico feroz havia um homem dividido, atravessado por angústias pessoais, medos, desejo e fé. Essa mistura de ousadia pública e fragilidade íntima talvez explique por que sua figura continua a atrair leitores, pesquisadores e artistas.

Ler Gregório hoje é mais do que um exercício de erudição. É confrontar um espelho desconfortável. Ele mostra que a tradição de dizer verdades amargas em voz alta, de ridicularizar poderosos e de expor a sujeira escondida sob tapetes caros, não começou nas redes sociais. Muito antes, um baiano do século dezessete já fazia isso com a ferramenta mais perigosa que podia ter à mão: a palavra. E é justamente essa palavra, afiada, excessiva, contraditória, que mantém viva a chama da Boca do Inferno na literatura brasileira.



IMAGEM GERADA POR IA "usando ChatGPT 5.2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/04/2026"

Edições 2026

9ª EDIÇÃO - MAIO



8ª EDIÇÃO - ABRIL



Download

7ª EDIÇÃO - MARÇO



Download

6ª EDIÇÃO - FEVEREIRO



Download

5ª EDIÇÃO - JANEIRO



Download

Edições 2025

1ª EDIÇÃO - MAIO



Download

2ª EDIÇÃO - JULHO



Download

3ª EDIÇÃO - SETEMBRO



Download

4ª EDIÇÃO - NOVEMBRO



Download

The Bard News

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica



VOL. II / Jornal No. 9, MAIO 10, 2026

COLONISTAS FIXOS: Publicados

- J.B Wolf
- Jeane Tertuliano
- Stella Gaspar
- Beth Baltar
- Mariana Pacheco
- Clayton Zocarato
- Claúdia Faggi
- Drika Gomes
- Alexandre Câmara
- Camila Barros
- Edna Lessa
- Sandra Santiago
- Juliana Denise

ANUNCIE:

- Publicidade no Site
- Publicidade no Modelo Impresso em PDF interativo
- Classificados
- Vitrine The Bard News

CONTATO/WHATSAPP: (61) 9 8474-7033



CLIQUE AQUI

EDITAL SUBMISSÃO:



INSCRIÇÕES

"O The Bard News é um convite aberto. Envie seu texto, arte ou sugestão e faça parte deste movimento."

EXPEDIENTE

Entre palavras, cores e ideias, The Bard News constrói pontes entre leitores, autores, artistas e o mundo. Aqui, cada edição é feita com paixão, escuta e a certeza de que a cultura transforma.

Edição: Vol II - Jornal Nº 9 - Maio /2026

Direção Geral: J.B Wolf

Editor-Chefe: J.B Wolf

Conselho Editorial: [Lista de membros]

Redação: [Redatores, jornalistas, estagiários]

Coordenação de Arte e Design:

Agência The Wolf Bard

Suporte Técnico: [TI e Web]

Contato: redacao@thebardnews.com |
Instagram: @thebardnews

Endereço: Brasília - DF

Colaboradores: [Convidados]

Contato para publicações: participe@thebardnews.com

Reflexões & Comentários



Envie sua carta para:
falaleitor@thebardnews.com

REFLEXÕES & COMENTÁRIOS

Conecte-se: Compartilhe Sua Opinião com o Jornal The Bard News

Este espaço é feito para você! No quadro **“Reflexões & Comentários”**, convidamos nossos leitores a compartilhar comentários, opiniões, reflexões, críticas e elogios sobre temas abordados no jornal. Clique na imagem abaixo, você será direcionado para o post no Site e lá faça o seu comentário. Participe! Deixe a sua Opinião.

Os melhores comentários serão Publicados na próxima edição do Jornal.



CLIQUE NO POST



Gregório de Matos, a Boca do Inferno:
o poeta que abriu a ferida da Bahia colonial



O sentinela do vulcão: como o Castelo de Edimburgo moldou mil anos de guerra, poder e identidade escocesa



A luz que pensa: como a Catedral de Chartres transformou pedra, vidro e matemática em teologia visível



Série: Os Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura - Selma Lagerlöf : 1909



Série: Os Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura - Paul Heyse : 1910



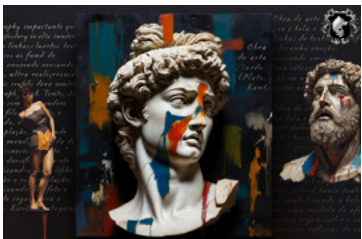
Michelangelo: O artista que conectou a beleza ao divino



O Futuro dos Museus na Era Digital:
Experiência ou Alienação?



Música e Identidade Nacional:
mulheres no choro



Por que a beleza importa na arte?



Arte que Previu o Futuro: A Visão Profética dos Artistas e o Espírito de uma Época



O Romance Como Campo de Batalha:
Linguagem, Poder e Narrativa no Presente



CONTO: O Café Passagem - Capítulo 8: Investigação



O Jardim de Contos de Fadas do Volkspark Friedrichshain em Berlim



Dicionários De Cultura Popular Do Nordeste Brasileiro



O Risco do Esquecimento: Por que Preservar Tradições é Sinal de Maturidade Cultural?



O Estoicismo Como Antídoto à Incerteza Moderna



Revolução Francesa: Um Marco de Liberdade ou o Início da Ruptura com a Tradição?



Música para Reis e para o Povo:
instrumentos esquecidos e rituais que ainda ecoam



A Língua Que Quase Conquistou o Mundo: O Legado Universal do Latim Pós-Roma



Violência começa na palavra:
o impacto das atitudes na juventude



Da Guerra À Paz: Pode Uma Nova Cultura Mudar O Curso Da História?



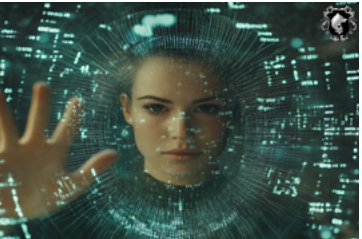
Frequências sonoras como 432 Hz e 528 Hz ganham espaço na regulação do sistema nervoso



A Inflamação Emocional: Quando Conflitos Constantes Envenenam o Corpo



A Inquietante Realidade da Vigilância Digital



O Corpo Como Senha Universal:
A Revolução Biometria Entre Conveniência e Distopia

LITERATURA

CRÔNICAS

Beethoven não precisa de black tie



POR
Neri Luiz Cappellari



Todos os dias, ele puxa o seu carrinho recolhendo o lixo. Como ele, existem vários coletores de sucata e de outros dejetos. Todos seguem a mesma rotina. A mesma sina de juntar as sobras dos que têm muito e ver através do descarte as suas chances de sobreviver. Entretanto, um deles chamou a atenção. Seu nome não sei, se tem um sobrenome deve ter se perdido entre as sobras de comida achadas no dia a dia. Porém, quando ele surge, ao longe, todos sabemos da sua aproximação. Uma pequena caixa de som, provavelmente recolhida em um canto qualquer, demonstra o seu refinado gosto musical. As músicas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da Música Popular Brasileira (MPB) são sua marca. Suas melodias o tornam visível, instiga a nossa imaginação e nos faz pensar. Qual é a sua história? O que o levou a deambular pelas ruas?

Existem dezenas de catadores de lixo perambulando pelas cidades todos os dias. Nós já nos acostumamos com sua invisibilidade. Eles percorrem as ruas e é como se habitassem em um planeta diferente do nosso. Nossas histórias se cruzam, mas não se tocam. Nossos olhares se desencontram. Nossas vidas seguem rumos diferentes. Embora passemos

pelas mesmas calçadas, pelas mesmas ruas, suas pegadas são imperceptíveis ao nosso olhar. Sua dor não nos atinge, seu cheiro nos afasta, sua aparência triste não toca o nosso coração. Entretanto, há uma música linda do mais insólito lugar, e soa estranhamente em nossos ouvidos. É como se aquele clássico de Beethoven nos incomodasse. Não pela melodia que soa dentro de nós, mas como Beethoven chegou a esse carrinho de lixo? Por que este mendigo chama tanto a nossa atenção? Para quem tem um ouvido privilegiado, é perfeitamente possível ouvir os belos clássicos de Beethoven, Bach e as músicas do MPB. Para esse homem, sobre quem todas as carências parecem recair, não há limites. Seus ouvidos não conhecem as barreiras erguidas pelos eruditos.

Se, por um lado, estamos acostumados a ouvir os clássicos em um belo teatro, com uma acústica impecável, os homens de black tie, as mulheres trajadas com lindos vestidos, um maestro regendo a orquestra e dezenas de músicos tocando divinamente. Por um outro lado, nos causa estranheza, um clássico vindo sem glamour, sem arautos que anunciam a sua chegada, através de uma caixa de som recolhida em um descarte qualquer.

Um homem pobre passa, todos os dias, desafiando nossas ideias pré-concebidas da elitização de uma música conhecida por poucos. Sua presença desconstrói nossa maneira de pensar, adquirida durante anos, de que uma linda sinfonia é para um público seleto e restrito.

Sim, esse catador de lixo nos mostra que um som que estimula os nossos ouvidos é muito mais do que um alento para o ego de uma classe mais privilegiada.

Sua visibilidade se dá pelo fato de que ele nos faz enxergar, todos os dias, a socialização de melodias como meio de comunicação. As músicas eruditas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da MPB estão disponíveis para todos ouvir independentemente do lugar de onde nós viemos. Sejamos ricos ou catadores de lixo. A arte veio para resgatar a nossa dignidade como pessoas, alimentar a nossa alma. Esse catador nos mostra antes de tudo, antes mesmo de sua própria história, que não há lugar intransponível.

@neri.cappellari



Miniconto



Dragon

Sua sombra engoliu a lua,
seu hálito fogo consumiu o chão,
e assim fez-se medo e escuridão.

POETA & ESCRITOR
J.B Wolf

@poetajbwolf

POEMAS

Recomeço



POETA
Edna Lessa



@ednalessa_escritora

Ao pôr do sol de mais um dia,
o mar se estende em silêncio.
É possível ouvir as ondas que cantam
no gesto imparável de ir e voltar.

Então, meu coração entende:
nada se perde, em tudo se aprende.
Viver é a arte corajosa
de sempre recomençar.

No céu, o reflexo do mar que acolhe.
Entre o azul profundo
e a fluidez do tempo,
minhas dores encontram abrigo.

E descubro que Deus habita
A paz que se refaz ao entardecer.
Meu olhar se expande no horizonte
e vejo que a vida sabe diminuir o passo
quando é preciso escutar o coração.

POEMAS

Hino às Graças Silenciosas da Existência



POETA
J.B Wolf



@poetajbwolf

Gratidão, ó virtude sublime e esquecida,
que habitas nos recantos humildes da alma,
ensinas ao coração a linguagem sagrada
de reconhecer bênçãos nas pequenas coisas.

És tu quem transforma o pão simples
em banquete de reis agradecidos,
quem faz do orvalho matinal
lágrimas de alegria derramadas pelos céus.

Ó gratidão, mestra da contemplação,
revelas que cada respiração é dádiva,
cada batida do coração uma sinfonia
composta pela generosidade divina.

Nas mãos calejadas que construíram
o teto que hoje me abriga,
vejo tua presença silenciosa
tecendo fios de reconhecimento eterno.

Agradeço aos que partiram antes
por terem plantado árvores cujas sombras
hoje refrescam minha jornada terrena,
por terem sido pontes sobre abismos do tempo.

Gratidão aos que chegaram depois,
trazendo risos que ecoam pelos corredores
da memória, renovando esperanças
que julgava perdidas para sempre.

Que sejas, ó gratidão bendita,
o altar onde deposito diariamente
as flores colhidas no jardim da vida,
perfumando a existência com tua fragrância eterna.

POEMAS

Ainda Pássaro



POETA
Arcely Soares



@ms_arelly

Impediram-me de voar,
Mas Eu, sou um pássaro.

Arrancaram-me o ninho,
Mas eu sou um pássaro.

Tentaram calar o meu canto,
Mas eu sou um pássaro!

Escureceram o meu céu,
Mas eu ...sou ...um pássaro.

Embaraçaram o meu pouso,
Mas eu sou um pássaro.

O que quer que façam,
Eu continuo sendo um pássaro.

Com tudo me deparo,
Com nada nunca paro.

POEMAS

Comportamentos diferentes



POETA
Beatriz F. Santos



@biiabfsantos

As pessoas mudaram tanto
Ao longo de anos, que não foram séculos
Senão décadas, mas poucas!
O comportamento, as relações, o
isolamento

O sofrimento que, aos outros, é um sorriso
Uma máscara contínua
Uma arrogância que engana
Uma vida que já não é a conta gotas
Onde cabe o sofrimento
E onde este é o peso maior.
Pessoas que se exibem mais do que têm fé
Que não olham, não esperam e não ouvem
Que comportamentos são estes?
Onde a criança dança e fala co estranhos,
A adolescente leva o corpo à mostra

E serve de aposta
O sentimento rompe
E a sociedade aplaude
Que é tudo isto?!
O fim do mundo ou o mundo à beira do
abismo..?



Participe e Publique a sua Arte

CLIQUE AQUI!

REVISTA THE BARD®

Revista Atual lançada - 36ª edição Março e abril



UMA VIAGEM NOS TEMPOS : "A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano".

Clique aqui para acessar

Em Processo Editorial - 37ª edição Maio e junho 2026
Lançamento dia 10 de Maio



DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS:
"O Papel da Tipografia na Democratização da
Informação no Brasil"

Clique aqui para acessar

Edital Aberto - 38ª edição Julho e Agosto 2026
Início dia 01 de Abril | Término dia 31 de Maio



QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
"O esvaziamento da palavra no século
de hiperconexão"

Clique aqui para acessar

Site da Revista The Bard

Clique aqui para acessar

Edital Aberto

Clique aqui para acessar

Instagram

Clique aqui para acessar

Canal no Instagram

Clique aqui para acessar

Canal no Whatsapp

Clique aqui para acessar



CASTELOS & CATEDRAIS

O sentinela do vulcão: Como o Castelo de Edimburgo moldou mil anos de guerra, poder e identidade escocesa

ARTE & ARQUITETURA

Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

“O Castelo de Edimburgo é muito mais do que o cartão postal mais fotografado da Escócia: é a pedra sobre a qual se escreveram mil anos de guerra, disputa dinástica, reforma religiosa e construção de identidade nacional..”



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/04/2026”



Cravado sobre a cratera de um vulcão extinto, o Castelo de Edimburgo não é apenas o cartão postal mais fotografado da Escócia: ele é o palco onde reis foram coroados, exércitos derrotados, religiões confrontadas e uma nação inteira aprendeu a resistir à sombra do império inglês. De prisão política a depósito de joias da Coroa, de símbolo de opressão a emblema de orgulho nacional, a história desse castelo revela, pedra por pedra, como um rochedo pode se transformar em espinha dorsal de um povo.

Visto de longe, o Castelo de Edimburgo parece crescer diretamente da rocha negra que o sustenta, como se não houvesse fronteira entre geologia e arquitetura. Essa fusão não é apenas visual: ela explica por que, há quase mil anos, aquele rochedo vulcânico, conhecido como Castle Rock, foi escolhido como o lugar ideal para erguer a fortaleza que se tornaria o coração militar e político da Escócia. De todos os castelos europeus, poucos condensam de forma tão intensa a relação entre território, guerra e identidade quanto o que domina o skyline da capital escocesa.



As primeiras ocupações no topo do rochedo remontam, segundo evidências arqueológicas, pelo menos ao século VII, quando ali existia uma fortificação chamada Din Eidyn, ligada ao reino britônico de Gododdin. Mas é no século XII, sob o reinado de David I, que o castelo começa a ganhar forma como conhecemos: uma fortaleza real em pedra, integrando-se a um sistema de poder em consolidação. O rei transforma o sítio em residência oficial e centro administrativo, aproximando a Escócia dos modelos de realeza feudal da Europa continental, mas com uma particularidade: aqui, a defesa nunca foi um detalhe secundário.



Ao longo da Idade Média, o castelo vive em estado de tensão quase permanente. Sua posição estratégica, dominando a rota entre o centro do país e a fronteira com a Inglaterra, faz dele prêmio e alvo. Nenhum período ilustra isso melhor do que as Guerras de Independência da Escócia, no fim do século XIII e início do XIV. Em 1296, o rei inglês Eduardo I toma Edimburgo. Poucos anos depois, em 1314, um grupo de escoceses liderado por Thomas Randolph, conde de Moray, realiza um dos feitos mais ousados da história militar do castelo: escalando à noite os penhascos quase verticais, eles surpreendem a guarnição inglesa e retomam a fortaleza. O episódio, às vezes ofuscado pela fama da Batalha de Bannockburn, revela um ponto central: controlar o Castelo de Edimburgo era controlar a narrativa sobre quem realmente mandava na Escócia.

Com o tempo, a fortaleza se torna também um lugar de simbolismo dinástico. É ali que ficam guardadas as Honras da Escócia, o cetro,

a espada e a coroa, hoje reconhecidos como as joias da Coroa escocesa. É ali também que repousa a Pedra do Destino, usada por séculos nas coroações dos reis escoceses, antes de ser levada a Londres por Eduardo I e incorporada à cadeira de coroação da Abadia de Westminster. Quando a pedra retorna ao castelo em 1996, após quase 700 anos, a cerimônia é muito mais do que um ato protocolar: é um gesto calculado de reconciliação simbólica entre um centro de poder britânico e uma identidade nacional que se recusa a ser reduzida a uma mera “região” do Reino Unido.



O castelo, porém, nunca foi apenas um palco de glórias. Em vários momentos, ele também encarnou o lado sombrio do poder. Sob os Stewart, no século XVI, as muralhas abrigaram intrigas políticas e religiosas num país rachado pela Reforma Protestante. A famosa “Lang Siege”, de 1571-1573, ocorre quando os defensores católicos de Maria, rainha dos escoceses, mantêm o castelo contra as forças protestantes que apoiam seu filho, Jaime VI. Por quase dois anos, o rochedo resiste a bombardeios e fome até que a artilharia pesada, importada da Inglaterra, obriga a rendição. A partir daí, o que era bastião de legitimidade de uma rainha se torna, aos olhos de seus inimigos, o símbolo de um passado a ser superado.

Mais tarde, nos séculos XVII e XVIII, o Castelo de Edimburgo é arrastado para o turbilhão das guerras civis britânicas e dos levantes jacobitas. Em 1745, durante o último grande esforço para restaurar os Stuart ao trono, o exército de Charles Edward Stuart, o “Jovem

Pretendente”, toma a cidade de Edimburgo, mas não consegue capturar o castelo, que se mantém leal a Londres. Essa falha é um golpe fatal na campanha jacobita: o rochedo, que tantos outros invasores haviam conquistado ou perdido, desta vez permanece como símbolo do novo arranjo de poder, no qual a Escócia é integrada de forma mais rígida à monarquia hanoveriana e ao Estado britânico emergente.



Com o avanço da artilharia e a mudança das formas de guerra, o castelo perde, aos poucos, sua relevância como fortaleza de primeira linha. Porém, em vez de cair em desuso total, ele se reinventa como quartel e prisão militar. Durante as Guerras Napoleônicas, prisioneiros de várias nacionalidades são mantidos ali, e relatos de suas condições ainda ecoam nas visitas guiadas de hoje. Esse período acrescenta uma camada curiosa à sua história: o castelo que antes guardara reis agora guarda soldados comuns e, em alguns casos, piratas e corsários, mostrando como o eixo do poder militar se desloca dos senhores feudais para exércitos nacionais burocratizados.



No século XIX, com o romantismo em alta e um interesse renovado pelo passado

medieval, o Castelo de Edimburgo passa por uma reinterpretação estética e simbólica. Em vez de apenas fortaleza, ele se torna objeto de admiração, cenário de pinturas, literatura e turismo nascente. Reformas adicionam elementos neogóticos, reforçando a imagem de “castelo ideal” no imaginário vitoriano. Ao mesmo tempo, a cidade cresce à sua volta, e o que antes era uma fortaleza isolada passa a ser o vértice visível de uma capital moderna. A famosa Royal Mile, que liga o castelo ao Palácio de Holyrood, ganha contornos de eixo narrativo: de um lado, o poder militar e simbólico; do outro, o poder residencial e político.

No século XX, o rochedo volta a se conectar diretamente com a guerra, ainda que de maneira diferente. O castelo não é mais alvo de cercos, mas funciona como memorial e palco de rituais de lembrança. O toque do One O’Clock Gun, o disparo de canhão diário, tradição iniciada em 1861, ganha novo significado no contexto das duas guerras mundiais, lembrando a população da disciplina e da presença militar constante. Ao mesmo tempo, o espaço se abre cada vez mais à visitação, e o turista moderno divide o pátio com paradas militares e cerimônias oficiais.

Hoje, o Castelo de Edimburgo recebe mais de dois milhões de visitantes por ano e é um dos monumentos pagos mais visitados do Reino Unido. A coexistência de turistas, cerimônias militares e funções de Estado transforma o lugar em espécie de laboratório vivo da identidade escocesa contemporânea. Ali está a capela de Santa Margarida, do século XII, a mais antiga construção preservada da cidade; ali estão as Honras da Escócia e a Pedra do Destino; ali se realizam eventos como o Royal Edinburgh Military Tattoo, em que bandas militares de várias partes do mundo se apresentam contra o pano de fundo iluminado das muralhas. É um espetáculo que mistura patriotismo, performance e marketing turístico, mas que, ao mesmo tempo, expõe a habilidade escocesa de transformar seu passado bélico em capital cultural.

Para o arqueólogo, o castelo é um estrato sobre estrato: estruturas normandas sob edifícios do século XVI, traços de reformas georgianas sob intervenções vitorianas, marcas de canhão ainda visíveis em certos pontos. Para o historiador, é um arquivo a céu aberto de batalhas, alianças e traições. Para o jornalista, é um observatório privilegiado de como um país negocia sua própria narrativa em um mundo globalizado. Se um dia o castelo foi instrumento de imposição de poder, hoje ele funciona mais como espaço de negociação simbólica: entre Escócia e Inglaterra, entre passado e presente, entre memória e economia do turismo.

Em última análise, o Castelo de Edimburgo continua ali, plantado sobre o vulcão adormecido, como lembrete permanente de que o poder, por mais que mude de forma, sempre procura um ponto alto de onde possa ser visto. E, enquanto a cidade se reinventa ao seu redor, é das suas muralhas que se tem a melhor vista para entender não apenas o que a Escócia foi, mas o que ela deseja ser.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/04/2026”

CASTELOS & CATEDRAIS



A luz que pensa: como a Catedral de Chartres transformou pedra, vidro e matemática em teologia visível



IMAGEM GERADA POR IA “usando Magnific freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/04/2026”

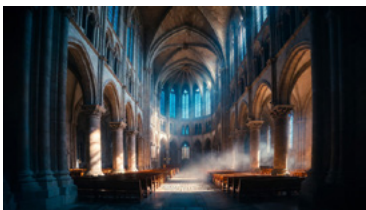
ARTE & ARQUITETURA

Leia o artigo completo no Site

POR

The Bard News, Redação

“A Catedral de Chartres é mais que um templo gótico: é um livro de pedra e vidro onde a Idade Média registrou sua visão de mundo.”



Escrita sobre séculos de fé, fogo e reconstrução, a Catedral de Chartres é mais que um templo gótico: é um livro de pedra e vidro onde a Idade Média registrou sua visão de mundo com uma precisão que ainda espanta engenheiros, teólogos e historiadores. Sob seus vitrais azuis, reis negociaram poder, peregrinos buscaram milagres e mestres construtores fizeram da arquitetura uma forma de pensamento. Entender Chartres é decifrar como a Europa medieval conseguiu transformar crença em geometria e luz.



A pouco mais de oitenta quilômetros de Paris, em meio ao relevo relativamente plano da Beauce, a Catedral de Chartres ergue-se como uma espécie de nau de pedra ancorada no alto da colina. Vista de longe, especialmente nas manhãs de neblina, ela parece flutuar acima dos campos de trigo, como se pertencesse mais ao céu do que à terra. Essa impressão não é acidental: desde o século XII, quando começou a tomar a forma monumental que conhecemos, Chartres foi pensada para dominar a paisagem física e mental da região. Em uma época em que a maior parte da população era analfabeta, a silhueta da catedral funcionava como um lembrete incessante de que o sagrado estava sempre por perto, e acima.



A história de Chartres, porém, não começa com o gótico. Escavações arqueológicas indicam que o local já abrigara um santuário pagão e depois uma catedral românica, destruída por incêndios sucessivos. O mais devastador, em 1194, poderia ter sido o fim: grande parte da estrutura desabou, e o fogo consumiu telhados e interior. No entanto, algo permaneceu, segundo a tradição, o relicário com o Vêu de Maria, peça central do culto mariano em Chartres, sobreviveu às chamas. Em uma sociedade que via sinais divinos em todos os eventos, o fato foi interpretado como um chamado para reconstruir, desta vez em escala ainda mais ambiciosa. Em poucos anos, a cidade, nobres da região e peregrinos de toda a cristandade canalizaram recursos para erguer uma catedral que seria modelo para toda a Europa.



O que diferencia Chartres de outras grandes igrejas góticas não é apenas sua imponência, mas a impressionante unidade de concepção. Enquanto muitos edifícios medievais são mosaicos de estilos acumulados, aqui o grosso da estrutura foi levantado em poucas décadas, entre o fim do século XII e o início do XIII. Isso permitiu algo raro: um programa coerente, no qual arquitetura, escultura e vitrais parecem conversar entre si. A planta em cruz latina, as proporções rigorosamente calculadas, o uso extensivo de arcos ogivais e arcobotantes externos criam um interior de altura vertiginosa e, ao mesmo tempo, surpreendentemente harmonioso.



Os vitrais, talvez o elemento mais célebre de Chartres, funcionam como o verdadeiro “sistema operacional” simbólico do edifício. Ao contrário de muitas catedrais que perderam boa parte de suas janelas medievais, aqui sobreviveram mais de 150 vitrais originais, em uma paleta dominada por um azul profundo que se tornou lendário: o chamado “azul de Chartres”. O efeito, quando o sol atravessa as janelas, é quase hipnótico. Mas não se trata apenas de beleza. Cada medalhão, cada figura, integra um programa pedagógico sofisticado, que narra episódios bíblicos, vidas de santos, ofícios dos artesãos locais e cenas

do cotidiano. Em uma sociedade de cultura primordialmente oral, a luz filtrada pelo vidro colorido transformava a catedral em uma espécie de enciclopédia luminosa acessível a todos.



Nas fachadas, esse programa se prolonga na pedra. Os portais esculpidos da fachada ocidental, conhecidos como Portal Real, são um marco na história da escultura gótica. Cristo em majestade, cercado pelos símbolos dos evangelistas, filósofos pagãos e reis de Judá, compõem uma aula visual sobre a relação entre Antigo e Novo Testamento, entre saber cristão e heranças clássicas. Não é casual que, enquanto essas figuras foram sendo talhadas, as primeiras universidades europeias florescessem em Paris, Bolonha e Oxford. Chartres, com sua célebre escola catedralícia, foi um dos centros dessa revolução intelectual. Mestre Bernardo de Chartres, um dos professores mais influentes do século XII, cunhou ali a famosa metáfora de que somos “anões nos ombros de gigantes”, expressão que resume a ideia de progresso intelectual apoiado na tradição.



Há também uma dimensão mais física, quase visceral, na experiência de Chartres: o labirinto

incrustado no piso da nave. Datado do século XIII, esse desenho circular de cerca de doze metros de diâmetro, traçado em pedra, servia como peregrinação simbólica para aqueles que não podiam viajar até Jerusalém ou Santiago de Compostela. Percorrê-lo, ajoelhado ou de pé, era uma forma de traduzir espacialmente a busca interior por Deus. Hoje, muitos visitantes ainda seguem o traçado, em silêncio, como se o labirinto fosse um raro ponto de contato tangível entre a espiritualidade medieval e a inquietação moderna.



Do ponto de vista político, a catedral desempenhou um papel delicado. Chartres nunca foi sede de coroação de reis como Reims, mas a presença constante de nobres e peregrinos deu à cidade uma importância desproporcional ao seu tamanho. Bispos de Chartres atuaram como conselheiros reais, mediadores entre coroas rivais e figuras influentes nos debates teológicos que agitavam a Europa. As doações que financiam as obras vinham de uma teia de relações de poder que incluía reis, príncipes, corporações de ofício e até camponeses, que doavam em pequenas quantias, frequentemente em troca da promessa de proteção celestial. Nessa interseção entre fé e política, a catedral se tornou o centro de um sistema econômico e simbólico que garantia coesão à região.

Como todos os grandes monumentos medievais, Chartres também conheceu humilhações. Durante a Revolução Francesa, algumas esculturas foram destruídas, sinos confiscados e tesouros saqueados. No entanto, a catedral escapou da destruição total graças, em parte, à ação de

cidadãos e intelectuais que argumentaram pelo seu valor artístico. No século XIX, no contexto romântico de redescoberta da Idade Média, passou por restaurações, algumas discutíveis aos olhos atuais, mas que contribuíram para consolidar sua fama internacional.

No século XX, a ameaça veio do céu. Durante a Segunda Guerra Mundial, o comando aliado considerou bombardear Chartres, suspeitando que a torre pudesse abrigar observadores alemães. Um oficial americano, John D. Skilton, convenceu superiores a enviar uma patrulha para verificar a presença inimiga antes de ordenar o ataque. Ao constatar que a catedral estava vazia, o bombardeio foi cancelado. A decisão, tomada em um momento de tensão brutal, salvou não apenas um edifício, mas uma parte insubstituível da memória europeia.

Hoje, Chartres é um ponto de encontro entre peregrinos religiosos, turistas e estudiosos de todo o mundo. De um lado, fiéis ainda veneram o Vêu de Maria, relíquia cuja autenticidade histórica é menos importante do que sua força simbólica. De outro, arquitetos, físicos e historiadores estudam a precisão das proporções, a resistência estrutural das abóbadas, o efeito da luz nos vitrais. Entre esses extremos, a catedral continua a desempenhar seu papel original: ser uma ponte entre o visível e o invisível, entre a matemática das pedras e o mistério que elas pretendem abrigar.

Chartres sobrevive, assim, não apenas como monumento congelado no tempo, mas como organismo vivo que continua a interrogar quem o visita. Em um mundo saturado de imagens rápidas e digitais, entrar em sua nave é submeter-se a uma experiência de tempo dilatado, em que a luz demora a atravessar o vidro e a mente precisa desacelerar para compreender o que vê. Talvez esteja aí, nessa exigência de atenção e contemplação, o segredo de sua permanência: a catedral não oferece respostas fáceis, mas convida, há mais de oitocentos anos, à difícil arte de pensar pela luz.

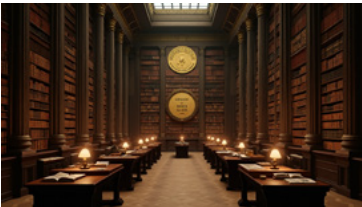


IMAGEM GERADA POR IA “usando Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/04/2026”

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1909 – Selma Lagerlöf (Suécia)

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



“Série: Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura”



Selma Lagerlöf:
a contadora de histórias que levou a Suécia profunda ao Nobel



Selma Lagerlöf foi a primeira mulher a atravessar o palco de Estocolmo para receber o Prêmio Nobel de Literatura. Quando seu nome foi anunciado, em 1909, não era apenas uma escritora que subia de patamar: era todo um conjunto de vozes historicamente relegadas à margem que encontrava, ali, uma brecha no muro. Mulher, provinciana, profundamente ligada à vida rural sueca e à tradição oral, ela não se encaixava no clichê do “gênio literário” europeu moldado no corpo masculino e urbano. Ainda assim, ou talvez precisamente por isso, foi reconhecida pela Academia Sueca como autora de uma obra “caracterizada por idealismo nobre, imaginação vívida e uma percepção espiritual distinta”.

Por trás dessa fórmula oficial havia algo mais concreto: uma literatura que conseguia ser, ao mesmo tempo, muito local e muito ampla. Os lagos gelados, as florestas de Värmland, as fazendas em decadência, os camponeses e aristocratas rurais que povoam seus romances não são peças de museu etnográfico. Nas mãos de Selma, essa Suécia profunda se transforma em cenário de dilemas universais, onde se debatem culpa e perdão, fé e dúvida, tradição e mudança, egoísmo e generosidade. Sua escrita, aparentemente simples, esconde um rigor narrativo que a crítica, com o tempo, aprendeu a levar a sério.

A conquista de 1909 foi, assim, menos um “gesto de boa vontade” da Academia e mais o reconhecimento de uma força criadora que já vinha há quase duas décadas ampliando os limites do que se considerava literatura “universal”. Para compreender a dimensão desse gesto, é preciso voltar ao começo, à fazenda em que uma menina de saúde frágil aprendeu, antes de tudo, a ouvir.

A infância em Mårbacka e a formação de uma contadora de histórias

Selma Ottilia Lovisa Lagerlöf nasceu em 1858, na propriedade de Mårbacka, em Värmland, uma região de florestas densas, lagos extensos e invernos longos. O ambiente familiar era, ao mesmo tempo, conservador e rico em narrativas. O pai, militar reformado, gostava de encenar anedotas e histórias de guerra. A avó e criados mais velhos guardavam na memória um repertório inteiro de contos populares, lendas de assombração, relatos de desastres e milagres que pareciam misturar o real e o fantástico sem cerimônia.

Ainda criança, Selma sofreu um problema na perna, provavelmente decorrente de uma doença reumática, que a deixou mancando por toda a vida. A limitação física a afastou de muitas brincadeiras ao ar livre, mas a aproximou dos livros e das conversas longas à beira do fogão. Enquanto outras crianças corriam pelos campos cobertos de neve, ela lia, desenhava, escutava. Ouvia com atenção o modo como as pessoas narravam, que partes enfatizavam, quais pausas faziam em momentos decisivos, como a emoção entrava na fala. Aquela casa, com seus corredores cheios de memórias e suas noites de histórias, foi sua primeira escola de literatura.

A família, no entanto, não era imune a dificuldades. Com o tempo, as finanças se deterioraram. O mundo rural que parecia sólido começou a rachar sob o peso de dívidas, mudanças econômicas e más decisões. A experiência da perda de status social e da ameaça de perder a terra de origem impressionou profundamente Selma. Décadas mais tarde, ela voltaria a esse tema em sua ficção e também na vida, quando usaria os ganhos de escritora para recomprar Mårbacka e preservá-la como símbolo concreto de continuidade afetiva.

Apesar da origem provinciana, ou talvez por causa dela, Selma decidiu estudar. Em 1882, ingressou em uma escola de formação de professoras em Estocolmo. Lá, encontrou outro universo: o da educação feminina em uma sociedade que ainda via com desconfiança mulheres que ambicionavam carreira intelectual. Trabalhou anos como professora em Landskrona, no sul da Suécia, ensinando sobretudo meninas. Ali compreendeu na prática o peso das expectativas de gênero e a importância da instrução como caminho de autonomia. Ao mesmo tempo, nas horas vagas, escrevia.

A Saga de Gösta Berling: quando a província virou mito

O primeiro grande passo literário de Selma Lagerlöf foi dado com “A Saga de Gösta Berling”, publicada em 1891. O livro não se parecia com quase nada que se produzia na Suécia à época. Em vez de seguir o realismo cru, que dominava boa parte da ficção europeia, ela recuperou algo do tom antigo das sagas e contos de fadas, combinando-os com um olhar afiado para os conflitos sociais e psicológicos de sua região.

Gösta Berling, o protagonista, é um pastor deposto, um homem de caráter frágil e enorme carisma. Expulso do púlpito por causa da bebida, ele se torna uma espécie de anti-herói errante, frequentando mansões decadentes e fazendas em crise, sempre em torno de uma figura central, a poderosa Margareta, “a Majorskan de Ekeby”. A narrativa se organiza em episódios que, aos poucos, desenham um mosaico da aristocracia rural de Värmland, suas festas excessivas, seu orgulho, sua generosidade e sua irresponsabilidade.

No romance, a linha entre o real e o fantástico é constantemente atravessada. Há noites de neve em que cavalos parecem voar, pactos com o diabo insinuados em momentos de desespero, aparições que podem ser lidas tanto como visões sobrenaturais quanto como projeções de culpa. A própria natureza parece participar do drama: ventos, nevascas, degelos e incêndios funcionam como comentários físicos das tensões morais.

Ao mesmo tempo, Selma evita o sentimentalismo fácil. Seus personagens são falhos, muitas vezes egoístas, mas raramente reduzidos a caricaturas. Gösta não é um “pecador simpático” idealizado, e sim alguém capaz de ferir profundamente as pessoas ao seu redor, mesmo sem intenção. A dinâmica entre culpa e possibilidade de redenção percorre o livro como um fio tenso.



IMAGEM GERADAPORIA “usando SEAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/04/2026”

Quando “Gösta Berling” saiu, a recepção não foi unânime. Alguns críticos acharam o estilo excessivamente “antigo”, mais próximo de lendas do que da “literatura moderna”. Outros se incomodaram com a liberdade formal, com capítulos que pareciam quase histórias independentes, com a mistura de registros. Mas a força da narrativa se impôs, e o livro foi ganhando leitores, tanto na Suécia quanto fora. A partir dali, Selma não era mais apenas uma professora que escrevia bem. Era um nome central da literatura escandinava.

A maravilhosa viagem de Nils Holgersson e o poder de educar encantando

Poucos anos depois, Selma seria chamada a fazer algo que definiria para sempre sua imagem pública: escrever um livro para crianças. Mas não qualquer livro; a missão era produzir um texto didático de geografia, encomendado pelas autoridades educacionais suecas. A ideia oficial era ter um manual que ajudasse as crianças a conhecer o próprio país.

Selma aceitou, mas subverteu a proposta. Em vez de listas de rios e montanhas, inventou Nils Holgersson, um garoto preguiçoso e cruel com os animais, que é encolhido e acaba voando pelo país nas costas de um ganso. Do alto, Nils vê cidades, vilas, florestas, arquipélagos, minas, portos. A geografia não está em mapas estáticos, mas em movimento, em paisagens atravessadas, em encontros com pessoas e bichos que lhe revelam as especificidades de cada região: o dialeto, a economia, as histórias locais.

Ao mesmo tempo em que Nils conhece a Suécia, conhece a si mesmo. O menino egoísta, que no início tem prazer em maltratar animais e enganar os pais, vai sendo testado em situações de perigo e solidariedade. Aprende a cuidar de quem o rodeia, a entender que cada lugar guarda dores e alegrias que merecem respeito. A viagem

é, portanto, geográfica, moral e emocional.

O que nasceu como livro escolar virou clássico internacional. Adotado nas escolas suecas, rapidamente ultrapassou o uso didático, foi traduzido, adaptado, virou desenho animado, peça, filme. Em toda parte, os leitores captavam a mesma essência: a habilidade de Selma em unir conhecimento concreto, fantasia envolvente e uma reflexão delicada sobre crescimento interior.

Para a Academia Sueca, “A maravilhosa viagem de Nils Holgersson” mostrava que Selma Lagerlöf era capaz de algo raro: produzir literatura de alta qualidade para diferentes públicos. Não era escritora “para crianças”, nem “para adultos”; era autora para leitores, em geral. E isso pesou muito na hora de considerar o conjunto da obra para o Nobel.

Fé, dúvida, injustiça e a ética sem panfleto

Seria fácil reduzir Selma Lagerlöf a “contadora de histórias bonitas da Suécia rural”. O que a faz permanecer muito além desse rótulo é a densidade ética de sua obra. Em romances como “Jerusalém”, publicados em dois volumes entre 1901 e 1902, ela abandona qualquer complacência folclórica.

“Jerusalém” acompanha a história de um grupo de camponeses suecos que, influenciados por pregadores e por um clima de fervor religioso, decidem vender tudo e emigrar para a Palestina, na esperança de viver uma vida mais pura, mais próxima de Deus. Selma retrata com empatia a sede espiritual dessas pessoas, sua insatisfação com as injustiças da vida cotidiana. Mas não deixa de mostrar o lado sombrio: o rompimento de laços familiares, o empobrecimento de quem fica, as ilusões comerciais e políticas que se misturam com o discurso da fé.

Nesse e em outros livros, mulheres surgem como protagonistas de conflitos que ressoam muito além da época. Há esposas presas em casamentos sufocantes, jovens que pagam preço altíssimo por transgredir normas sociais, viúvas que lutam para manter suas terras em um mundo masculino. Selma não escreve manifestos feministas no sentido estrito, mas, ao dar voz e complexidade a essas figuras, desmonta de dentro a visão de mulher como coadjuvante dócil.

A mesma atenção aparece ao retratar idosos, pobres, pessoas à margem. Seu olhar não é sentimental, mas paciente. Ela não idealiza o “povo simples”, mas tampouco o trata como massa indistinta. Cada personagem é um pequeno universo moral, com contradições, autoengano, coragem e medo. É nessa recusa de simplificar o outro que mora grande parte da força ética de sua literatura.

O Nobel, o peso do gênero e a permanência de uma voz

Quando recebeu a notícia do Nobel, em 1909, Selma Lagerlöf já era amplamente respeitada em seu país e renomada no exterior, graças a traduções e adaptações. Ainda assim, o fato de ser mulher provocou reações. Alguns comentaristas insinuaram que a Academia teria se deixado levar por “patriotismo” ao premiar uma autora sueca, outros sugeriram que havia ali uma espécie de “cortesia” com o recém-organizado movimento de mulheres. Havia quem falasse em “literatura feminina” com um tom que misturava paternalismo e desdém.

Leitura completa no site

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1910 – Paul Heyse (Alemanha)



Paul Heyse:
o esteta que quis salvar a literatura pela perfeição da forma



Quando a Academia Sueca anunciou, em 1910, que o Prêmio Nobel de Literatura iria para Paul Heyse, o nome não causou tremores fora do mundo de língua alemã, mas, dentro dele, fazia todo sentido. Escritor prolífico, poeta, contista, romancista, dramaturgo, tradutor de peso e figura central da vida literária de Munique por décadas, Heyse representava um tipo de tradição que o Nobel, em seus primeiros anos, apreciava: a do “homem

de letras” completo, devotado à arte pela arte, à elegância da forma e ao polimento da frase.

Hoje, mais de um século depois, seu nome aparece frequentemente nas listas dos laureados “quase esquecidos” do prêmio. Em comparação com alguns gigantes que foram ignorados pela Academia, ele parece um caso de aposta em um cânone que o tempo não confirmou. Mas, para entender por que Paul Heyse foi laureado, e o que sua escolha diz sobre a literatura e o prêmio naquele momento, é preciso olhar com mais calma para a trajetória desse esteta convicto, que acreditava que a salvação da literatura estava na perfeição da forma, não na ruptura.

A formação de um “homem de letras” no século XIX

Paul Johann Ludwig von Heyse nasceu em Berlim, em 1830, em uma família de classe média intelectualizada. O pai era filólogo e professor universitário; a casa respirava livros e discussões eruditas. Desde cedo, o jovem Paul conviveu com línguas clássicas, poesia, teatro. Estudou nas universidades de Berlim e Bonn, interessando-se por filologia, história da arte, literatura italiana. A formação humanista, sólida e bastante tradicional, seria a base de toda a sua produção.

Ainda jovem, aproximou-se de círculos literários e conheceu alguns dos principais nomes da literatura alemã do período pós-romântico. Trazia, no entanto, uma inclinação clara: via a literatura como um exercício de refinamento, mais do que como palco de explosões subjetivas. A herança de Goethe e dos clássicos alemães pesava mais, para ele, do que os arroubos de um Sturm und Drang tardio.

Um período decisivo de sua formação foi a temporada na Itália, sobretudo em Roma e Nápoles. Ali teve contato direto com a paisagem, a arte e a cultura que até então conhecia

principalmente pela leitura. A luz mediterrânea, a escultura antiga, a pintura renascentista, a musicalidade da língua italiana o fascinaram. Essa experiência italiana não seria apenas tema de obra posterior, mas marca de estilo: em Heyse, há sempre uma busca de clareza, de proporção, de equilíbrio, que ele mesmo associava ao espírito clássico e mediterrâneo.

Ao se estabelecer em Munique, torna-se figura de referência em um círculo literário que buscava conciliar tradição e modernidade sem cair nem no academicismo pedante nem no experimentalismo radical. Era, de certo modo, o escritor ideal para uma época que ainda via a literatura como prática central da alta cultura burguesa.

O mestre da “Novelle”: precisão, concisão e clareza

Se hoje Paul Heyse é lembrado por algo em particular, é por sua contribuição ao gênero da novela, a “Novelle” alemã, essa forma intermediária entre o conto e o romance, com tradição fortíssima desde o século XIX. Em dezenas de textos breves, ele se especializou em construir narrativas de estrutura muito precisa, em que tudo converge para uma situação central, um conflito claro, um desenlace calculado com cuidado.

Sua prosa era admirada pela limpidez. Em uma época em que muitos autores ainda se permitiam longas digressões, Heyse prezava frases nítidas, diálogos enxutos, descrições econômicas. Nas novelas, preferia focar um pequeno grupo de personagens, um núcleo dramático específico, muitas vezes em torno de questões amorosas, dilemas morais ou choques entre dever social e desejo individual.

Críticos contemporâneos elogiaram nele justamente essa capacidade de “não desperdiçar palavras”. Não havia gordura, não havia excessos

barrocos; o texto parecia disciplinado por uma espécie de ética formal. A novela, para Heyse, era um organismo em que nada podia sobrar. Essa visão formalista, com forte influência de Goethe e de modelos italianos, fazia dele um autor “seguro” para um público que buscava leitura de qualidade sem escândalos estéticos.

Ao longo da vida, publicou coleções e mais coleções de novelas, que circularam muito bem no mundo germanófono. Vários desses textos eram reeditados em jornais, revistas literárias, antologias escolares. Sua presença no imaginário leitor de fala alemã, na virada do século, era muito mais forte do que aquilo que hoje se poderia supor apenas olhando para a pálida lembrança de seu nome.

Romances, teatro, poesia e traduções: um catálogo vasto

Embora a novela fosse seu território mais fértil, Paul Heyse também se aventurou com frequência no romance. Nessas obras mais longas, procurou combinar sua delicadeza estilística com uma tentativa de captar mais amplamente a vida social. Nem sempre com o mesmo brilho: muitos críticos consideram que ele funcionava melhor em estrutura curta, onde sua busca de concisão encontrava terreno ideal.

Ainda assim, seus romances têm importância histórica. Muitos lidam com conflitos de geração, com dilemas de artistas em uma sociedade burguesa que valoriza o sucesso econômico mais do que a vocação, com tensões entre a vida interior e as convenções. Em termos temáticos, Heyse não era revolucionário, mas mantinha um padrão de seriedade e sobriedade que o distanciava de literatura puramente escapista.

No teatro, escreveu dramas e peças que tiveram algum sucesso em seu tempo, embora hoje raramente sejam lembrados ou encenados. É um caso típico de dramaturgo cuja função histórica foi, em parte, alimentar o repertório de um período, sem, contudo, deixar marcas profundas nas décadas seguintes.

Já na poesia, cultivou uma lírica que muitos leitores viam como “clássica”: métrica segura, imagens claras, temas como amor, natureza, arte, conduzidos com elegância, mas sem romper paradigmas. Hoje, esses poemas interessam mais como documento de uma sensibilidade do que como obras capazes de impactar fortemente um leitor contemporâneo.

Um ponto, porém, mantém relevância: o papel de Paul Heyse como tradutor, especialmente de literaturas românicas. Ele verteu para o alemão obras importantes em italiano, espanhol, francês, contribuindo para ampliar o horizonte de leitura de seus compatriotas. Essa atividade de ponte cultural, apesar de menos vistosa que um romance de sucesso, pesou na imagem de Heyse como “homem de letras” no sentido pleno do termo.

Estilo, crítica e o elogio da elegância

O que unifica a produção de Heyse, nas diferentes formas que praticou, é algo que a Academia Sueca, em 1910, valorizou explicitamente: um apego à elegância formal, à correção estilística, à recusa do excesso. Em um cenário literário que começava a ver surgir tendências mais sombrias, naturalistas, experimentais, ele representava a linhagem de quem via na literatura sobretudo uma arte da medida e do equilíbrio.

Isso tinha, na época, uma conotação quase moral. A crença de que a forma poética bem trabalhada, clara, proporcionada, tinha um efeito civilizatório. Em discursos e prefácios, Heyse às vezes deixava transparecer certa desconfiança em relação a obras “desmedidas”, que apostavam na ruptura a qualquer custo. Sua defesa de uma literatura que concilia beleza e clareza soava, para muitos, como defesa de uma ideia de cultura burguesa cultivada, moderada, “alta” no melhor sentido.

Mas o que em 1910 parecia virtude, para parte da crítica do século XX virou fraqueza. Frente à avalanche de inovações formais, de profundidade psicológica radical, de experiências linguísticas arriscadas que marcariam o modernismo, a estética de Heyse passou a ser vista como excessivamente lisa, quase asséptica. Seu ideal de forma perfeita começou a parecer uma recusa de olhar de frente as contradições mais ásperas do mundo em transformação.

O Nobel de 1910: reconhecimento e sintoma

A decisão da Academia Sueca, em 1910, de agradecer Paul Heyse, vinha de uma lógica interna coerente com os primeiros anos do Nobel. Procurava-se, com frequência, autores que fossem, ao mesmo tempo, importantes em seus países e representantes de uma visão de literatura como instrumento de elevação espiritual, estética e moral. Heyse encaixava-se perfeitamente nesse perfil.

Na documentação da época, a Academia valorizou não apenas sua extensa obra de ficção e poesia, mas também sua atuação como tradutor e figura cultural, alguém que por décadas ajudara a moldar o gosto literário na Alemanha. Era quase um prêmio de “carreira”, uma consagração de serviço prestado às letras. Não se premiava um livro específico, mas um conjunto de vida.

O fato de sua escolha hoje parecer, a muitos, discutível, diz tanto sobre Paul Heyse quanto sobre a mudança dos critérios implícitos do próprio Nobel. Conforme o século XX avançou, com guerras, revoluções estéticas, questionamentos de valores tradicionais, a Academia, lentamente, passou a focar mais em autores que provocavam deslocamentos fortes na literatura, em vez de apenas representar bem uma tradição estabelecida. Nesse sentido, o nome de Heyse funciona como espécie de marcador de época: ele pertence a um Nobel ainda muito próximo do século XIX, convencido de que elegância e correção bastavam como prova de grandeza.

Esquecimento relativo e leitura possível hoje

Seria injusto dizer que Paul Heyse desapareceu por completo. Seus textos ainda circulam em antologias, sobretudo na Alemanha; estudiosos dedicados à história da novela alemã continuam a lê-lo como figura relevante na evolução do gênero. Em contexto acadêmico, seu nome surge com alguma regularidade. Mas, para o leitor comum, ele está longe de ser referência viva, ao contrário de outros contemporâneos seus.

A pergunta então é inevitável: vale a pena lê-lo hoje? Em certa medida, sim, desde que se saiba o que procurar. Quem se aproximar de Heyse esperando a intensidade psicológica de um Dostoiévski, a invenção formal de um Joyce ou a angústia existencial de um Kafka, vai se decepcionar. Mas quem estiver interessado em entender como uma parte da burguesia culta europeia do fim do século XIX se pensava e se queria ver representada pode encontrar, em suas novelas, um registro valioso.

Ali estão amores contrariados, conflitos entre vocação artística e exigências da vida prática, dramas de honra, pequenas tragédias de reputação. Tudo tratado com compostura, sem gritos, sem escândalo estilístico. É quase como assistir a um retrato de família impecavelmente posado, em que, se olharmos com cuidado, percebemos algumas rachaduras na moldura.

A escolha de Paul Heyse para o Nobel de 1910 pode ser lida, em retrospecto, como um lembrete de que o prêmio, embora prestigioso, é também um produto da sensibilidade e das limitações do seu tempo. Ele consagra não apenas autores, mas visões de mundo. No caso de Heyse, consagrou a crença de que a literatura poderia, pela perfeição da forma e pela sobriedade, ser guardiã de uma certa ideia de civilização.

Em um século que logo conheceria o colapso dessa mesma civilização nas trincheiras e nos campos de concentração, esse ideal parece, ao mesmo tempo, frágil e revelador. Ler Heyse hoje é, de certo modo, visitar um mundo às vésperas do abismo, ainda convencido de que a elegância das frases poderia proteger algo essencial. Não protegeu, mas deixou registrado, nas páginas meticulosamente trabalhadas de suas novelas, o retrato de uma confiança que o século XX trataria de destruir.

ARTE

Michelangelo:
O artista que conectou a beleza ao divino.



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/04/2026"



masculina, dilatando-a e explorando-a na mais completa tradução. Entregou-se às paixões proibidas da sua homossexualidade latente, muitas vezes dilacerando os sentimentos para proteger-se do seu tempo.



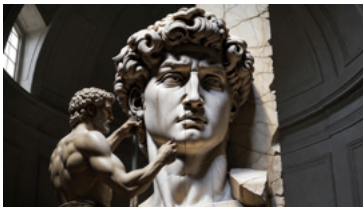
Era um homem que conhecia o peso da existência. E, ainda assim, continuou acreditando que a arte podia revelar algo sagrado, mesmo quando o sagrado parecia distante. Michelangelo foi o primeiro artista a ter biografias publicadas enquanto ainda estava vivo, consolidando seu status como gênio máximo da arte ocidental. Deixou um lembrete: o divino não está distante, apenas espera que alguém o liberte da matéria.



A herança de um artista

Revisitar Michelangelo é lembrar que a criação artística pode ser, acima de tudo, um gesto de transcendência. A escultura "Davi", por exemplo, não é apenas um símbolo de força e coragem. É a representação de um corpo humano tão harmonioso que transcende a própria humanidade. Michelangelo acreditava

que a figura já existia no bloco de mármore e que seu papel era libertá-la. Esse gesto, quase ritualístico, revela sua visão espiritual da criação artística.



Se a escultura lhe permitia revelar o divino na forma humana, a pintura lhe ofereceu a chance de narrar a própria relação entre Deus e a humanidade. A Capela Sistina, concluída em 1512, é talvez o exemplo mais grandioso dessa ambição.

A Capela Sistina não é apenas um marco da arte ocidental; é um manifesto visual. Michelangelo pintou o teto como quem escreve um tratado sobre a relação entre humanidade e transcendência. O quase-toque entre Deus e Adão virou símbolo universal porque traduz uma ideia poderosa: a vida é um sopro divino, e a beleza é a prova disso.

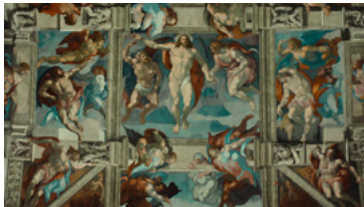
No centro da obra, o célebre "A Criação de Adão" mostra o instante em que a centelha divina passa do Criador ao primeiro homem. A cena, eternizada pelo quase toque entre dois dedos, tornou-se um ícone universal da ligação entre o humano e o transcendente. Ali, Michelangelo não apenas pintou corpos; pintou a própria ideia de vida como dádiva divina.

Na arquitetura, Michelangelo deixou sua marca mais imponente na Basílica de São Pedro, no Vaticano. Seu projeto para a cúpula, que ainda hoje domina o horizonte de Roma, foi concebido

como um gesto de elevação: uma estrutura que conduz o olhar para o alto, como se a própria construção fosse uma oração em pedra.

Décadas depois, ao retornar para pintar o "Juízo Final", o artista já era outro, mais maduro, mais inquieto, mais consciente da fragilidade humana.

Sua obra reflete uma busca incessante pela perfeição anatômica, impulsionada por uma fé profunda e pela influência da filosofia neoplatônica, que via na beleza do corpo a expressão da bondade divina.



Michelangelo como ponte entre
Beleza e Divino

Um homem obstinado pela ideia de que a beleza não era um capricho estético, mas uma forma de revelar o que há de mais elevado na condição humana. Em tempos em que a arte frequentemente se dobra às modas, às rupturas e às provocações vazias, revisitar Michelangelo é quase um ato de resistência, viveu e trabalhou em um tempo onde sua arte redefiniu a relação entre o ser humano e Deus, posicionando-o como um mestre que, ao moldar a beleza, esculpia o divino na terra.

Michelangelo tinha uma visão de mundo diferenciada; para ele, a beleza não era um fim, mas um caminho. Um caminho para Deus. Em pleno Renascimento, quando a razão e a ciência

ganhavam força, ousou afirmar que o corpo humano, com toda sua musculatura exagerada e tensão dramática, era um espelho do divino. Não por acaso, seu Davi encara o futuro com a serenidade de quem sabe que carrega algo maior do que si mesmo.

Em uma era saturada de imagens rápidas e descartáveis, Michelangelo nos lembra que a beleza pode, e deve, ser profunda. Que a arte pode ser um gesto de transcendência. Que o humano e o divino não são opostos, mas partes de uma mesma busca.

Um poema lírico inspirado na relação entre Michelangelo, a beleza e o divino.

Michelangelo sabia: a beleza não é forma, é revelação. É o instante em que o humano recorda que veio da luz. E assim, entre pincéis e cinzéis, ele nos deixou um segredo. O divino não está distante. Está escondido, sempre, naquilo que ousamos chamar de belo.

Michelangelo não produzia arte apenas para ser bela, mas para ser uma prece visual, capaz de elevar a mente do espectador do mundo terreno para o divino.



Michelangelo não conectou a beleza ao divino por acaso. Ele o fez porque acreditava que, sem essa conexão, a arte perde sua alma. E talvez seja essa a lição mais urgente que ele nos deixa.

Não buscava a beleza por vaidade. Buscava-a como quem procura Deus. E talvez seja por isso que sua obra ainda nos inquieta: porque nos lembra que o divino não está distante, mas escondido, às vezes, na curva de um ombro, no gesto de uma mão, na coragem de imaginar o impossível.

Michelangelo não conectou a beleza ao divino. Ele apenas revelou que, desde sempre, elas eram a mesma coisa. Há artistas que moldam a matéria. E há Michelangelo aquele que a desperta.

Em suas mãos, o mármore deixava de ser pedra. Tornava-se pele, sopro, silêncio prestes a falar. Ele parecia ouvir algo que o resto de nós não escutava: um rumor antigo, talvez divino, escondido no coração da matéria. E sua arte era o gesto de libertar esse segredo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/04/2026"

ARTE

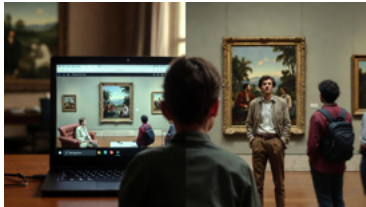
O Futuro dos Museus na Era Digital: Experiência ou Alienação?



Por Alexandre Câmara
COLONISTA

Alexandre Câmara é doutorando em Ciência da Informação pela UFPB, onde pesquisa cultura visual e xilogravura popular nordestina na perspectiva da Representação da Informação. Mestre em Comunicação Social e bacharel em Design, escreve a partir das relações entre arte, imagem, memória, linguagem e cultura popular.

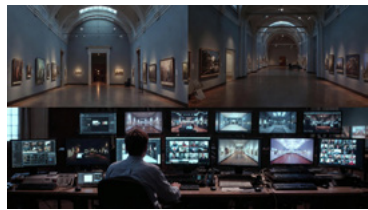
@camara1004



"Museus ampliam seu alcance com tecnologias digitais, mas a experiência diante da obra original ainda preserva uma autenticidade que a tela não reproduz por inteiro"

Ao mesmo tempo em que as tecnologias digitais aproximam o público dos museus, elas também reativam uma questão antiga sob nova forma: ver uma obra à distância equivale, de fato, a experimentá-la? A resposta talvez esteja menos em escolher entre o físico e o virtual do que em compreender o que cada um deles oferece e, sobretudo, aquilo que nenhum substitui integralmente.

A pandemia de Covid-19 acelerou de maneira decisiva um processo que já estava em curso. Com o fechamento temporário de museus em diferentes partes do mundo, instituições culturais precisaram reinventar rapidamente suas formas de presença. Tours virtuais, exposições on-line, acervos digitalizados, mediações remotas, vídeos educativos e plataformas interativas deixaram de ser apenas recursos complementares e passaram a ocupar o centro da relação com o público. O que antes era tendência converteu-se em urgência.



Essa transformação ampliou o alcance dos museus. O ambiente digital permitiu que coleções antes restritas ao espaço físico chegassem a visitantes de outras cidades, países e contextos sociais. Também abriu novas possibilidades de mediação, com recursos multimodais, visitas guiadas a distância, materiais educativos e ferramentas capazes de aprofundar a leitura das obras. Em muitos casos, o museu passou a existir para além de suas paredes, prolongando sua função educativa e cultural no ambiente on-line. No artigo Museos Virtuales: la fusión de la historia y la innovación en la comunicación gráfica, Gonzalo Javier Téllez Liendo resume bem esse cenário ao mostrar como realidade aumentada, realidade virtual e escaneamento 3D passaram a responder às demandas contemporâneas de acessibilidade, interatividade e educação, sem deixar de apontar os custos, a necessidade de formação de equipes e o desafio de equilibrar inovação e tradição.

Quando o digital amplia

O avanço das tecnologias digitais nos museus não se resume à exibição remota de obras. Ele também reorganiza a documentação, a preservação e a própria gestão dos acervos,



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific freeptik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/04/2026"

Réplicas digitais, modelos tridimensionais, bibliotecas temáticas, bancos de imagens e sistemas de monitoramento passaram a desempenhar funções estratégicas. Não se trata apenas de mostrar mais; trata-se também de registrar melhor, conservar com mais precisão e tornar certos objetos acessíveis a pesquisadores e públicos que, de outro modo, dificilmente teriam contato com eles.



No Paolo Clini e Ramona Quattrini observam que o contexto pandêmico e pós-pandêmico tornou urgente uma reflexão mais ampla sobre a transição digital no patrimônio cultural. Para os autores, os fac-símiles digitais e os processos de digitalização não devem ser vistos apenas como soluções emergenciais, mas como parte de uma cultura digital que envolve preservação, reuso e circulação do conhecimento. O texto também chama atenção para algo decisivo: o digital não é apenas ferramenta; ele passa a integrar a própria cadeia de valor do patrimônio, inclusive como memória futura dos processos técnicos e interpretativos que o produzem.

Esse horizonte se torna ainda mais evidente quando observamos os casos reunidos no mesmo dossiê. Clini e Quattrini destacam, por exemplo, o ensaio de Alberto Garlandini, então presidente do ICOM, baseado nos levantamentos globais de 2020, segundo o qual os museus se beneficiaram das oportunidades da inovação digital durante o lockdown, embora a crise também tenha ampliado desigualdades de acesso ao patrimônio e à participação cultural. O editorial ainda menciona experiências institucionais bem-sucedidas, como as estratégias digitais do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles e a trajetória do Galileo Museum, que há décadas trata a informática como instrumento central para pesquisa, documentação e valorização do patrimônio.

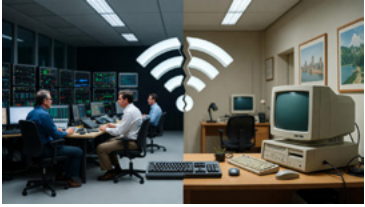
A digitalização também se revela especialmente importante quando lida com acervos frágeis, invisíveis ou de difícil acesso. No mesmo conjunto de textos, o estudo de Rita Maria Francesca Valenti, Concetta Luana Aliano, Emanuela Maria Paternò e Erika Gazzè sobre a digitalização de artefatos arqueológicos em Santa Lucia di Mendola mostra como o modelamento 3D pode tornar visível um patrimônio parcialmente ausente ou armazenado fora da exposição. Nesse caso, o digital não apenas reproduz: ele restitui, reconstitui e reinsere no circuito cultural aquilo que a materialidade, sozinha, já não consegue oferecer plenamente.

Os limites da tela

Mas a expansão digital cobra seu preço. Digitalizar acervos e sustentar plataformas de acesso não é uma operação neutra nem simples. Exige infraestrutura, políticas de preservação,

repositórios confiáveis, padrões de metadados, atualização tecnológica constante e equipes capacitadas. Sem isso, a inovação de hoje pode se converter rapidamente em obsolescência, perda de dados ou dependência técnica.

Além disso, a promessa de acesso ampliado não elimina automaticamente as desigualdades. Em vários contextos, ela as desloca. Nem todos os museus dispõem dos mesmos recursos para investir em transformação digital, e nem todos os públicos têm acesso estável a dispositivos, conexão ou repertório técnico para fruir plenamente essas plataformas. O próprio editorial de Clini e Quattrini destaca que a pandemia evidenciou a falta de letramento digital em grande parte das instituições e reforçou a necessidade de formação profissional e redução do chamado digital divide.



Em chave semelhante, Téllez Liendo sustenta que a adoção das tecnologias digitais precisa ser reflexiva e equilibrada. A inovação, segundo ele, deve complementar, e não substituir, a experiência física do museu. Já no artigo publicado na locus, a conclusão é ainda mais direta: a tecnologia deve melhorar, e não eclipsar, as coleções físicas e a missão cultural das instituições. O futuro, afirma o texto, aponta para espaços híbridos, nos quais o físico e o digital se entrelaçam de modo harmonioso.

É nesse ponto que a discussão deixa de ser apenas técnica e se torna estética, cultural e filosófica. Afinal, o que exatamente se perde, ou se transforma, quando a obra é deslocada para a tela?

A obra original ainda resiste

A visita remota pode ser eficiente, didática e, em muitos casos, surpreendentemente envolvente. Ela permite ampliar detalhes, rever imagens, consultar materiais complementares, personalizar percursos e acessar conteúdos que o circuito presencial nem sempre oferece com a mesma facilidade. Em certos casos, a experiência digital favorece até uma observação mais analítica do que a circulação apressada em uma sala expositiva.

Ainda assim, há algo que resiste à tradução integral.

Nenhuma reprodução em alta definição, nenhum tour em 360 graus e nenhuma interface imersiva consegue transferir por completo a experiência de estar diante do original. A obra, quando presencial, não é apenas vista: ela é percebida em sua escala real, em sua densidade material, em sua textura, em sua relação com a luz, com a sala, com o percurso, com o silêncio, com o corpo do visitante e com a presença dos outros. O museu não oferece apenas informação sobre a obra; ele oferece uma situação de encontro.

Essa questão aparece de modo especialmente sensível no texto de Esther Moñivas, incluído no volume Confinad+. Arte y tecnosfera #2. Pelo próprio recorte do ensaio, que passa pelos museus fechados, pela virtualização e pela "volta aos objetos e aos museus" após a reabertura, percebe-se que a pandemia não apenas impulsionou o digital, mas também recolocou em cena a centralidade da materialidade e da presença. A reabertura dos museus, nesse sentido, não representou apenas o retorno de uma rotina cultural: marcou o reencontro com a dimensão física da obra, com aquilo que a tela aproxima, mas não restitui por inteiro.

Há experiências em que isso se impõe com ainda mais força. Diante de certos objetos antigos, monumentais ou ritualizados, pense-se em esculturas, relevos, artefatos arqueológicos, pinturas murais, inscrições ou vestígios de civilizações como a egípcia, a presença física produz uma espécie de desproporção entre imagem e realidade. O que parecia conhecido pela reprodução revela outra escala, outra temperatura simbólica, outra espessura histórica. A obra deixa de ser apenas uma figura reconhecível e volta a ser um objeto situado no mundo. A autenticidade, aqui, não é uma abstração conservadora: é uma experiência concreta de relação entre corpo, tempo, espaço e matéria.

O museu híbrido como saída

É por isso que a oposição simplista entre museu físico e museu digital tende a empobrecer o debate. O problema não está em digitalizar; está em imaginar que a digitalização possa resolver, sozinha, todas as funções da experiência museal.

Os textos que você reuniu convergem, cada um à sua maneira, para uma saída mais convincente: o modelo híbrido. Não se trata de escolher entre tela e presença, mas de reconhecer que cada uma delas cumpre funções distintas. O digital pode preparar a visita, ampliar o acesso, democratizar parte da experiência, oferecer recursos educativos, manter vínculos com públicos remotos, favorecer pesquisas e fortalecer a preservação. O presencial, por sua vez, permanece como o lugar em que a obra se impõe em sua singularidade irrepetível.

No editorial organizado por Clini e Quattrini, essa perspectiva aparece em diferentes

contribuições. Annalisa Cicerchia e Ludovico Solima, por exemplo, analisam a pandemia como um verdadeiro "crash test" do papel e da estrutura dos museus, mostrando tanto o agravamento das desigualdades quanto a oportunidade de reconhecer a importância dos recursos digitais para manter viva a relação com o público e ativar novos segmentos de demanda. Já Matteo Troleani, em Reproductions, relocations and displacements of cultural heritage, propõe uma reflexão mais teórica sobre a visita a distância, sugerindo que as reproduções deslocam o espaço de recepção do patrimônio e reorganizam a própria experiência de contato com os artefatos. Em outras palavras, a reprodução não anula a obra, mas altera profundamente o modo como ela é recebida.



Talvez seja justamente aí que reside a chave da questão: o digital não elimina a autenticidade; ele a reconfigura, a tensiona e, em certa medida, a torna ainda mais visível. Quanto mais uma obra circula em reproduções, mais se evidencia aquilo que só o encontro presencial entrega por completo. O virtual amplia o alcance; a presença restitui a densidade.

Entre o acesso e o encontro

No fim das contas, o desafio dos museus na era digital não é decidir entre substituir ou resistir. É aprender a combinar expansão e limite, acesso e encontro, circulação e presença. A tecnologia pode ampliar públicos, sofisticar mediações, proteger acervos e fortalecer a função educativa das instituições. Mas a experiência de estar diante de uma obra e perceber que ela ocupa o mesmo espaço e o mesmo tempo que o visitante, continua sendo um dos últimos gestos de autenticidade que nenhuma reprodução consegue oferecer por inteiro.

Se o digital permite que mais pessoas cheguem ao museu, tanto melhor. Mas talvez o verdadeiro êxito dessa transformação esteja em algo mais modesto e mais profundo: fazer com que a tela não substitua a visita, e sim desperte o desejo dela.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/04/2026"

ARTE

Música e Identidade Nacional: mulheres no choro



Por Camila Barros
COLUMNISTA

Doutora em Ciência da Informação (2017), com estágio de pesquisa na Université de Montréal (Canadá). Atualmente em estágio de pós-doutorado, é Bibliotecária de formação. Docente e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina nos níveis de graduação em Biblioteconomia e Pós-Graduação em Ciência da Informação. Aspirante a cavaquinista, faz parte do grupo de choro "Academia no Choro", formado por professoras da UFSC. @cami_camilabarro



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/04/2026"

Quando se pensa em “vamos ouvir um chorinho”, “hoje tem roda de choro”, qual é a imagem que surge na mente de cada pessoa?

A imagem mental que se tem do gênero musical Choro representa justamente a memória construída histórica e socialmente sobre essa música. Tal memória é composta por diferentes sensações, contatos e histórias contadas sobre o choro. As vivências que temos nos dão ideias do que o choro pode significar e, a partir daí, desenvolvemos nosso próprio significado do que é o choro. Significar é um processo construtivo que engloba relações entre diversos elementos possibilitadas pela percepção sensível.

A partir do trabalho envolvendo pesquisadores e pesquisadoras, órgãos governamentais e não governamentais, musicistas, apreciadores e apreciadoras, em 29 de fevereiro de 2024 o Choro tornou-se Patrimônio Cultural do Brasil, registrado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A coordenação de pesquisa e texto, no âmbito do desenvolvimento do dossiê para Instrução Técnica do Processo de Registro do Choro como Patrimônio Cultural do Brasil foi e continua sob responsabilidade de Lúcia Pompeu de Freitas Campos, Pedro de Moura Aragão e Rafael Henrique Soares Velloso. As informações coletadas para o dossiê - além do contínuo registro de acervos, ações de ensino, associações e clubes, rodas e locais de performance, discografia

e pesquisas e publicações - estão disponíveis na Base de Dados Choro Patrimônio. Se você tiver informações e quiser colaborar com a memória do choro, pode contribuir com a Base de Dados.



Ao tornar o Choro patrimônio, constrói-se uma caracterização e uma memória que preserva, além de pessoas, lugares e eventos, também rastros, pistas para construção de narrativas múltiplas e expandidas sobre o choro. Nesse sentido, mesmo que o Choro pareça constituir um tipo de identidade nacional geral e (quase) homogênea a partir de seu reconhecimento como patrimônio, o que ocorre é justamente o oposto.

O Choro patrimônio reflete o mosaico cultural que o constitui e a diversidade que povoa a cultura popular alheia às fronteiras político-geográficas. A palavra de destaque, então, é a representatividade.

Quantas expressões do “choro” são necessárias para compor uma identidade nacional tornada

patrimônio? Quem, que lugares, que “choros” irão compor esse mosaico? Como mitigar ao máximo a possível invisibilização daquilo que não se tem conhecimento e, portanto, não se sabe do esquecimento?

O registro dessa memória, a forma de contar sobre a construção, permanência e mutações desse patrimônio depende de recortes, olhares, escolha de caminhos. Uma perspectiva para isso é a participação feminina no Choro.

Considerando que o papel de constituição de identidades plurais e que a continuidade ocorre nas práticas sociais, sofre mudanças, é recriada e ressignificada pelos grupos que a praticam, colocamos em evidência o choro, patrimônio brasileiro, fundado também por mulheres.

É preciso registrar que essa “descoberta” não é nova, mas sua redescoberta tem movimentado a cena do choro no Brasil e, consequentemente, a imagem construída sobre esse patrimônio e as identidades que representa.

Clamado como primeiro gênero musical genuinamente brasileiro e, reconhecidamente, como junção e/ou fusão de vários subgêneros (lundu, maxixe, polca, valsa, choro-sambado, entre outros), nomes como Chiquinha Gonzaga (1847-1935), Joaquim Callado (1848-1880), Ernesto Nazareth (1863-1934), Pixinguinha (1897-1973), Jacob do Bandolim (1918-1969) e Waldir Azevedo (1923-1980) são importantes

referências do choro brasileiro.

Os citados como expoentes dessa música desenharam um contorno quase que unicamente masculino à memória do choro. Chiquinha Gonzaga (compositora e pianista), graças a “Ô Abre Alas”, é a mulher mais lembrada quando o assunto é choro, já que teve a “audácia” de ter uma vida pública na música no final do séc. XIX. Já Tia Amélia (1897-1983, compositora e pianista), Lina Pesce (1913-1995, compositora e pianista) e Carolina Cardoso Menezes (1913-2000, compositora e pianista) não tiveram o mesmo reconhecimento.

Passando da primeira metade do séc. XX, temos outras choronas de grande escalão. Luciana Rabello (1961-) é compositora e multi-instrumentista, reconhecida como cavaquinista, foi a primeira mulher a integrar um regional (grupo profissional de choro), “Os Carioquinhas”, em 1976. Sim, você não leu errado... isso aconteceu somente em 1976. Praticamente ontem...

Outros nomes poderiam ser citados como Nilze Carvalho (1969- , compositora, bandolinista e cavaquinista), Jane Silvana Corilov (1962- , Jane do Bandolim) e Samara Líbano (1985- , compositora e violonista sete cordas). Contribuindo para a cena atual do choro, Ângela Coltri (1981-), compositora e flautista, lançou, em dezembro de 2025, o álbum “Eclipse”, exclusivamente com composições

autorais originais.

Passando pelo choro, o álbum ainda traz choro-sambado, maxixe, landó (música afro-peruana) e valsa. O álbum pode ser acessado no canal oficial da instrumentista no Youtube:

NO SITE ACESSEM OS LINKS

- YOUTUBE
- SPOTIFY

Quando se trata de identidade nacional o foco precisa ser na vivência do choro. O choro é um fenômeno que ocorre em todas as regiões do Brasil com diferentes sotaques e ritualidades. Não pretendemos, de forma alguma, reduzir a importância dos regionais e dos palcos para a disseminação desse gênero musical, mas é preciso considerar que, fundamentalmente, alguém precisa fazer a música, o choro precisa ser realizado por pessoas e é na performance que ocorre a efetivação das condições de criação e de reconhecimento da música. É no evento, no acontecimento musical, no fazer da roda de choro, no encontro de chorões, choronas, comunidades, ruas, esquinas, calçadas, que se revela o lugar social do choro. É daí que precisam ser extraídas as referências dos significados e das imagens mentais dessa sonoridade.

Em muitos casos, as convenções identitárias baseadas na música são transformadas em convenções de mercado e as características sociais e musicais são desfiguradas. Nesse ponto, retomamos a ideia de mosaico da memória cultural. Símbolos nacionais como aqueles representados pela patrimonialização são memórias registradas e sua fixação precisa de contextualização para garantir a tal representatividade.

Coletivos, grupos de choro e movimentos como a Roda de Choro Mulheril (Florianópolis, desde 2022), Roda das Minas (desde 2016, Curitiba), Abre a Roda (desde 2017, em Belo Horizonte), Chora – Mulheres na Roda (desde 2018, no Rio de Janeiro) - para os quais daremos mais atenção em outra oportunidade - são belíssimos exemplos da redescoberta do choro que contribuem para a composição da memória desse patrimônio. Nesse mosaico, o choro, como identidade nacional, ganha mais contornos também femininos.



PUBLIQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- Artigos: Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião.
- Ensaios: filosóficos e temas culturais.
- Poemas: Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- Crônicas: Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- Resenha: de livros e Filmes.
- Contos: Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- Minicontos: Histórias breves, impactantes e criativas.
- Prosa Livre: Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

ARTE

Por que a Beleza Importa na Arte?



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar

O conceito de beleza na arte

Beleza é, antes de tudo, uma medida de afeto e emoção. No contexto da arte, ela funciona como um indicador de comunicação bem-sucedida entre artista e observador, a transmissão sensível de um conceito, de uma visão ou de uma experiência. A beleza não é mero ornamento: ela organiza o caos, oferece sentido e cria padrões que ajudam a compreender o mundo. Filósofos como Platão e Kant defendiam que o belo possui uma dimensão cognitiva, capaz de ensinar sobre harmonia, proporção, equilíbrio e até sobre nós mesmos. Quando uma obra nos comove pela beleza, não

estamos apenas admirando formas; estamos reconhecendo uma ordem que ressoa com nossa sensibilidade.



O belo é aquilo que provoca uma experiência estética significativa, seja pela forma, proporção, harmonia, estranhamento ou efeito sensorial, cultural e histórico.

A beleza está em toda parte: nos detalhes da vida, nos gestos, nos movimentos que nossos olhos captam e nossas mãos tocam. Importa lembrar que beleza não é sinônimo de suavidade. Há obras belas que inquietam, perturbam e obrigam o olhar a permanecer onde preferiria

não estar. As concepções de beleza, ao longo da história, buscaram captar o que é essencial em todas as coisas belas.

As concepções clássicas definem a beleza pela relação entre o objeto e suas partes: estas devem estar em proporção adequada entre si, compondo um todo harmonioso. Já as concepções hedonistas incluem o prazer na definição de beleza, argumentando que existe uma conexão necessária entre o belo e o prazer desinteressado. Outras teorias associam a beleza ao valor, à atitude amorosa diante do objeto ou à sua função.

Um elemento comum entre muitas concepções é a relação entre beleza e prazer. O hedonismo estético sustenta que a experiência do belo é sempre acompanhada de prazer. Tomás de Aquino descreve a beleza como "aquilo cuja apreensão agrada". Kant, por sua vez, explica esse prazer como resultado da interação harmoniosa entre imaginação e entendimento. Surge então o dilema: algo é belo porque nos agrada, ou nos agrada porque é belo?

O que consideramos belo muda com o tempo, com a cultura e com a política. Debater beleza é debater valores. Quando uma obra é acusada de "não ser arte" ou "não ser bela", é a arte que desagrada. O que está em jogo é menos a obra e mais o que a sociedade está disposta a reconhecer como digno de atenção. Muitas coisas que têm beleza não são obras de arte, mas objetos naturais. A beleza, portanto, não é apenas uma questão estética, mas também ética e social.

A beleza na arte importa?

A beleza está essencialmente ligada à arte. Podemos encontrar beleza e arte nas pequenas coisas, na essência interpretável do cotidiano. Cada pessoa, em sua interioridade, pensa, sente e admira de maneira singular. A beleza, por séculos tratada como essência da arte, voltou ao centro das discussões culturais. Em meio a obras que provocam, chocam ou questionam, surge a dúvida: a beleza ainda é necessária ou apenas um elemento entre tantos outros?

A arte moderna e contemporânea mostrou que o feio, o desconfortável e o dissonante também têm lugar. Obras que rompem com padrões estéticos tradicionais revelam que a beleza pode ser uma escolha, não uma regra. Ao negar o belo, muitos artistas buscam provocar reflexão, denunciar desigualdades ou expor tensões sociais. Paradoxalmente, essa ruptura reforça a importância do debate sobre o que consideramos belo.

Entre as teorias subjetivistas, destaca-se a de George Santayana. Em *The Sense of Beauty* (1896), ele propõe uma estética baseada na psicologia naturalista, defendendo que a beleza não é propriedade das coisas, mas uma experiência humana, resultado da interação entre percepção, emoção e imaginação. A beleza, portanto, revela a dimensão afetiva da nossa relação com o mundo; depende tanto do objeto quanto da capacidade humana de ver, sentir e

atribuir sentido. Podemos, assim, caracterizar a atitude da contemplação estética com uma "escuta" da nossa capacidade de sentir, por assim dizer, pois ela é para essa capacidade exatamente o que a escuta é para nossa capacidade de ouvir. Ou seja, a obra de arte é o símbolo objetivo do sentimento.

A teoria de Santayana permanece atual porque:

- mostra que a beleza é uma necessidade emocional, não um luxo;
- explica por que o gosto varia, mas a busca pelo belo é universal;
- revela que a arte não é apenas técnica, mas também psicologia e sensibilidade;
- ajuda a compreender o papel da estética na vida cotidiana.

Para ele, a beleza é uma forma de afirmação da vida: um modo de transformar a experiência em algo que vale a pena ser contemplado.

Quanto mais somos, mais ricos se tornam nossas vivências. Quando Santayana afirma que o belo é um valor, ele indica que aquilo que escolhemos considerar belo revela quem somos, o que desejamos e até o que tememos. Talvez esse seja o ponto mais urgente de sua filosofia: recuperar o direito ao encantamento como forma de resistência íntima. Em um cenário saturado de estímulos, recuperar esse direito é mais do que um gesto estético, é um gesto de lucidez. Mas quem sabe possamos parar para contemplar a beleza do inexplicável.

A beleza importa na arte porque importa em nós. Em meio a urgências, desafios e incertezas, a capacidade de tocar, elevar e fazer o olhar permanecer é uma afirmação de que a sensibilidade ainda tem lugar.

Arte que Previu o Futuro:

A Visão Profética dos Artistas e o Espírito de uma Época

POR
The Bard News, Redação

A história da arte é pontilhada por obras que, de maneira surpreendente, parecem ter vislumbrado o futuro. Longe de um misticismo ingênuo, essa capacidade da arte de antecipar eventos históricos, descobertas científicas e tendências sociais revela uma complexa interação entre a sensibilidade do artista, a absorção do Zeitgeist e a projeção de possibilidades latentes. Este ensaio mergulha nos mecanismos pelos quais a criação artística se torna um farol para o porvir, explorando a tensão entre a intuição genial, a síntese cultural e o impulso utópico ou distópico.

A arte, em sua essência, é um ato de criação que transcende o presente. Ela não apenas reflete a realidade, mas a reinterpreta, a questiona e, por vezes, a projeta em direções inesperadas. A ideia de que a arte pode "prever" o futuro é fascinante e levanta questões profundas sobre a natureza da criatividade, da percepção e da própria história. Não se trata de uma profecia literal, mas de uma presciência que emerge da capacidade do artista de sintonizar-se com as correntes subterrâneas de sua época e de imaginar o "ainda não". Este artigo se propõe a investigar essa capacidade, utilizando exemplos históricos e conceitos teóricos para desvendar como a arte se torna um laboratório de futuros.

I. O Artista como Visionário Primordial: Da Observação ao Protótipo

Desde os primórdios da civilização, a arte tem sido um veículo para a imaginação e a projeção de mundos. Mitos e lendas, muitas vezes expressos visualmente, continham narrativas de futuros possíveis, de catástrofes e de utopias. No entanto, é com figuras como Leonardo da Vinci, no Renascimento, que a capacidade do artista de antecipar o futuro ganha uma dimensão mais concreta e técnica.

Os cadernos de Leonardo são um testemunho de uma mente que não apenas observava a natureza com rigor científico, mas também a reimaginava em suas potencialidades. Seus desenhos de máquinas voadoras, tanques de guerra e submarinos, séculos antes de sua invenção, não eram meras fantasias. Eram o resultado de uma profunda compreensão dos princípios da física e da mecânica, combinada com uma imaginação que não se limitava às tecnologias existentes. Leonardo, como artista-engenheiro, demonstrava como a observação atenta e a síntese criativa podiam gerar protótipos visuais de um futuro tecnológico. Sua "presciência" era, em grande parte, uma função de seu método: uma fusão de arte e ciência que lhe permitia ver além do horizonte imediato.

II. A Era da Invenção e o Olhar dos Ilustradores: Concretizando o Amanhã

O século XIX, com a efervescência da Revolução Industrial e o avanço científico, viu a ficção científica florescer, e com ela, a arte visual que dava corpo a essas novas realidades. Escritores como Júlio Verne e H.G. Wells não apenas descreveram mundos e tecnologias futuristas, mas seus textos foram acompanhados por ilustrações que concretizavam essas visões.

Os ilustradores de Júlio Verne, como Édouard Riou e Léon Benett, foram cruciais para a materialização visual de invenções como o Nautilus de "Vinte Mil Léguas Submarinas" (1870) ou os veículos aéreos de "Robur, o Conquistador" (1886). Essas imagens não eram apenas decorativas; elas traduziam conceitos complexos em formas visuais compreensíveis e aspiracionais, influenciando o imaginário popular e, por sua vez, a própria direção da inovação tecnológica. A "pré-visualização" dessas tecnologias em um contexto artístico ajudou a torná-las não apenas possíveis, mas desejáveis.

Da mesma forma, as ilustrações para "A Guerra dos Mundos" (1898) de H.G. Wells, especialmente as de Henrique Alvim Corrêa, com seus icônicos tripods, criaram

uma iconografia para a invasão alienígena e a guerra tecnológica que ressoaria por décadas. Essas imagens, ao dar forma a medos e possibilidades, não apenas entretinham, mas também preparavam o público para a ideia de conflitos em escala global e tecnologias de destruição em massa que se tornariam uma realidade no século XX. A arte, aqui, atuava como um campo de ensaio para o futuro, tanto em suas promessas quanto em suas ameaças.

III. O Pulso da Modernidade: Vanguardas e a Captura do Inevitável

O início do século XX foi um caldeirão de transformações, e as vanguardas artísticas emergiram como os mais sensíveis barômetros dessas mudanças. O Futurismo italiano, liderado por Filippo Tommaso Marinetti, é um exemplo notável de um movimento que não apenas antecipou, mas abraçou e glorificou as tendências que moldariam o século. Seus manifestos e obras de arte celebravam a velocidade, a máquina, a energia e a destruição do passado, elementos que se tornariam centrais na modernidade.

Artistas como Umberto Boccioni, com suas esculturas que exploravam a "dinâmica" e a "continuidade no espaço", e Giacomo Balla, com suas pinturas que fragmentavam o movimento, capturaram a essência de uma era em aceleração. Embora sua apologia da guerra seja hoje vista com desconforto, ela, infelizmente, ressoava com as tensões políticas e o nacionalismo que levariam à Primeira Guerra Mundial. O Futurismo, nesse sentido, não "previu" a guerra por acaso, mas porque seus artistas estavam profundamente sintonizados com o Zeitgeist – o espírito da época – que, como Karl Mannheim argumentou em sua "Sociologia do Conhecimento", é um conjunto de tendências e forças inconscientes que moldam a cultura e a sociedade. Os futuristas, em sua busca por uma nova estética, inconscientemente deram forma às energias destrutivas e transformadoras que estavam prestes a explodir.

Outras vanguardas também demonstraram essa presciência. O Cubismo, com sua fragmentação da realidade e múltiplas perspectivas, pode ser visto como uma antecipação visual da física quântica e da relatividade, que desafiariam a percepção linear do espaço e do tempo. O Surrealismo, ao explorar o inconsciente e os sonhos, abriu caminho para uma compreensão mais profunda da psique humana, em paralelo com os avanços da psicanálise.

IV. A Arte como Espelho Invertido: Distopias e o Alerta para o Futuro

A capacidade da arte de antecipar o futuro não se limita a visões otimistas ou neutras; ela também se manifesta poderosamente na projeção de futuros distópicos, servindo como um alerta crítico. Obras como "Metropolis" (1927) de Fritz Lang, com sua representação de uma sociedade futurista dividida entre uma elite tecnológica e uma classe trabalhadora oprimida, ou as distopias literárias de George Orwell ("1984") e Aldous Huxley ("Admirável Mundo Novo"), que se tornaram cânones visuais e narrativos, anteciparam os perigos do totalitarismo, da vigilância em massa e da manipulação genética.

Essas criações não são meras fantasias; são exercícios de pensamento crítico que exploram as consequências extremas de tendências sociais e tecnológicas presentes, alertando para os caminhos que a humanidade poderia tomar. Elas são, em essência, "profecias condicionais": se continuarmos por este caminho, este será o resultado.

Nesse contexto, a teoria de Ernst Bloch sobre o "Princípio Esperança" (1954-1959) ganha uma dimensão crucial. Bloch argumenta que a arte é um dos campos onde o "ainda não" se manifesta, seja como uma utopia a ser alcançada ou como uma distopia a ser evitada. A arte, para Bloch, é um espaço de experimentação onde as possibilidades latentes da existência humana são exploradas e projetadas, impulsionando a consciência para além do presente.

CONTINUA...

Leia o artigo completo no Site



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/04/2026"

LITERATURA

O Romance Como Campo de Batalha: Linguagem, Poder e Narrativa no Presente



Por Clayton Zocarato
COLUNISTA

Professor, graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP. Formado Especialista em Medina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário - Argentina.

@clayton.zocarato



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/04/2026"

Em tempos de intensa turbulência política e social, o romance volta a assumir uma função que, na verdade, nunca abandonou completamente: a de instrumento crítico da realidade histórica. Mais do que um simples gênero literário voltado ao entretenimento ou à introspecção psicológica, o romance contemporâneo revela-se um espaço onde linguagem, política e imaginação se entrelaçam. A narrativa longa torna-se, assim, um campo de batalha simbólico onde se disputam sentidos sobre o mundo.

A teoria do romance já indicava, desde pensadores como Georg Lukács, que esse gênero nasce da tensão entre indivíduo e sociedade. Para Lukács, o romance é a forma literária da modernidade justamente porque

expressa a experiência de um sujeito deslocado em um mundo fragmentado. Essa ideia continua surpreendentemente atual. Em um cenário marcado por polarizações políticas, crises institucionais e disputas narrativas sobre a verdade, o romance se torna um espaço privilegiado para explorar as fissuras do presente.



A linguagem, nesse contexto, deixa de ser apenas meio de expressão e passa a ser parte central do conflito. Cada escolha narrativa, o ponto de vista, o ritmo da frase, a construção do narrador, carrega uma dimensão política. Afinal, narrar é selecionar, organizar e interpretar a realidade. Como observou o crítico literário Mikhail Bakhtin, o romance é um gênero profundamente dialógico, onde múltiplas vozes coexistem e entram em confronto. Essa multiplicidade reflete, de forma quase estrutural, a pluralidade e o conflito presentes na vida social.

No romance contemporâneo, essa característica se intensifica. Personagens frequentemente habitam mundos atravessados por desinformação, discursos ideológicos e disputas simbólicas. A própria linguagem dos personagens revela fraturas sociais: gírias, discursos burocráticos, slogans políticos e falas cotidianas se misturam, criando uma espécie de mosaico linguístico do presente. O romance, assim, torna-se um espelho crítico da forma como falamos e, portanto, de como pensamos.

Mas a crítica política do romance raramente se apresenta de maneira direta ou panfletária. Sua força reside justamente na ambiguidade. Ao acompanhar trajetórias individuais, o leitor percebe como estruturas históricas e políticas se infiltram na vida íntima das pessoas. O desemprego, a precariedade, a violência simbólica ou institucional aparecem não apenas como temas, mas como experiências vividas pelos personagens.

Dessa forma, o romance contemporâneo não se limita a representar a realidade; ele a questiona.

Ao reorganizar a linguagem e criar novas formas de narrar o mundo, a literatura abre espaços de reflexão que muitas vezes escapam ao discurso político tradicional. Em vez de respostas rápidas, o romance oferece complexidade e, talvez, seja exatamente disso que mais precisamos em um tempo marcado por simplificações e certezas extremas.

Assim, o romance permanece como uma das formas mais sofisticadas de pensar o presente. Entre estética e crítica, entre linguagem e história, ele continua a nos lembrar que toda narrativa sobre o mundo é também uma disputa sobre o seu significado. E, nesse sentido, cada romance escrito hoje é, inevitavelmente, um gesto político.



"O Café Passagem" - Capítulo 8: : Investigação

GÊNERO - CONTO

Por J.B Wolf
ESCRITOR

Recapitulação

Capítulo 7: A Vida de Luísa

Revelamos o passado de Luísa: uma tradutora freelancer de 28 anos que sempre se sentiu desconectada da própria vida, como se assistisse tudo "através de um vidro". Após as revelações sobre Daniel, ela liga para Sofia, sua melhor amiga psicóloga. Sofia ouve a história com ceticismo profissional, sugerindo que Daniel pode ser apenas muito observador ou estar inconscientemente manipulando Luísa. Sofia aconselha cautela, mas também reconhece que Luísa merece ser feliz. Luísa reflete sobre sua coleção de faróis em miniatura, símbolos de sua vida solitária "em uma torre", observando os outros de longe. O capítulo termina com ela ligando para Daniel, propondo que no jantar sejam apenas "duas pessoas normais", sem dons ou destinos — ela quer conhecer o homem real, não o visionário.



Capítulo 8 - : Investigação

Luísa acordou na quarta-feira com uma determinação que não sentia há anos. As palavras de Sofia ecoavam em sua mente: "Conheça a pessoa por trás do mistério." Se ia se entregar a essa história impossível, precisava ter certeza de que conhecia o homem real, não apenas a lenda que ele carregava.

Decidiu fazer o que fazia de melhor: pesquisar.

Sentou-se ao computador com uma xícara de café e começou a investigar Daniel Carvalho. Não para desmascarar uma farsa, mas para entender quem ele realmente era quando não estava escrevendo sobre o futuro.

A busca inicial revelou pouco: um perfil discreto no LinkedIn indicando trabalho como revisor freelancer, algumas menções em projetos editoriais, nada nas redes sociais. Daniel parecia viver deliberadamente nas sombras do mundo digital.

Mas Luísa era persistente. Mudou de estratégia.

Às dez da manhã, estava na porta do Café Passagem.

— Luísa! — Dona Carmen, a proprietária, sorriu ao vê-la. — Que bom te ver de novo. Vai querer o de sempre?

— Na verdade, queria conversar com você, se tiver um tempinho.

Carmen era uma mulher de sessenta anos, cabelos grisalhos sempre presos em um coque, que havia herdado o café do marido falecido. Conhecia cada cliente regular pelo nome e tinha memória de elefante para detalhes.

— Claro, querida. Senta aí que já trago seu chá.

Quando Carmen voltou com a bandeja, Luísa respirou fundo.

— Dona Carmen, o Daniel... há quanto tempo ele frequenta aqui?

— Ah, o Daniel! — Os olhos de Carmen se iluminaram. — Uns três anos, mais ou menos. Sempre muito educado, pontual. Todo domingo às 10h12, como um relógio suíço.

— E ele sempre... escrevia?

— Sempre. Chegava com aquele caderno debaixo do braço, pedia o café sem açúcar, e ficava lá escrevendo por mais de uma hora. Nunca incomodava ninguém, nunca falava ao telefone. Um rapaz muito reservado.

— Ele já comentou sobre o que escrevia?

Carmen hesitou, como se estivesse decidindo quanto revelar.

— Uma vez, faz uns dois anos, ele estava meio abatido. Eu perguntei se estava tudo bem, e ele disse uma coisa estranha: "Estou esperando alguém que ainda não chegou." Pensei que fosse um encontro marcado, sabe? Mas ele continuou: "Ela vai aparecer aqui, eu sei. Só não sei quando."

Luísa sentiu um arrepio.

— Ele disse mais alguma coisa?

— Disse que escrevia sobre ela. Sobre uma mulher que conheceria aqui no café. Achei meio... romântico, sabe? Como se ele estivesse escrevendo uma história de amor.

— E a senhora acreditou?

Carmen riu.

— Querida, depois de quarenta anos servindo café, você aprende que todo mundo tem suas manias. Uns leem jornal, outros fazem palavras cruzadas. O Daniel escrevia sobre

uma mulher imaginária. Não me parecia mais estranho que qualquer outra coisa.

— Mas então eu apareci.

— E como apareceu! — Carmen se inclinou, conspiratória. — No primeiro domingo que você veio, eu vi o Daniel te observando. Quando você se aproximou da mesa dele, pensei: "Pronto, agora ele vai descobrir que a vida real é diferente da fantasia."

— E o que aconteceu?

— Ele ficou branco como papel. Depois vermelho como tomate. E então... — Carmen sorriu — então ele sorriu de um jeito que nunca tinha visto antes. Como se tivesse encontrado algo que procurava há muito tempo.

Luísa absorveu a informação. A versão de Carmen confirmava a de Daniel, mas de uma perspectiva externa.

— Dona Carmen, posso fazer uma pergunta indiscreta?

— Pode.

— A senhora acha que o Daniel é... equilibrado? Mentalmente, digo.

Carmen considerou a pergunta seriamente.

— Olha, querida, eu já vi de tudo neste café. Gente que fala sozinha, que vê coisas que não existem, que inventa histórias malucas. O Daniel nunca me pareceu desequilibrado. Excêntrico, talvez. Mas sempre foi gentil, respeitoso, pagava em dia. E principalmente... — ela tocou o braço de Luísa — ele nunca tentou convencer ninguém de nada. Ficava no canto dele, escrevendo, sem incomodar.

— Até eu aparecer.

— Até você aparecer. E aí, pelo que vejo, vocês dois se encontraram de verdade.

Depois de deixar o café, Luísa decidiu visitar a editora onde Daniel trabalhava ocasionalmente. Havia encontrado o endereço em um dos projetos listados em seu perfil profissional.

A Editora Meridiano ficava em um prédio antigo no centro, com corredores estreitos e o cheiro característico de papel e tinta. A recepcionista, uma jovem de vinte e poucos anos, a direcionou para o departamento editorial.

— Daniel Carvalho? — O editor-chefe, um homem de meia-idade chamado Roberto, franziu a testa. — Claro que conheço. Excelente revisor. Trabalha conosco há uns cinco anos.

— Como ele é como pessoa?

Roberto pareceu surpreso com a pergunta.

— Você é jornalista? Polícia?

— Não, não — Luísa se apressou a explicar.

— Sou... uma amiga. Estou tentando entender melhor quem ele é.

— Ah, entendo — Roberto sorriu. — Bom,

o Daniel é um dos profissionais mais confiáveis que conheço. Entrega sempre no prazo, trabalho impecável, nunca dá problema. Meio solitário, talvez, mas não no sentido antissocial. Apenas... reservado.

— Ele já comentou algo sobre... habilidades especiais?

Roberto riu.

— Habilidades especiais? O Daniel tem um olho excepcional para erros que outros revisores perdem. É quase como se ele soubesse onde procurar antes mesmo de ler. Mas isso é talento profissional, não magia.

— Ele já previu alguma coisa? Eventos, mudanças na empresa?

— Agora que você menciona... — Roberto pausou, pensativo. — Há uns dois anos, ele sugeriu que não aceitássemos um projeto específico. Disse que tinha "uma sensação ruim" sobre o autor. Acharmos estranho, porque o projeto parecia lucrativo. Mas seguimos a intuição dele.

— E?

— Três meses depois, o autor foi preso por fraude. Se tivéssemos publicado o livro, teríamos perdido muito dinheiro e credibilidade.

Luísa sentiu o coração acelerar.

— Isso aconteceu outras vezes?

— Algumas. Pequenas coisas. Ele sugeria mudanças de cronograma que sempre se mostravam acertadas, evitava projetos que depois davam problema. Pensávamos que ele era apenas muito intuitivo.

— E agora? Ele ainda faz essas... sugestões?

— Curiosamente, não. Nas últimas semanas, ele parece diferente. Menos... como posso dizer... menos como se estivesse sempre um passo à frente. Mais presente, se é que isso faz sentido.

Fazia todo o sentido.

À tarde, Luísa visitou a biblioteca municipal, onde Daniel havia mencionado passar muito tempo durante a adolescência. A bibliotecária-chefe, Dona Marta, lembrava-se dele perfeitamente.

— O Daniel! Claro que lembro. Vinha aqui quase todo dia depois da escola, dos doze aos dezoito anos. Sempre muito educado, muito curioso.

— Sobre o que ele pesquisava?

— De tudo um pouco. História, filosofia, ciências. Mas tinha uma obsessão particular com livros sobre tempo, percepção, fenômenos inexplicados. Li alguns dos livros que ele pegava emprestado, por curiosidade. Coisas sobre física quântica, parapsicologia, relatos de experiências extrasensoriais.

— Ele comentava por que se interessava por

esses assuntos?

— Uma vez, quando tinha uns quinze anos, ele me perguntou se eu acreditava que algumas pessoas podiam "ver" coisas antes de acontecerem. Disse que era para um trabalho escolar, mas percebi que era mais pessoal.

— E o que a senhora respondeu?

— Que o mundo era cheio de mistérios, e que manter a mente aberta era sempre uma boa ideia. Ele sorriu e disse que esperava que eu estivesse certa.

— Ele parou de vir aqui quando?

— Gradualmente, depois que entrou na faculdade. Mas sempre que o encontro na rua, ele para para conversar. Um rapaz muito especial, aquele Daniel.

No final da tarde, Luísa estava de volta ao seu apartamento, organizando mentalmente tudo que havia descoberto. Cada pessoa com quem conversara confirmava a mesma coisa: Daniel era exatamente quem dizia ser. Não havia sinais de desequilíbrio, manipulação ou farsa.

Mais que isso: havia um padrão consistente de comportamento que sugeria que ele realmente possuía algum tipo de intuição excepcional sobre eventos futuros. E esse padrão havia mudado recentemente — exatamente quando ele conheceu Luísa.

Às seis da tarde, o telefone tocou.

— Oi — disse Daniel. — Como foi seu dia?

— Interessante — Luísa respondeu. — Muito interessante.

— Quer contar?

— Pessoalmente. Ainda vale nosso jantar?

— Claro. Passo te buscar às oito?

— Perfeito.

Quando desligou, Luísa se olhou no espelho. A mulher que a encarava de volta parecia diferente da que havia acordado naquela manhã. Mais confiante, mais decidida.

Havia saído em busca de evidências que pudessem desmascarar Daniel ou confirmar suas suspeitas. Em vez disso, encontrara algo muito mais valioso: a confirmação de que o homem por quem estava se apaixonando era exatamente quem dizia ser.

Agora, restava apenas uma pergunta: estava pronta para aceitar que o impossível podia ser real?

Olhando para a caixa de faróis em miniatura sobre a cômoda, Luísa sorriu. Talvez fosse hora de parar de ser a guardiã solitária da torre e se permitir ser resgatada.

Ou melhor ainda: talvez fosse hora de descobrir que não precisava ser resgatada. Precisava apenas encontrar alguém disposto a construir uma nova torre junto com ela.

LITERATURA

O Jardim de Contos de Fadas do Volkspark Friedrichshain em Berlim.



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar



Conhecido em português como Fonte dos Contos de Fadas, é um dos monumentos mais emblemáticos de Berlim. Localizado no Volkspark Friedrichshain, é o parque público mais antigo da cidade, no conjunto arquitetônico e escultórico celebrando o universo dos contos tradicionais alemães, especialmente aqueles eternizados pelos Irmãos Grimm.

O projeto foi desenvolvido pelo arquiteto Ludwig Hoffmann, que trabalhou nele entre 1901 e 1905. Hoffmann inspirou-se em teatros aquáticos italianos e buscou criar um espaço que unisse monumentalidade e fantasia, especialmente pensado para encantar crianças, adultos e famílias.



A estrutura principal tem uma grande fonte central medindo 34 x 54 metros, com cascatas, bacias d'água e figuras de sapos que jorram água, incluindo o famoso "Príncipe Sapo". Uma mistura de fantasia e elegância clássica.

O conjunto inclui 106 esculturas criadas por artistas como Ignatius Taschner, Georg Wrba e Josef Rauch.

Entre os contos representados estão:

- João e Maria (Hansel und Gretel)
- O Gato de Botas
- Cinderela
- Chapeuzinho Vermelho
- Branca de Neve e os Sete Anões
- A Bela Adormecida
- Os Sete Corvos.

Além do Jardim de Contos de Fadas, o parque oferece:

- Lagos e áreas verdes
- Montanhas artificiais feitas de escombros da Segunda Guerra Mundial
- (Mont Klamott)
- Monumentos históricos
- Cinema ao ar livre no verão
- Cafés e áreas de lazer.

O Märchenbrunnen tem uma grande importância cultural, é mais do que um ponto turístico:

- Representa a valorização da tradição literária alemã.
- É um dos principais conjuntos escultóricos dedicados a contos de fadas no mundo.
- Sobreviveu a danos severos durante a "Segunda Guerra Mundial" e passou por diversas restaurações.

Hoje, é considerado um monumento arquitetônico federal e um dos lugares mais fotogênicos de Berlim. É um lugar onde história, arte e imaginação se encontram. Caminhar entre suas esculturas é como revisitar a infância, cercado por uma atmosfera mágica que encanta visitantes de todas as idades.

Um verdadeiro portal para o mundo dos contos de fadas. Um jardim de encantamentos acordados.

"William Shakespeare, talvez um dos principais mestres da literatura, escreveu que 'há quem diga que todas as noites são de sonhos, dormindo ou acordados'.

No coração verde do Volkspark Friedrichshain, repousa o Jardim de Contos de Fadas, um lugar onde a infância se deita sobre a pedra e a água, e onde cada escultura respira histórias que nunca envelhecem. Onde o tempo parece caminhar devagar, como se tivesse receio de perturbar o sono dos sonhos antigos. Cada canto com encantos especiais. O ar muda. A luz muda. Até o silêncio muda, torna-se um silêncio cheio de vozes, como se cada folha carregasse um sussurro de Grimm, cada gota de água um eco de encantamento. Sentir algo assim é maravilhoso, tudo parece descomplicado. Cada figura é uma

pausa no tempo, um instante cristalizado entre o abstrato, o imaginário, o real e o maravilhamento entre o acolhimento.

O parque Volkspark Friedrichshain é como um livro aberto, que envolve o jardim como um grande abraço verde. As árvores, altas e antigas, parecem cúmplices desse teatro de fantasia. É um portal, um lugar onde a infância nunca parte, esculturas, fontes... são atemporais, eles brincam no tempo e com o tempo, nascem e renascem a todo instante.

Lembrando que, por mais que crescamos, há sempre um canto em nós onde os contos de fadas continuam vivos, esperando somente um gesto, um olhar, um passo para despertarem. Os contos de fadas são histórias universais que permeiam há muito e muito tempo a vida do ser humano.

Afinal, paramos para pensar, quantos "era uma vez" já não vivenciamos em nossos contos de vida?

Leia, a seguir, o conto apresentado.

A Menina que Ouviu as Estátuas.

Um conto nascido no Märchenbrunnen, Volkspark Friedrichshain.

Dizem que, ao cair da tarde, quando o sol se esconde atrás das copas antigas do Volkspark Friedrichshain, o Jardim de Contos de Fadas respira. Não, é algo que se vê — é algo que se sente, como um arrepio leve, como o instante antes de um segredo ser revelado.

Naquela tarde de início de verão, Elara, uma menina de olhos atentos e passos silenciosos, caminhava sozinha pelo parque. Ela vinha todos os dias, mas nunca pelo mesmo motivo. Às vezes,

buscava silêncio. Outras vezes, buscava respostas. Naquele dia, porém, ela buscava algo que não sabia nomear.

Quando chegou ao Märchenbrunnen, o ar estava parado, como se o jardim inteiro prendesse a respiração. As esculturas — os sapos imóveis, os anões vigilantes, as princesas de pedra — pareciam observá-la. Elara sentiu um chamado, suave como o toque de uma pena. Aproximou-se da fonte central, onde a água refletia o céu como um espelho partido.

Foi então que ouviu.

Uma voz. Baixa. Rasgando o silêncio como um fio de luz.

— Você voltou.

Elara girou o corpo, mas não havia ninguém. Somente a estátua do Príncipe Sapo, imóvel em sua pose eterna.

— Aqui — disse a voz, agora mais clara.

A menina se aproximou. O sapo de pedra tinha os olhos fixos nela, mas algo neles parecia... vivo. Como brasas sob cinzas.

— Você consegue me ouvir, não consegue? — perguntou a voz, que parecia vir de todos os lados e de lugar nenhum.

Elara engoliu seco. — Consigo.

O jardim inteiro pareceu estremecer, como se tivesse esperado séculos por aquela resposta.

— Então escute bem, menina. Esta noite,

quando a lua tocar a água da fonte, o feitiço se abrirá. E você será a única capaz de atravessar.

— Atravessar para onde? — perguntou Elara, sentindo o coração bater como asas.

O sapo não respondeu. Em vez disso, a água da fonte começou a brilhar — um brilho suave, prateado, como se a lua tivesse chegado antes da hora.

E então, pela primeira vez desde que fora esculpida, a estátua moveu a cabeça.

— Para o outro lado da história.

O vento soprou forte, levantando folhas, girando o ar, fazendo o jardim inteiro cantar. As esculturas pareciam despertar, uma a uma, como se estivessem se espreguiçando após um longo sono.

Elara deu um passo à frente. Depois, outro. A água brilhante chamava por ela.

E quando a ponta de seus dedos tocou a superfície, o mundo se abriu como um livro que finalmente encontra quem o leia.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok", sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/04/2026"

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

CULTURA

Dicionários De Cultura Popular Do Nordeste Brasileiro



Por Beth Baltar
COLUNISTA

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

@beth_baltar



Uma região é uma construção, resultado de interesses e agentes diversos, que disputam e/ou se aliam entre si para conquistar o poder de divisão de um espaço, dando a esse espaço uma identidade. Considerando que as cidades de uma região são formadas pela união de diversas raças e povos, não podemos ignorar a diversidade étnica que caracteriza um país. Na formação do povo brasileiro participaram três etnias: o

índio, o português e o africano. A miscigenação étnica e cultural desses três elementos foi o pilar para a composição da população do Nordeste, porém essa mistura de raças não aconteceu de forma uniforme. O Nordeste é a região brasileira que possui a maior quantidade de Estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco (incluindo o Arquipélago Fernando de Noronha), Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, consequentemente a miscigenação étnica faz com que a cultura se manifeste de diversas formas.

A língua oficial do Brasil é o português, porém em cada parte do país, pode-se dizer, há uma variação linguística característica, devido à mistura de muitas raças. Percebe-se então, que a língua, com suas variações, é indispensável à formação da sociedade. As particularidades da língua, em uma determinada comunidade linguística, apresentam grandes diferenças e essa comunidade é responsável pelos regionalismos, pela variação sócio-linguístico-étnico-cultural. Assim, é na língua do povo que se apresentam refletidas as representações e construções de uma sociedade, por isso se constitui como um dos bens mais preciosos.

A investigação da língua em uso, que se manifesta em situações cotidianas, na oralidade e na escrita, ressalta a importância de olhar a linguagem como um conjunto de práticas culturais, que se presume que os falantes possuam para que possam usar e interpretar as formas linguísticas. A antropologia linguística dedica-se ao estudo do papel das línguas e da faculdade linguística dos indivíduos, que é culturalmente medida. Para alguns estudiosos a antropologia linguística coexiste com a sociolinguística e a etnolinguística. A sociolinguística estuda as estruturas linguística e social, comparando-se, mostrando as variações sistemáticas entre elas, privilegiando a diversidade linguística, e limitando suas dimensões: a identidade social do falante, a identidade social do ouvinte e os elementos da comunicação. Assim, os conceitos e pensamentos de uma comunidade se estabelecem de acordo com as características de sua língua, indispensável na formação da sociedade. Para a etnolinguística, as principais preocupações têm sido padrão e funções da comunicação, natureza e definição da comunidade de fala, os meios de comunicação, os componentes da competência comunicativa, a relação da linguagem com a visão de mundo e a organização social, os universais linguísticos e sociais e as desigualdades linguísticas. Desse modo, ressalta-se a importância da linguagem como um conjunto de práticas culturais, a antropologia linguística com a responsabilidade interdisciplinar, a sociolinguística com o estudo da relação língua-sociedade e a etnolinguística, da relação língua-cultura.

Assim, por meio de dicionários de cultura popular, que são de três tipos: dicionário

Dicionários Populares do Nordeste Brasileiro com Links de Acesso	
Dicionário	Links
Alagoês	dicionariosvarios.blogspot.com
Baianês	acarajeedeliciasdabahia.com.br
Cearensês	www.abih-ce.com.br
Maranhês	pt.scribd.com
Paraibês	pt.scribd.com
Pernambquês	pt.scribd.com
Piauiês	portalpiracuruca.com
Potiguar	caninga.blogspot.com
Sergipbanês	pt.scribd.com

Termos Populares Nordestinos por Estado Palavras Utilizadas em Pelo Menos 4 Estados		
Termo	Definição	Estados
ABILOLADO	abastalhado	AL / CE / PE / PI
APERREADO	agoniado	AL / CE / MA / PE / PI
ARENGA	briga	AL / CE / PE / PI / RN
ARRETADO	muito bom	AL / PB / PE / PI
ARRODEAR	dar volta por fora	AL / BA / MA / PE
AVEXADO	apressado	AL / BA / CE / MA / PB / PE / PI
AVIA	interjeição para apressar	AL / CE / PI / RN
ESTRIBADO	muito dinheiro	CE / MA / PB / PI
GARAPA	caldo de cana	AL / BA / MA / PI
GASTURA	agonia	AL / CE / PB / PI
INHACA	mal cheiro	CE / MA / PB / PE
LISO	sem dinheiro	CE / MA / PE / PI
MANGAR	chacotear	AL / BA / PB / PI
MURIÇOCA	pernilongo	AL / CE / MA / PE
PEBA	vagabundo	BA / CE / PB / PE / PI
QUENCA	prostituta	AL / CE / MA / PI
RUMA	monte	BA / MA / PB / PI
TORAR	estourar	AL / BA / PB / PE
ZAMBETA	perna torta	AL / BA / CE / MA / PE
ZOADA	barulho	AL / MA / PE / PI

sobre o povo; dicionário para o povo; e o dicionário do povo ou popular, optamos por apresentar as variantes socioculturais da região nordestina do Brasil, pelos dicionários populares: alagoanês, baianês, cearensês, maranhês, paraibês, pernambquês, piauiês, potiguar, sergipbanês.

Apresentamos alguns exemplos de termos mais utilizados pelos nordestinos em seus diferentes Estados e considerados em pelo menos quatro Estados. Não visamos à exaustividade, mas mostrar o aparecimento de diversos termos usados na linguagem popular, do falar dos nordestinos.

Na perspectiva sincrônica dos estudos contrastivos, a etnolinguística firmou-se como decorrência da necessidade de se entender as variantes e as invariantes culturais, bem como os níveis de linguagem que modelam os pensamentos e o modo de ser e de viver da população nordestina.

Aquele que ouve apreende primeiro o discurso e por meio desse discurso, o acontecimento reproduzido. A situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade.

Assim, ao apresentarmos uma tipologia de dicionários populares, visualizamos a relação do objeto (dicionário) com os sujeitos (nordestinos) no espaço brasileiro, e a extensão do uso de uma língua, com expressões regionalistas, usuais e algumas vezes literárias.

GÊNERO - CONTO

O Colecionador de Suspiros

Por J.B Wolf



Capítulo 6º - Fim

No hospital, a enfermeira Carla continuava carregando o frasco no bolso do uniforme. Ela havia tentado se livrar dele várias vezes, mas sempre acabava voltando para pegá-lo. Era como se o objeto exercesse uma atração magnética sobre ela.

Durante os plantões, ela notou que sua capacidade de ouvir os pacientes havia se intensificado. Não apenas suas palavras faladas, mas também aquelas que ficavam presas na garganta, que se formavam no pensamento mas nunca encontravam voz. Era um dom perturbador e belo ao mesmo tempo.

Uma noite, enquanto cuidava de um senhor de oitenta anos em estado terminal, ela ouviu claramente a palavra "obrigado" se formando em seus lábios, embora ele estivesse inconsciente há dias. Instintivamente, ela segurou o frasco e sussurrou:

— Eu ouvi. Você não precisa mais guardar isso.

O homem morreu pacificamente cinco minutos depois, com um sorriso sereno no rosto.

Carla compreendeu então que havia herdado mais do que um simples frasco. Havia se tornado a nova guardiã das palavras não pronunciadas, a sucessora de uma tradição que ela nem sabia que existia.

Mas são apenas ecos.

Ou talvez não. Talvez sejam sementes de uma nova coleção, fragmentos de almas que se recusam a partir sem dizer o que precisam dizer. Talvez o ciclo esteja apenas começando, com novos coletores e novos frascos, numa dança eterna entre palavra e silêncio.

Ecos são tudo o que resta quando finalmente aprendemos a falar.

Mas às vezes, quando a noite está suficientemente quieta e o coração suficientemente aberto, os ecos se transformam em sussurros. E os sussurros, se alguém estiver realmente ouvindo, podem se tornar palavras.

E as palavras, quando finalmente encontram voz, têm o poder de libertar não apenas quem as pronuncia, mas também quem as escuta.

No apartamento do Bixiga, a pequena Sofia continua acordando nas madrugadas, estendendo as mãozinhas para o ar como se estivesse coletando algo invisível. Seus pais acreditam que ela está brincando com sombras na parede.

Mas Sofia sabe a verdade.

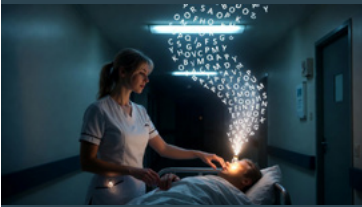
Ela está aprendendo a ouvir.

E um dia, quando crescer, talvez se torne a próxima colecionadora de palavras perdidas.

Ou talvez se torne algo ainda mais poderoso: alguém que ensina as palavras a não se perderem.

O tempo dirá.

O tempo sempre diz, mesmo quando ninguém está ouvindo.



@poetajbwolf

CULTURA

O Risco do Esquecimento: Por que Preservar Tradições é Sinal de Maturidade Cultural?



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)
@jeanetertuliano

Existe um equívoco bastante difundido em nosso tempo: a ideia de que modernizar significa substituir. Em nome de um progresso celebrado com entusiasmo quase automático, práticas culturais que atravessaram gerações passam a ser tratadas como sobras de um passado incômodo. A novidade se impõe como valor. O que desaparece raramente desperta a mesma atenção.



Esse processo não costuma acontecer de maneira brusca. Ele avança devagar, quase imperceptível. Primeiro surge o argumento de que certos costumes já não correspondem ao “espírito do tempo”. Depois passam a ser vistos como curiosidades pitorescas, toleradas apenas em ocasiões específicas. Quando se percebe, aquilo que fazia parte da vida cotidiana já foi deslocado para o território do espetáculo.

Tradições não são relíquias preservadas por nostalgia coletiva. Elas concentram experiências humanas acumuladas ao longo do tempo. Cada gesto repetido entre gerações carrega mais do que hábito. Carrega memória, visão de mundo, maneiras particulares de organizar a convivência.



Muitos saberes sequer chegam a ocupar arquivos ou documentos formais. Permanecem vivos na oralidade, na convivência, nas práticas que se repetem quase sem que se perceba. Festas populares, histórias transmitidas em família, rituais comunitários e formas de expressão cultivadas ao longo do tempo guardam dimensões da experiência humana que dificilmente se registram em páginas oficiais.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok”, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026”

Ainda assim, tomou-se comum tratar essas manifestações como resíduos de um tempo superado. O imaginário contemporâneo associou o novo ao progresso de forma quase automática. A novidade passou a funcionar como argumento suficiente. Pouco se discute a qualidade das mudanças. O simples fato de algo ser recente parece bastar.



Algumas transformações ampliam horizontes culturais. Outras apenas substituem experiências densas por práticas rápidas, feitas para circular e desaparecer com a mesma facilidade. Aos poucos, a cultura passa a obedecer ao ritmo da substituição permanente.

Nesse cenário, tradições não desaparecem de imediato. Elas vão sendo empurradas para

as margens. Continuam existindo, mas já não ocupam o mesmo lugar simbólico. Aquilo que antes estruturava a vida coletiva passa a ser apresentado como atração ocasional. A tradição deixa de ser vivida e passa a ser exibida.

O efeito desse deslocamento é silencioso. As referências compartilhadas começam a rarear. A cultura perde continuidade. Cada geração passa a habitar um presente mais curto, com menos vínculos com aquilo que veio antes.

Nenhuma identidade coletiva se constrói apenas com aquilo que acaba de surgir. Culturas são processos longos, feitos de permanências e mudanças. Cada geração acrescenta algo novo, mas também recebe aquilo que já estava em circulação.

Quando esse fio se rompe, o empobrecimento cultural não se manifesta de forma imediata. Ele aparece aos poucos, na fragmentação da memória, na perda de referências comuns, na transformação da cultura em consumo rápido.

Preservar tradições não significa congelar o passado nem impedir transformações. A questão não está na mudança, mas na maneira como ela

acontece. Culturas maduras transformam-se sem destruir a própria memória.

Uma sociedade que passa a considerar suas tradições dispensáveis corre o risco de romper o vínculo com a própria trajetória. Nesse ponto, a modernização deixa de ser avanço. Passa a ser esquecimento.



“a desvalorização de práticas culturais tradicionais, muitas vezes tratadas como sobras de um passado incômodo leva a um empobrecimento cultural e à fragmentação da memória..”

Participe do Edital da Revista The Bard

38ª
EDIÇÃO



QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
O esvaziamento da palavra no século
de hiperconexão

22 categorias com temas livres

Clique aqui

Edital Julho e Agosto aberto até dia 31/05/2026.

FILOSOFIA

O Estoicismo Como Antídoto à Incerteza Moderna



Por Edna Lessa
COLUNISTA

Professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poeta. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia, Vice-Presidente da Academia Tauauense de Letras, colunista da Revista Internacional The Bard
@ednalessa_escritora

Vivemos em um tempo em que as notícias se transformam antes que possamos compreendê-las, a política oscila em tons imprevisíveis e a vida pessoal, atravessada por urgências digitais, raramente encontra paz. Nesse cenário, a ansiedade não é apenas um sintoma, é quase uma linguagem comum. É neste contexto que o estoicismo, sistematizado por Sêneca e Marco Aurélio, destaca-se por trazer respostas que foram pensadas há quase dois mil anos atrás e parte da premissa de que o caos é inevitável, porém, é perfeitamente possível controlar a forma como respondemos ao que acontece.



Em Meditações, Marco Aurélio, imperador de um dos períodos mais turbulentos de Roma, escrevia para si mesmo como quem tenta se manter inteiro em meio ao colapso: “Você tem poder sobre sua mente, não sobre os eventos externos. Perceba isso e você encontrará a força”. Não se trata de resignação passiva, mas de uma disciplina ativa da consciência. Um exercício diário de separar o que depende de nós daquilo que simplesmente não depende. Essa distinção simples, é um dos pilares do estoicismo e talvez sua ferramenta mais poderosa contra a ansiedade moderna. Em um mundo onde tudo parece exigir reação imediata, os estoicos propõem uma pausa interior. Um espaço entre o estímulo e a resposta. E assim a liberdade se constrói.

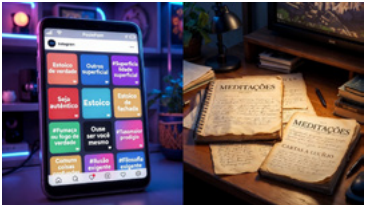


IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026”

como antídoto moderno?



A resposta exige prudência. Em sua versão mais superficial frequentemente reduzida a frases motivacionais nas redes sociais, o estoicismo pode ser confundido com indiferença emocional ou aceitação acrítica de injustiças. Essa distorção ignora um ponto essencial: os estoicos não defendiam a apatia, mas a clareza. Não propunham fugir do mundo, mas agir nele com consciência e retidão.



O verdadeiro estoicismo é exigente. Ele pede disciplina interior, responsabilidade pessoal e um compromisso rigoroso com a verdade, inclusive quando ela nos desconforta. Não é uma filosofia de alívio imediato, mas de construção contínua.

E talvez seja justamente isso que o torna relevante agora.

Em uma era que valoriza respostas rápidas, o estoicismo nos ensina a demorar. Em um tempo que amplifica o ruído, ele nos convida ao silêncio reflexivo. Em meio à fragmentação, oferece unidade interior. Não como fuga, mas como fundamento e entendimento de nós mesmos! O mundo contemporâneo nos empurra para fora de nós mesmos, Sêneca e Marco Aurélio apontam na direção oposta: para dentro, não como um refúgio, mas como um lugar de gerência. E, no fim, talvez seja isso que ainda nos falte: não mais controle sobre o mundo, mas maior soberania sobre nós mesmos.

E, para concluir, compartilho um poema autoral, que sintetiza, com sensibilidade, a essência e a importância do estoicismo nos dias atuais.

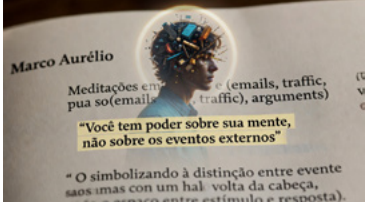
*Caminhar para dentro
Há um ruído no mundo
que nos empurra para fora
notícias que não cessam,
urgências que não esperam,
medos que nos fazem refém.
E, sem perceber,
construímos labirintos
e nos perdemos neles.
Tememos o caminhar
tememos a escolher,
tememos simplesmente ser!
Mas há um caminho silencioso
que não se anuncia em voz alta.
O estoicismo o conhece bem:*

*ele começa quando paramos
de correr para o mundo
e ousamos caminhar para dentro.
E dentro de nós,
onde quase nunca vamos,
existe um território intacto
onde o caos não governa,
onde o medo pode ser cuidado
sem que precise nos dominar.
Ao olhar pra dentro aprendemos
que nem tudo nos pertence,
que nem tudo nos cabe controlar,
mas que há, ainda assim,
um lugar firme
onde podemos ser livres!
E então, pouco a pouco,
o medo perde o eco,
o ruído se desfaz,
e a vida antes tão urgente
se torna uma leve presença.
Caminhar para dentro não é fuga.
É retorno e encontro.*



“Entre algoritmos, crises e excessos, uma filosofia antiga reaparece como ferramenta de lucidez”

Em tempos de intensa instabilidade, o estoicismo, uma corrente que ultrapassou os limites da Filosofia para se afirmar como um verdadeiro estilo de vida, aponta um caminho seguro, um guia possível para um mundo em constante transformação. Além de influenciar o pensamento de grandes nomes na história, a exemplo de Immanuel Kant e inspirado fundamentos de religiões como o Cristianismo e Budismo, sua popularidade e uso é frequente entre coaches e autores de desenvolvimento pessoal que recorrem aos seus princípios para orientar pessoas na busca por resiliência, equilíbrio e lucidez.



Já em Cartas a Lucílio, Sêneca expõe através de sua escrita a urgência de quem compreende a fragilidade da vida. Suas cartas são mais conselhos íntimos sobre como viver com dignidade diante da incerteza. Ele alerta contra a antecipação do sofrimento, um hábito profundamente contemporâneo: “Sofremos mais na imaginação do que na realidade.” Em muitas realidades criamos os problemas e ficamos paralisados diante de um medo permanente. O medo de agir, o medo de simplesmente ser. É nesse cenário que o estoicismo se apresenta como um convite ao discernimento: colocar o medo sob exame, questioná-lo com lucidez, para que ele deixe de ecoar com tanta força no presente e perca o poder de nos imobilizar.

Diante de tudo que foi escrito, há ainda uma pergunta que ecoa: Seria o estoicismo suficiente

VOCÊ SENTE QUE VOCÊ OU O SEU NEGÓCIO TEM POTENCIAL, MAS ALGO AINDA ESTÁ TRAVANDO O CRESCIMENTO?

Somos especialistas em criação de logos, artes visuais impactantes e mentoria estratégica de negócios.

QUER SABER COMO FUNCIONA?

81 99590.9237

Mais de 3 mil marcas criadas no Brasil e em mais 16 países.

MAIS DE 200 MASCOTES CRIADOS

MASCOTE PERSONALIZADO R\$100

HISTÓRIA

Revolução Francesa: Um Marco de Liberdade ou o Início da Ruptura com a Tradição?



Por Mariana Pacheco
COLONISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.

@marianapacheco.mp

HISTÓRIA

"O processo revolucionário não só como ruptura com o absolutismo, mas como início de uma longa tensão entre ideais e identidade."



Quem caminha pelas ruas de Paris, além da torre Eiffel e Champs Élysées, se atenta ao olhar, encontrará uma cidade que resguarda seu passado revolucionário, sustentando até a atualidade o lema de “Liberté, Égalité et Fraternité”. As marcas de 1789 se mantêm desde os resquícios da Bastilha, na praça Henry Galli, até um grafite “République française ou la mort” na Igreja Saint-Paul-Saint-Louis, no Marais, escrito na época da Comuna de Paris (1871). A Revolução Francesa não se sustenta apenas no cerne social e histórico da França, mas também é lembrança turística.

Entretanto, como marco histórico considerável para o rumo da sociedade após ele, a Revolução Francesa é questionável em muitos âmbitos – há como vê-la trajada de Marianne, heroica e guiando o povo para mudanças significativas, ou como a madame Guillotina, sem piedade e sanguinária. A reflexão é necessária não apenas para entender o processo que a França passou de 1789 a 1804 (quando Napoleão começa uma nova era), mas também o comportamento de um povo na atualidade.

Não se pode negar as motivações que levaram o povo francês a apoiar as requisições da burguesia durante a Assembleia dos Estados Gerais: desde Luís XIV e a construção de Versalhes, havia uma saturação diante de impostos absurdos e o sustento de uma classe social sem produção efetiva: durante o reinado do Rei Sol, estima-se que viviam de 3 mil nobres, aumentando para 10 mil até 1789. O palácio ainda gera renda significativa atualmente com os visitantes, mas sua construção às custas da população, também no sentido econômico quanto braçal, assombra os jardins e paredes de ouro. E podemos, sim, pensar que a primeira gota d’água foi aqui.

E o oceano de inconformidades se expandiu pelos reinados dos Luís XV e XVI. Guerras, aumento do palácio e das bocas para alimentar, mais impostos e preços abusivos enquanto a jovem rainha Maria Antonieta encenava seu Carpe Diem na vila camponesa construída no final dos jardins. Alguns diriam, simplesmente, que a motivação da revolução foi o preço do pão, o alimento básico. Porém, é mais complexo: sim, a necessidade do povo na classe mais baixa é um belo discurso, mas a classe que crescia financeiramente sem reconhecimento e maiores cobranças é mais palpável.

O discurso de Liberdade é pintado quando a Bastilha – prisão de simbolismo absolutista, cai em 14 de julho de 1789 (data festiva até hoje), mas, na prática, a história pode recontar a filosofia de forma mais concreta: a anarquia precisou ser substituída por um novo governo. Então, que subam à tribuna os representantes do povo. Surge os Jacobinos, à esquerda, e os Girondinos, à direita. Eles decidiram a morte do rei e da rainha, também a vida do príncipe e da princesa. Se tornaram a voz da república, dignos de mediar em seu nome, como a estátua no Panthéon, em lembrança da Convenção Nacional, remete.

Se rompe com a tradição monarquista, se inicia a perseguição pelas coroas europeias, se condena opositores, entre eles, antigos apoiadores, mulheres que pediam também os Direitos da Mulher e da Cidadã, quando apenas homens falavam na tribuna. Os nomes das meninas de uma nova geração não remetem mais a Maria, mas aos ideais e às espadas, como o filme “Le Peuple et son Roi” demonstra bem. Um cavalo selvagem é libertado, mas o preço e visto também nos nomes escritos em vermelho nas paredes de Conciergerie, antiga prisão do período.

Os caminhos desta revolução não pararam com Napoleão, continuaram em 1830, pelos estudantes e 1848, pelo fim da Luís XVIII, se estenderam em 1964, na Primavera Francesa contra Charles De Gaulle. No fim, a revolta faz parte do sangue francês, franco, o povo originário da região, era visto como implacáveis e temíveis pelos demais germânicos. O preço foram cinco repúblicas e instabilidade política até os dias de hoje. Se aceita qualquer uma em pró da Fraternidade, e se marginaliza a identidade nacional; se iguala direitos constitucionais, mas não o tratamento social; a liberdade seria apenas um anseio? Sim, e que ainda permeia a França atual, em aberturas olímpicas escandalosas, mas que refletem o vazio da essência perdida a cada século após 1789.

A questão não se trata da liberdade conquistada na Revolução Francesa, mas do esquecimento da identidade francesa com os anos para sustentar ideais imaginados em meio a problemas atuais, e valores perdidos no anseio do desejo. E, de repente, a Marselhesa não faz mais sentido nos desfiles de 14 Juillet.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026”

RESENHA LITERÁRIA

O Apanhador no Campo de Centeio - J.D. Salinger

Por J.B Wolf



FAZER DOWNLOAD

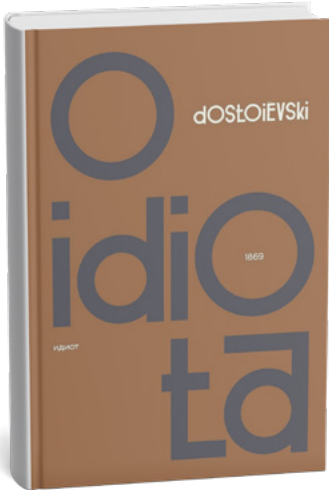
Salinger apresenta um retrato cru e honesto da luta interna de Holden, destacando sua profunda sensação de desilusão com o mundo adulto, que ele vê como hipócrita e insensível. A jornada de Holden por Nova York, em busca de um lugar onde possa se sentir em casa, é um reflexo angustiante e comovente do desejo universal de conexão e compreensão.

A prosa de Salinger é marcada por um estilo coloquial e introspectivo que captura perfeitamente a voz de Holden, tornando suas experiências e pensamentos palpáveis e autênticos. A narrativa é repleta de momentos de humor e tristeza, oferecendo uma visão complexa e empática da mente de um jovem perturbado.

"O Apanhador no Campo de Centeio" é uma obra que continua a ressoar com leitores de todas as idades, oferecendo uma profunda reflexão sobre a vulnerabilidade humana e a dificuldade de encontrar um sentido no mundo. É um romance que não só entretém, mas também provoca uma introspecção sobre as próprias esperanças e angústias.

O Apanhador no Campo de Centeio", de J.D. Salinger, é um clássico da literatura americana que captura a turbulência da adolescência e a complexidade da busca por identidade. Narrado em primeira pessoa por Holden Caulfield, um jovem de 16 anos que foi expulso de sua escola preparatória, o romance explora temas de alienação, rebeldia e a transição para a idade adulta.

"O idiota de Fiódor Dostoiévski"



FAZER DOWNLOAD

O idiota é uma das obras mais comoventes de Fiódor Dostoiévski. Abstrusa para os contemporâneos do escritor, mas atual e compreensível para quem a conhecer em nossos dias, ela conta a história de um jovem aristocrata russo que se atreve a defender o sublime ideal humanista numa sociedade regida pelas leis do livre comércio. Ovelha negra da alta-rodada de São Petersburgo, o príncipe Míchkin é tachado de idiota em virtude das suas qualidades morais e acaba perdendo de fato o juízo. Sua imagem de mártir e visionário, inspirada na do magnífico Dom Quixote de Cervantes, fica interiorizada pelo leitor; seu trágico fim leva-o a perguntar a si mesmo onde termina a loucura e começa a santidade do protagonista e, consequentemente, a repensar o próprio conceito daquilo que pode ser objeto de compra e venda no conturbado âmbito das relações humanas. Revisão técnica e notas da tradução por Oleg Almeida (escritor e tradutor bielorrusso).

CURIOSIDADES

Música para Reis e para o Povo: Instrumentos Esquecidos e Rituais que Ainda Ecoam



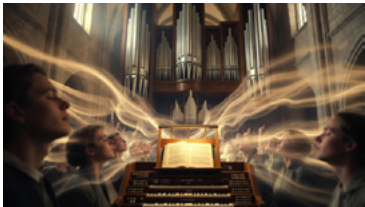
Por Drika Gomes
COLUNISTA

MBA em Neurociência, filosofia, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psique

Há algo na música que antecede a linguagem e, ainda assim, a organiza. Antes de ser entretenimento, ela foi estrutura. Antes de ser consumo, foi rito. Ao longo da história ocidental, a música não apenas acompanhou a vida coletiva, ela a moldou, definiu hierarquias e delimitou o sagrado e o cotidiano. Escutar esses vestígios hoje é, de certo modo, reencontrar a arquitetura invisível de uma civilização.

Nos grandes espaços de pedra das catedrais, o órgão não era apenas um instrumento. Era uma experiência física do divino. O ar atravessando seus tubos criava uma massa sonora contínua, capaz de envolver o corpo inteiro. Não se tratava de ouvir, mas de ser atravessado. O som organizava o espaço, elevava a percepção e conduzia a mente a um estado de solenidade que hoje raramente experimentamos. Havia ali uma intenção clara. A música como ponte entre o humano e o transcendente, como vemos nas composições de Johann Sebastian Bach, onde som e espiritualidade se tornam praticamente inseparáveis.



Nos mosteiros, o canto coral assumia outra função. Mais silenciosa, porém profundamente estruturante. O uníssono das vozes não buscava performance, mas alinhamento. Ao cantar junto, os indivíduos deixavam de operar como unidades isoladas e passavam a vibrar como um campo coletivo. O tempo desacelerava. A repetição criava estabilidade interna. Esses cantos, hoje chamados de gregorianos, carregam uma organização sonora que induz estados de calma e coerência fisiológica. O som não invadia. Ele organizava por dentro.

Mas a música não habitava apenas o sagrado. Nas ruas, nas feiras e nas celebrações populares, ela pulsava como extensão do corpo e da vida cotidiana. E é aqui que entram instrumentos que hoje parecem distantes, mas que já foram centrais na experiência coletiva.

A viela de roda, por exemplo, é um instrumento de cordas acionado por uma manivela. Em vez de arco, uma roda gira

continuamente e fricciona as cordas, produzindo um som constante, quase hipnótico. Algumas teclas permitem alterar as notas, criando melodias sobre um fundo sonoro contínuo. Era um instrumento de rua, muitas vezes associado a músicos itinerantes. Seu som carregava algo de repetição e transe, sustentando danças e narrativas populares.



A viola da gamba, por outro lado, pertence a um universo mais íntimo. Tocada com arco, apoiada entre as pernas, possui um timbre suave e profundo, diferente do violoncelo moderno. Seu som não projeta com força, ele convida à escuta próxima. Era comum em ambientes privados, salões e pequenas reuniões. Há nela uma qualidade quase confessional, como se cada nota carregasse uma nuance emocional delicada.

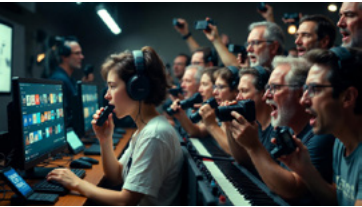
Já o saltério é um instrumento de cordas dedilhadas ou percutidas, com uma estrutura

plana, semelhante a uma caixa. Suas cordas são tocadas com os dedos ou pequenas palhetas, produzindo um som brilhante e vibrante. Foi muito utilizado em contextos tanto populares quanto religiosos, criando uma ponte entre esses dois mundos. Seu timbre claro atravessava ambientes abertos, acompanhando cantos, histórias e celebrações.

Esses instrumentos não eram apenas ferramentas sonoras. Eles organizavam a experiência coletiva. A música popular não era menor. Era outra forma de transcendência. Mais terrestre, mais corporal, mais visceral. Se nas catedrais o som elevava, nas praças ele enraizava. O corpo dançava, a comunidade se formava, o tempo era vivido em conjunto.

Esse contraste revela uma tensão que atravessa os séculos. Cultura erudita e cultura popular não são opostas, são dimensões diferentes de uma mesma linguagem. Uma estrutura o alto, a outra sustenta o chão. Quando essa relação se perde, a experiência se fragmenta.

Vivemos hoje um tempo que valoriza o novo como se ele fosse sinônimo de evolução. Sons são produzidos em escala, distribuídos com velocidade e consumidos de forma individual. Mas talvez a pergunta não seja apenas sobre inovação. Talvez seja sobre profundidade.



O que perdemos quando deixamos de viver a música como experiência coletiva e passamos a consumi-la de forma isolada? O que se desfaz quando os rituais desaparecem e o som se torna apenas fundo?

Redescobrir esses instrumentos e contextos não é um movimento nostálgico. É um retorno à origem da escuta. Quando revisitamos o órgão, o coro, a viela de roda, a viola da gamba ou o saltério, acessamos camadas da experiência humana que ainda estão vivas, mesmo que esquecidas.

A música sempre foi um espelho da sociedade. Onde há ordem, ela é harmonia. Onde há conflito, ela se fragmenta. Onde há transcendência, ela silencia.

E talvez, ao escutarmos o passado com mais atenção, possamos reorganizar o presente com mais consciência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026"

"a função profunda da música na história ocidental, da experiência física do divino nas catedrais à pulsação visceral das ruas e feiras."



PUBLIQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI



CURIOSIDADES

A Língua Que Quase Conquistou o Mundo: o Legado Universal do Latim Pós-Roma

CURIOSIDADES
- Leia o artigo completo no Site



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026"

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

"A resiliência do latim, desvendando como, mesmo sem um império para sustentá-lo, ele manteve um domínio quase universal sobre o conhecimento e o poder."



Muito depois da queda do Império Romano, o latim, a língua dos césares e dos legionários, recusou-se a morrer. Em vez disso, ele se reinventou, tornando-se por séculos a língua franca da ciência, da diplomacia e da elite intelectual europeia. Este artigo explora a notável resiliência do latim, desvendando como, mesmo sem um império para sustentá-lo, ele manteve um domínio quase universal sobre o conhecimento e o poder. Mergulharemos nas razões de sua longevidade, seu papel crucial na formação da civilização ocidental e os fatores que, eventualmente, o levaram a ceder espaço às línguas vernáculas, deixando, contudo, uma marca indelével em nosso modo de pensar e comunicar.



A história das línguas é um espelho da história das civilizações. Impérios nascem e caem, fronteiras se movem, e com elas, as línguas florescem, se transformam ou desaparecem. No entanto, poucas línguas na história da humanidade exibem uma trajetória tão singular e resiliente quanto o latim. A língua dos césares, dos legionários e dos filósofos romanos, mesmo após a queda do Império Romano do Ocidente

em 476 d.C., recusou-se a ser relegada às páginas empoeiradas dos livros de história. Em vez disso, ela se reinventou, transcendendo suas origens geográficas e políticas para se tornar, por mais de mil anos, a língua franca indiscutível da ciência, da diplomacia, da lei e da elite intelectual em grande parte da Europa. O latim não apenas sobreviveu à ruína de seu império; ele prosperou, quase conquistando o mundo como uma língua universal do conhecimento.



Para entender essa notável longevidade, precisamos primeiro reconhecer o poder do Império Romano. Durante séculos, Roma impôs sua língua, sua lei e sua cultura sobre vastas extensões da Europa, Norte da África e Oriente Médio. O latim vulgar, a variante falada pelo povo e pelos soldados, espalhou-se e enraizou-se nas províncias, dando origem, séculos mais tarde, às línguas românicas que conhecemos hoje: italiano, francês, espanhol, português e romeno. Mas foi o latim clássico, o latim dos textos literários e filosóficos, que se tornou o veículo do saber e da administração.

Com a fragmentação do Império Romano do Ocidente, a Europa mergulhou em um período de instabilidade e transformações. No entanto, o latim não sucumbiu. Sua sobrevivência e proeminência foram, em grande parte, garantidas por uma instituição que se tornou a principal herdeira da organização romana: a Igreja Católica. O latim era a língua da liturgia, dos textos sagrados, dos documentos papais e da teologia. Através da Igreja, o latim manteve-se vivo nos mosteiros, nas escolas catedrais e, posteriormente, nas universidades medievais. Monges copistas preservaram e transcreeveram não apenas os textos religiosos, mas também as obras dos autores clássicos, garantindo que o conhecimento da Antiguidade não se perdesse completamente.

Na Idade Média, o latim era a língua da erudição. Qualquer estudioso, de qualquer parte da Europa, que desejasse acessar o conhecimento acumulado, fosse ele teológico, filosófico, médico ou jurídico, precisava dominar o latim. As universidades, que começaram a surgir a partir do século XI, como Bolonha, Paris e Oxford, conduziam suas aulas, teses e debates inteiramente em latim. Era a língua que permitia a comunicação entre intelectuais de diferentes reinos, unindo-os em uma comunidade transnacional de saber. Um professor em Paris podia ler e debater as ideias de um colega em Bolonha, e um estudante em Oxford podia acessar os mesmos textos que um em Salamanca.

O Renascimento, a partir do século XIV, trouxe uma revitalização ainda maior para o latim. Os humanistas, fascinados pela cultura clássica, buscaram resgatar o latim em sua forma mais pura e elegante, o latim clássico de Cícero e Virgílio, que havia se distanciado um

pouco do latim medieval. Eles padronizaram a gramática e o vocabulário, transformando-o em um instrumento ainda mais preciso e sofisticado para a expressão de ideias complexas. O latim renascentista tornou-se a língua da filosofia, da poesia, da história e da correspondência entre os grandes pensadores da época, de Erasmo a Thomas More.



Foi nesse período que o latim consolidou seu status como a língua universal da ciência e da diplomacia. As grandes descobertas científicas, desde a astronomia de Copérnico e Galileu até a física de Newton, foram publicadas em latim. O "De Revolutionibus Orbium Coelestium" de Copérnico, o "Sidereus Nuncius" de Galileu e os "Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica" de Newton, obras que revolucionaram nossa compreensão do universo, foram escritas em latim. Isso garantia que suas ideias pudessem ser lidas e compreendidas por qualquer cientista ou intelectual em qualquer parte da Europa, independentemente de sua língua materna. O latim oferecia uma neutralidade e uma universalidade que nenhuma língua vernácula da época poderia igualar.

Na diplomacia, o latim era igualmente indispensável. Tratados internacionais, correspondências entre monarcas e papas, e os registros de concílios e assembleias eram redigidos em latim. Ele servia como uma ponte linguística entre nações com línguas e culturas diversas, facilitando as negociações e garantindo a clareza e a autoridade dos documentos oficiais. A pre-

cisão gramatical e a riqueza de seu vocabulário jurídico faziam do latim a escolha natural para a formulação de leis e acordos.

No entanto, a hegemonia do latim não duraria para sempre. A partir do século XVI, uma série de fatores começou a minar seu domínio, abrindo caminho para a ascensão das línguas vernáculas. A Reforma Protestante, por exemplo, incentivou a tradução da Bíblia para as línguas locais, tornando as escrituras acessíveis ao povo comum e diminuindo a dependência do latim eclesiástico. O surgimento dos estados-nação, com suas identidades culturais e linguísticas próprias, também impulsionou o desenvolvimento e a valorização das línguas nacionais.

Autores como Dante Alighieri na Itália, Geoffrey Chaucer na Inglaterra e Luís Vaz de Camões em Portugal demonstraram que as línguas vernáculas eram perfeitamente capazes de expressar a mais alta forma de arte e pensamento. A invenção da prensa de tipos móveis por Gutenberg, no século XV, embora inicialmente usada para imprimir muitos textos em latim, eventualmente acelerou a produção de livros em línguas vernáculas, tornando-os mais acessíveis e populares.



A ciência, que antes dependia do latim para sua universalidade, começou a perceber as vantagens de se comunicar nas línguas locais. A publicação em vernáculo permitia um alcance maior dentro de cada nação e, com o tempo, a tradução entre as línguas nacionais tornou-se

mais comum. No século XVIII, o Iluminismo, com sua ênfase na razão e na disseminação do conhecimento para um público mais amplo, consolidou o uso das línguas vernáculas na filosofia e na ciência.

Apesar de seu declínio como língua universal ativa, o latim deixou uma marca indelével. Sua influência é visível nas línguas românicas, que são suas filhas diretas, e também nas línguas germânicas, como o inglês, que absorveu uma vasta quantidade de vocabulário latino. Termos jurídicos, médicos, científicos e filosóficos em muitas línguas modernas têm raízes latinas. O latim moldou a lógica, a gramática e a estrutura de pensamento de gerações de intelectuais, e seu estudo ainda é considerado fundamental para a compreensão da cultura ocidental.

Hoje, o latim é uma língua "morta" no sentido de não ter falantes nativos, mas está longe de ser esquecida. Ele continua a ser estudado em escolas e universidades, é a língua oficial do Vaticano e é a base para a nomenclatura científica de espécies biológicas. Sua presença é sentida em cada palavra derivada, em cada expressão idiomática, em cada conceito jurídico ou filosófico que herdamos.

A história do latim pós-Roma é uma prova da capacidade de uma língua de transcender seu contexto original e se adaptar, de se tornar um veículo essencial para a construção e a transmissão do conhecimento humano. Ele não conquistou o mundo pela força das armas, mas pela força de suas palavras, de sua lógica e de sua capacidade de unir mentes através dos séculos. O latim, a língua que quase se tornou universal, permanece como um testemunho silencioso, mas poderoso, da interconexão do saber e da perene busca humana por compreensão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

COMPORTAMENTO

Violência começa na palavra: o impacto das atitudes na juventude



Por Claudia Faggi
COLUNISTA

Jornalista Diplomada, Roteirista, Apresentadora de Televisão, Apaixonada pela sétima arte, Empreendedora digital do canal tudo_sobre cinema, Mulher e Mãe em construção.
@@tudo_sobrecinema



Tenho um filho adolescente. Provavelmente esse é o maior motivo pelo qual resolvi escrever sobre essa fase. Entendi que estudar os movimentos, momentos e atitudes ajudam a construir a relação entre mãe e filho. Essa relação é composta por amor e honestidade, e é isso que eu busco quando escrevo esse texto. Não sou psicóloga. Sou jornalista e mais uma mãe que tenta se aprofundar no caos da maternidade e ao mesmo tempo ter empatia por outras mães. Estamos no mesmo barco!

Ainda sobre o contexto em observar atitudes, eu acompanho as amizades e as relações adolescentes.

O que eu percebi?

Que a violência começa na palavra.

A violência que marca o cotidiano de muitos jovens nem sempre começa com empurrões, socos ou ameaças explícitas. Muitas vezes, ela nasce antes, na palavra, no tom de voz, no comentário aparentemente inofensivo, na piada que humilha, no julgamento constante.

Entre adolescentes, a linguagem tem um peso enorme na construção da identidade e da autoestima. Uma frase dita em tom de desprezo, um apelido repetido em tom de deboche ou uma mensagem agressiva nas redes sociais podem deixar marcas profundas. O que para alguns parece “brincadeira” pode se transformar em um processo silencioso de desvalorização e exclusão.

No ambiente digital, esse fenômeno ganha proporções ainda maiores. Comentários ofensivos, ataques em grupo e exposições humilhantes circulam rapidamente, ampliando o alcance da agressão. A palavra escrita, compartilhada e replicada nas telas, muitas vezes se torna uma arma invisível que acompanha o jovem para além da escola.

Especialistas em comportamento alertam que atitudes verbais agressivas têm impacto direto na saúde emocional dos adolescentes. Ansiedade, insegurança, isolamento e queda no rendimento escolar são apenas alguns dos efeitos observados quando a violência simbólica se torna rotina. Em muitos casos, o jovem não reage, não denuncia e sequer consegue nomear o que está vivendo.

Parte do problema está na naturalização dessas atitudes. Comentários machistas, homofóbicos, preconceituosos ou simplesmente desrespeitosos ainda são tratados como algo banal. Quando adultos minimizam essas falas ou as classificam como “coisa de jovem”, acabam

reforçando um ambiente em que a violência verbal se torna aceitável.

O adolescente aprende observando. Palavras agressivas dentro de casa, nas redes sociais ou no espaço público acabam sendo reproduzidas no convívio entre colegas. Assim, cria-se um ciclo em que a violência se espalha não apenas por ações, mas principalmente por discursos.

Romper esse ciclo exige atenção coletiva. Pais, educadores e a própria sociedade precisam compreender que respeito também se ensina na forma de falar. Escuta, diálogo e limites claros são ferramentas fundamentais para construir relações mais saudáveis.

Ignorar agressões verbais é permitir que a violência cresça em silêncio. Porque, muitas vezes, tudo começa com uma palavra, e é justamente ali que também pode começar a mudança.

Eu acho muito importante o investimento emocional. Temos de tornar os nossos filhos mais fortes, afinal, eles precisam reagir, lutar por espaço, pelas suas ideias, pelo que eles acreditam.

A adolescência forma caráter.

Nós somos responsáveis pelo futuro dos nossos jovens.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026”

A Pressão pelo Sucesso Perfeito e os Efeitos na Saúde Mental



Por Juliana Denise
COLUNISTA

Doutoranda em Psicologia Clínica, Mestra em Psicologia da Saúde, Neuropsicóloga Clínica, Analista do Comportamento e Psicóloga pela Universidade Federal de Alagoas.
@julianadenise19



Vivemos em um mundo onde não basta “ser alguém”, é necessário mostrar, afirmar e provar para a sociedade em alto e bom som que somos capazes, bem-sucedidos e prósperos. Há muito se perdeu a simplicidade da vida, e o status foi ganhando cada vez mais espaço, e assim, as pessoas deixaram de viver para si e passaram a viver aquilo que os outros esperam delas. Essa criação de expectativas sobre estudos,

carreiras profissionais e sucesso financeiro tem gerado uma busca incessante por uma ideia de perfeição que foi semeada longe da seara da saúde mental.

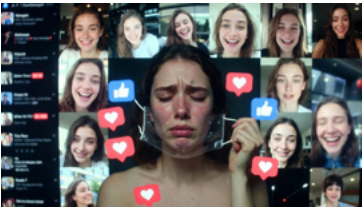


A construção social moderna relaciona sucesso a posições de visibilidade e que atendam aos critérios estereotipados de uma “pessoa bem sucedida”, aumentado os níveis de autocobrança pela necessidade de enquadramento e aceitação dos pares. Existem muitas definições sobre o que é ser uma “pessoa de sucesso”, porém deixou-se de se levar em consideração os fatores subjetivos

que envolvem a realização pessoal e os objetivos de vida de cada pessoa. É certo que a busca por estabilidade é algo inerente ao ser humano, mas “ter sucesso” vai estar relacionado diretamente com o que se deseja para vida, incluindo sonhos, poder aquisitivo, reconhecimento social, estabilidade emocional, família, lazer, entre outros pontos.

A cobrança por sucesso está enraizada na sociedade, onde sempre existiram várias camadas permeadas por relações de poder que insistem em padronizar as pessoas de acordo com o que elas têm e podem exibir para o mundo. Vivemos em uma pandemia digital, onde mesmo que você seja uma pessoa exitosa, é necessário exibir isso, ou talvez você não seja validado como alguém que conseguiu vencer na vida. O sucesso precisa ser gritado aos quatro ventos, e fugir desse padrão custa um preço muito alto que na era da tecnologia talvez não se queira pagar. Muitas vezes, a busca desmedida por sucesso incentiva o uso de máscaras, a criação de personagens e a

perda da identidade. Há comparativos o tempo inteiro e em uma sociedade onde o “ter” vale mais que o “ser”, a saúde mental acaba sendo menosprezada.

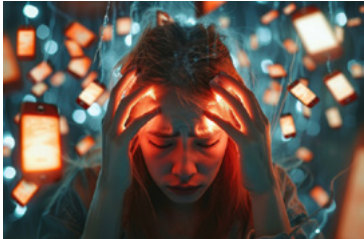


O sucesso perfeito vem acompanhado de uma necessidade de validação do esforço que foi feito até se chegar a determinado objetivo, e muitas vezes, nunca é o suficiente. As pessoas concorrem com elas mesmas e com o mundo que está ao seu redor, e isso gera uma pressão absurda para ser o melhor e subir no pódio. O primeiro lugar sempre será o mais almejado, e muitas pessoas estão dispostas a pagar qualquer preço para ocupar esse espaço, mesmo que o preço seja o esgotamento mental, a síndrome de burnout, o transtorno de ansiedade generalizada e a depressão.



Atualmente a palavra sucesso deixou de estar relacionada somente a esfera profissional e passou a encontrar novos espaços, onde as

pessoas hoje se sentem pressionadas a serem boas em tudo, darem conta de tudo e muitas vezes, sustentarem uma farsa até a total exaustão. Isso nos faz refletir sobre o que é sucesso, o que é ser uma pessoa bem sucedida e até que ponto essa busca por perfeição não alimenta o autoengano de exibir uma vida que talvez esteja muito longe da que seria possível ter e desfrutar. Sucesso não deveria ser um conceito único, massacrante e impositivo; seria necessário que cada pessoa compreendesse dentro de sua realidade o que é “ter sucesso” e que a perfeição é a maior inimiga daqueles que desejam crescer, seja lá em qualquer esfera da vida, pois a vontade de ser melhor deve existir diariamente, porém longe dos conceitos estereotipados e adoeceadores do perfeccionismo, que não trazem aprendizados, apenas frustração e a busca incessante por uma utopia.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026”

COMPORTAMENTO

Da Guerra à Paz: pode uma nova cultura mudar o curso da história?



Por Sandra Santiago
COLUNISTA

Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: “A história da exclusão das Pessoas com deficiência”; “Memórias de Estágio”; “Problematizando a inclusão do estudante surdo”.

@sandraassantiago

COMPORTAMENTO

- Leia o artigo completo no Site

última vez que a humanidade protagonizará tal espetáculo de horror e de dor. Uma pena e não há nenhum interesse aqui em causar pânico, muito pelo contrário: é mais um convite ao engajamento na construção da cultura de paz, ou seja, de refletirmos nosso lugar na história.



Se olharmos para o passado com atenção veremos que um dia foram os indígenas, depois os africanos, mais tarde os judeus, só para citar alguns. Algum momento, pode ser eu e você, não duvide disso. A título de ilustração, temos na última grande guerra, marcas difíceis de serem superadas por uma parcela muito significativa da população. Não à toa, preocupações emergiram desde então para que as relações entre povos e nações se dessem de maneira respeitosa e soberana. Algumas ações até culminaram com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1945, com o objetivo de preservar a paz, mediar relações internacionais, dirimir conflitos e proteger os civis, que, geralmente, são as vítimas indefesas das grandes guerras.

A herança de uma guerra é que inúmeros seres humanos desaparecem e tantos outros têm suas vidas transformadas, suas histórias interrompidas, sua cultura apagada e suas dores escancaradas. Multidões de órfãos e viúvas. Sobreviventes adoecidos para todo o resto de suas vidas. Milhares de deficiências. Novas doenças. E, por fim, uma memória coletiva presa no medo, no sofrimento e na desesperança. Então, subjacentes às guerras não estão somente os interesses econômicos; é possível identificar muito mais. O mundo todo sangra, embora, alguns se achem vencedores e finjam não enxergar sua real condição. Todos são derrotados.

Seja na Antiguidade, seja no Século XXI, a guerra evidencia tão somente a brutalidade, a animalidade, a violência, a maldade. Não há justificativa para a guerra, mas, não há limites para a desfaçatez para tentar justificar o que é injustificável. E, apesar dos avanços científicos e tecnológicos, a trajetória civilizatória é muito frágil. Para onde foi o sentido ético da existência? Como nos perdemos de nós mesmos? Que valor tem a vida humana? Sem ética, tudo é descartável, até mesmo a vida. Sem ela, o humano esquece de humanizar-se, e recorre aos seus instintos mais primitivos para ser o centro de tudo, mesmo que esteja nele sozinho.

Atentar contra a vida, esse bem maior, não pode ser justificável. Destruir o semelhante, propagar a violência é um atestado de animalidade. Infelizmente, essas são premissas que sustentam a guerra, em pequena ou larga



IMAGEM GERADAPORIA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/04/2026”

escala. O outro não vale nada, especialmente quando comparado a um pedaço de terra, uma jazida de ouro ou um barril de petróleo. Não importa o que digam, na guerra, de fato, nenhuma vida importa.

Mas, é preciso ser esperançoso e acreditar que ainda podemos fazer algo a respeito. Nessa perspectiva, baseado nas reflexões de Diskin e Roizman (2021) sobre os movimentos da ONU e da UNESCO (2000) em prol da paz no mundo, apresentaremos alguns princípios que são capazes de nos ajudar na construção da cultura de paz em nós, na nossa casa, no bairro, na cidade, no estado, no país e, portanto, no mundo inteiro.

Acreditamos que a construção da cultura de paz é de responsabilidade de todos e de cada um. Não dá para colocar tamanha responsabilidade na mão dos políticos. Para tanto, é preciso resgatar princípios. Respeitar a vida é o primeiro deles. Não um respeito qualquer ou para alguns. Estamos falando de RESPEITO por todas as formas de vida, inclusive do planeta, dos animais, dos vegetais, dos minerais e dos seres humanos, claro! Toda vida tem valor e precisa ser preservada, eis o princípio da paz.

O segundo princípio de alguém que se

compromete em construir a cultura de paz é o de rejeitar toda e qualquer forma de violência: física, sexual, psicológica, econômica ou social. E não basta não praticar a violência; é necessário não admitir sua existência, defender qualquer vítima e denunciar o agressor, ou seja, não se omitir, não se calar, assumir a postura de paz.



O terceiro princípio da cultura de paz é o da descoberta da generosidade e da solidariedade como alicerces da felicidade. Esse princípio se funda na ideia de que ninguém é feliz sozinho, portanto, é essencial compartilhar tempo, recursos, conquistas para conseguir superar as adversidades. Em nível micro, afeta as relações humanas e, em nível macro, impacta as relações entre nações e grupos, pois, quando se almeja o bem comum, ninguém será esquecido, abandonado, eliminado. Ninguém é um rival, um adversário ou inimigo. De tal modo, a

generosidade e a fraternidade são recursos que inspiram e alicerçam a cultura de paz.

Diante disto, nos perguntamos: pode uma nova cultura mudar o curso da história ou será que o desejo pela destruição faz parte do ser humano? De fato, talvez, ainda estejamos longe de garantir a paz no mundo porque para dar, antes, é preciso ter. Será que, sem paz interior, alcançaremos a paz no mundo? Nunca antes se viu tantos indícios de adoecimentos mentais, depressão, ideação suicida...Então, se a humanidade vive um caos interno, é válido pensar que o mundo é só um reflexo? Ou somos donos do nosso destino e, portanto, formamos um todo que pode ser talhado no amor, na generosidade, na solidariedade e, portanto, na paz?

Vamos refletir...



talvez seja difícil imaginarmos um mundo de paz, tendo em vista que o planeta terra, praticamente, nunca experienciou a paz absoluta. Alguns historiadores consideram, inclusive, que o percentual de tempo sem conflitos armados, em todo o mundo, é muito pequeno quando se considera a história da humanidade. Portanto, não é de hoje que a humanidade vive em guerra e que diferentes organismos e movimentos sociais discutem estratégias para construção de uma cultura de paz.



De fato, talvez estejamos à beira de um conflito mundial, e se considerarmos o poderio bélico que alguns países detêm, talvez seja a

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

ACESSE AQUI



SAÚDE & BEM-ESTAR

Frequências sonoras como 432 Hz e 528 Hz ganham espaço na regulação do sistema nervoso



Por Drika Gomes
COLONISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.
@drikagomes_psiq

SAÚDE & BEM-ESTAR
- Leia o artigo completo no Site



Uso de frequências sonoras específicas, como 432 Hz e 528 Hz, tem despertado interesse crescente em abordagens voltadas à saúde mental e ao bem-estar. Embora ainda não exista consenso científico sobre efeitos diretos dessas frequências isoladas, observações clínicas e estudos exploratórios indicam que determinados estímulos sonoros podem contribuir para a regulação do sistema

nervoso, favorecendo estados de relaxamento, reorganização da atenção e redução de padrões de hiperalerta.

A música, de forma ampla, já é reconhecida pela neurociência como um modulador potente de estados emocionais e fisiológicos. Pesquisas demonstram que o som é capaz de ativar estruturas cerebrais como amígdala, hipocampo, tálamo e córtex pré-frontal, regiões diretamente envolvidas na memória, na emoção e na tomada de decisão. Autores como Daniel Levitin e Jaak Panksepp destacam que a experiência musical mobiliza circuitos profundos do cérebro, incluindo sistemas ligados ao prazer, à antecipação e à regulação afetiva.

Nesse contexto, as frequências puras - aquelas apresentadas sem melodia, ritmo ou composição musical - vêm sendo estudadas por sua capacidade de reduzir a complexidade cognitiva do estímulo auditivo. Isso tende a diminuir a sobrecarga mental e facilitar o direcionamento da atenção para o mundo interno. Em um estudo observacional qualitativo com 12 adultos, realizado em ambiente terapêutico controlado, a exposição contínua a frequências como 432 Hz e 528 Hz, durante sessões de 45 minutos, revelou padrões consistentes de resposta subjetiva.



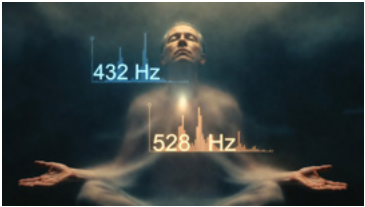
Na frequência de 432 Hz, os participantes relataram, de forma unânime, relaxamento profundo, sensação de leveza corporal e redução significativa do estado de alerta externo. Houve também aumento da introspecção e maior clareza emocional. Esses efeitos são compatíveis com uma possível redução da atividade do sistema nervoso simpático, responsável por respostas de estresse, e maior ativação de estados parassimpáticos, associados ao repouso e à recuperação. Do ponto de vista neurobiológico,



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

isso pode indicar menor reatividade da amígdala e maior estabilidade nos circuitos de regulação emocional.

Já a frequência de 528 Hz apresentou respostas mais heterogêneas, mas igualmente relevantes. Parte dos participantes descreveu relaxamento e sensação de flutuação, enquanto outros relataram experiências de expansão perceptiva e conexão ampliada com o ambiente ou com a própria consciência. Tais relatos são frequentemente observados em estados meditativos profundos e podem estar associados à modulação da Rede de Modo Padrão (DMN), sistema cerebral relacionado à construção do "eu" e à atividade mental autorreferente.



Especialistas apontam que a redução de estímulos auditivos complexos, como melodia e ritmo, pode favorecer o chamado processamento interoceptivo - a capacidade de perceber

sinais internos do corpo. Esse processo está diretamente ligado à regulação emocional e à diminuição da ansiedade, uma vez que desloca a atenção de estímulos externos potencialmente estressores para uma experiência interna mais estável e integrada.

Outro aspecto relevante é a repetição e a constância do estímulo sonoro. Diferentemente de músicas com variações dinâmicas, as frequências puras mantêm uma estabilidade que pode atuar como um "âncora neural", auxiliando o cérebro a sair de estados de dispersão ou hiperatividade. Essa característica pode ser especialmente útil em contextos de ansiedade, insônia e dificuldade de foco.



Apesar dos resultados promissores, a comunidade científica ainda ressalta limitações importantes. O estudo citado baseia-se em dados subjetivos, sem medições fisiológicas

como eletroencefalograma (EEG), variabilidade da frequência cardíaca (HRV) ou marcadores hormonais. Além disso, o número reduzido de participantes e a ausência de grupo controle indicam a necessidade de pesquisas mais robustas e controladas para validar essas hipóteses.

Ainda assim, o interesse por intervenções baseadas em som cresce à medida que se amplia a compreensão sobre a relação entre cérebro, corpo e ambiente. Em um cenário contemporâneo marcado por excesso de estímulos, aceleração mental e altos níveis de estresse, estratégias que favoreçam estados de calma e reorganização interna ganham relevância.

A principal conclusão, até o momento, é que a experiência não depende exclusivamente da frequência em si, mas da interação entre o estímulo sonoro, o contexto em que é aplicado e a organização neural de cada indivíduo. Nesse sentido, as frequências como 432 Hz e 528 Hz se apresentam não como soluções isoladas, mas como ferramentas potenciais dentro de um campo mais amplo de cuidado e regulação do sistema nervoso.



Participe do Edital da Revista The Bard

38ª EDIÇÃO

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:

O esvaziamento da palavra no século de hiperconexão

22 categorias com temas livres

[Clique aqui](#)

Editais Julho e Agosto aberto até dia 31/05/2026.

SAÚDE & BEM-ESTAR

A Inflamação Emocional: Quando Conflitos Constantes Envenenam o Corpo



Por J.B Wolf
EDITOR-CHEFE

Poeta e Escritor
@poetajbwolf

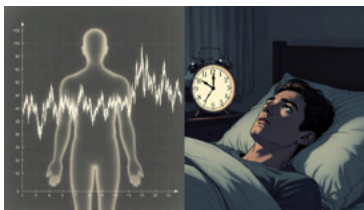
“
Em um mundo cada vez mais interconectado, mas paradoxalmente isolado, as relações humanas tornaram-se um campo fértil para conflitos e tensões.”



Em uma época em que todos falam de alimentação saudável, atividade física e exames de rotina, um dos fatores mais destrutivos para a saúde continua frequentemente ignorado: os conflitos emocionais constantes. Discussões que nunca terminam, ambientes hostis, relacionamentos tóxicos e a sensação de estar permanentemente na defensiva não afetam apenas o humor. Eles podem inflamar o corpo por dentro, alterar o sistema imunológico e abrir caminho para doenças que vão do coração à depressão. O que a ciência chama hoje de inflamação crônica de baixo grau tem, muitas vezes, origem em algo que não aparece em exames de imagem: a forma como vivemos e administramos nossas emoções.

A ligação entre mente e corpo sempre fez parte de tradições filosóficas e espirituais, mas só nas últimas décadas ganhou corpo em pesquisas sistemáticas. A psiconeuroimunologia, campo que estuda a interação entre sistema nervoso, sistema imunológico e estados psicológicos, vem demonstrando que emoções não são apenas experiências subjetivas. Situações de estresse, medo, raiva e tristeza prolongadas se traduzem em alterações químicas mensuráveis, que envolvem hormônios, neurotransmissores e moléculas inflamatórias. Nesse contexto, conflitos constantes funcionam como um gatilho que mantém o organismo em alerta, como se estivéssemos sempre diante de um perigo iminente.

Para entender essa dinâmica, é preciso olhar primeiro para o funcionamento natural do corpo diante de uma ameaça. Em situações de risco agudo, como um assalto, um acidente ou um ataque físico, o organismo aciona uma resposta conhecida como luta ou fuga. Glândulas adrenais liberam adrenalina e noradrenalina, aumentando batimentos cardíacos, pressão arterial e fluxo de sangue para músculos. Em paralelo, o hormônio cortisol é liberado, ajudando a mobilizar energia e modulando o sistema imunológico. É uma resposta inteligente e adaptativa, que serviu à sobrevivência da espécie.



O problema começa quando essa resposta, pensada para momentos pontuais, torna-se quase permanente. Conflitos constantes, humilhações repetidas, expectativas de explosões de raiva, bullying, violência psicológica e ambientes familiares ou profissionais tensos mantêm o organismo nesse estado de alerta prolongado. O que era para ser um mecanismo de emergência transforma-se em rotina. O cortisol deixa de ser um aliado e passa a desregular processos fundamentais, como o sono, o apetite, o metabolismo da glicose e a própria resposta imune.

É nesse ponto que entra a inflamação. Em condições ideais, a inflamação é um processo benéfico. Quando há um corte na pele ou uma infecção localizada, células de defesa são ativadas e liberam substâncias que ajudam a combater agentes invasores e a reparar tecidos. A região fica quente, vermelha e dolorida, sinais de que o corpo está trabalhando para se proteger. Isso é a inflamação aguda, um recurso essencial para a sobrevivência.

Já a inflamação crônica se comporta como um incêndio de baixa intensidade que nunca se apaga. Não há um corte evidente nem uma bactéria específica a combater, mas o sistema imunológico segue produzindo mediadores inflamatórios em excesso. Entre essas substâncias estão as citocinas pró inflamatórias, como interleucina 6 e fator de necrose tumoral alfa, e a proteína C reativa, produzida pelo fígado. Exames de sangue podem detectá las em níveis elevados em pessoas aparentemente saudáveis, mas submetidas a estresse emocional prolongado.

Estudos conduzidos em universidades e centros de pesquisa de renome vêm reforçando essa conexão. Pesquisas com casais em conflito mostraram que discussões hostis não só pioram a percepção de bem estar, como também elevam marcadores inflamatórios horas e até dias depois do episódio. Em experimentos controlados, casais que discutiam temas sensíveis com agressividade verbal apresentavam níveis de proteína C reativa mais altos do que aqueles que, mesmo discordando, mantinham um tom de respeito. Em outros estudos, pessoas que relataram viver em ambientes de trabalho tóxicos, com assédio moral ou pressão constante, exibiram ativação inflamatória superior à de colegas que atuavam em condições menos hostis.

A lista de doenças ligadas à inflamação crônica é ampla. Doenças cardiovasculares estão entre as mais estudadas. A formação de placas de gordura nas artérias, processo conhecido como aterosclerose, não é apenas um acúmulo mecânico de colesterol. Envolve um componente inflamatório forte. Citocinas em excesso contribuem para lesar a parede dos vasos e facilitar o depósito de gorduras e células de defesa mal reguladas. Ao longo do tempo, essas placas podem se romper, originando coágulos que levam a infartos e derrames. Quando conflitos emocionais mantêm o corpo em estado inflamatório, eles se tornam um fator indireto, mas real, de risco para o coração.

Outra área sensível é o metabolismo. A resistência à insulina, passo importante no caminho para o diabetes tipo dois, também está relacionada à inflamação. Em organismos inflamados cronicamente, células tornam se menos sensíveis à ação da insulina, o hormônio que facilita a entrada de glicose nos tecidos. O pâncreas precisa trabalhar mais, liberando quantidades maiores de insulina, até que, em muitos casos, não consegue mais compensar. A combinação de alimentação inadequada, sedentarismo e inflamação emocional cria um terreno fértil para o surgimento dessa doença, que hoje é epidemia global.



A saúde mental também não passa ilesa. Durante muito tempo, depressão e ansiedade foram tratadas como problemas restritos à mente, desvinculados do corpo. Hoje, pesquisas sugerem que, em muitos casos, a inflamação crônica participa ativamente desses quadros. Níveis elevados de certas citocinas foram encontrados em pessoas deprimidas. Experimentos mostram que indivíduos submetidos a injeções de



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026”

substâncias pró inflamatórias passam a relatar sintomas depressivos, mesmo sem mudanças significativas em sua biografia. A hipótese é que a inflamação altere a produção e a ação de neurotransmissores como serotonina e dopamina, interferindo diretamente em humor, motivação e prazer. Isso não reduz a importância de fatores psicológicos e sociais, mas amplia o quadro para incluir uma dimensão biológica da dor emocional.

Doenças autoimunes, em que o sistema imunológico passa a atacar tecidos do próprio corpo, também parecem ser sensíveis ao impacto do estresse emocional prolongado. Pacientes com lúpus, artrite reumatoide, psoríase e outras condições relatam piora dos sintomas após períodos de conflitos intensos, lutos mal elaborados ou crise familiar. A explicação, ainda em construção, aponta para uma combinação de predisposição genética, exposição a fatores ambientais e um sistema imune constantemente provocado por descargas hormonais relacionadas ao estresse.

Nesse cenário, ambientes tóxicos deixam de ser apenas incômodos e passam a ser vistos como ameaças à saúde integral. Convivências marcadas por críticas constantes, manipulação, violência verbal, desqualificação e falta de empatia funcionam como uma espécie de vazamento crônico de veneno no organismo. Relações em que não há espaço para descanso emocional, seja em casa ou no trabalho, mantêm o corpo em modo de combate, dia após dia. Parece exagero, mas, na prática, é como se cada discussão agressiva ou humilhação acrescentasse uma pequena dose de combustível à fogueira inflamatória interna.

Diante disso, a pergunta inevitável é: o que fazer para reduzir esse impacto sem cair em soluções simplistas? Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que a mudança raramente é possível apenas da porta da pele para dentro.

Técnicas individuais de manejo de estresse, como meditação, exercícios respiratórios e psicoterapia, são ferramentas importantes e têm eficácia demonstrada em reduzir a reatividade fisiológica a estímulos estressantes. Práticas de atenção plena, por exemplo, ajudam o indivíduo a perceber seus estados internos e a criar um espaço entre o estímulo e a resposta, diminuindo a intensidade com que conflitos são vividos.

No entanto, não basta ensinar alguém a respirar fundo se o ambiente em que essa pessoa vive é estruturalmente abusivo. Há casos em que a única estratégia realmente eficaz é afastar se. Encerrar relações marcadas por violência, buscar outro emprego quando o trabalho se transforma em agressão diária, estabelecer limites claros com familiares que ultrapassam fronteiras de respeito repetidamente, tudo isso faz parte de um pacote de autocuidado que tem impacto direto na inflamação emocional. É uma decisão difícil, muitas vezes dolorosa, mas ignorar o preço cobrado pelo corpo pode sair ainda mais caro no futuro.

A construção de redes de apoio é outro elemento central. Relações saudáveis, baseadas em respeito, escuta e cooperação, têm efeito protetor. Estudos com grupos de pessoas que relatam sentir se apoiadas por amigos, família ou comunidade mostram níveis mais baixos de marcadores inflamatórios, mesmo em contextos de dificuldade. Compartilhar dores, dividir responsabilidades e ter com quem contar reduz a sensação de ameaça permanente. O organismo, nessa situação, pode finalmente baixar a guarda em alguns momentos, e isso se reflete em quedas reais na ativação do sistema de estresse.

Há ainda o papel das políticas públicas e da cultura organizacional. Empresas que tratam o adoecimento mental como fraqueza ou mimimi contribuem, diretamente, para inflamar seus funcionários. Ambientes de trabalho que valorizam metas a qualquer custo, normalizam

jornadas abusivas e banalizam assédio criam caldo ideal para inflamação emocional em larga escala. O mesmo vale para sistemas educacionais que produzem competição desmedida e humilhação constante. Se a ciência mostra que conflitos constantes envenenam o corpo, a lógica aponta para a necessidade de rever conceitos de produtividade e sucesso que se alimentam do esgotamento dos indivíduos.

Finalmente, não se pode ignorar o papel da informação qualificada. Em tempos de redes sociais, mensagens alarmistas e conselhos rasos, existe o risco de transformar qualquer desconforto em diagnóstico ou de culpabilizar indivíduos por adoecimentos que têm raízes profundas em estruturas sociais. Falar de inflamação emocional não significa dizer que toda doença é resultado de pensamento negativo ou má gestão de conflitos. Trata se, ao contrário, de reconhecer a complexidade do organismo humano e lembrar que saúde não é apenas ausência de sintomas físicos, mas também equilíbrio nas relações e nos afetos.

Em última análise, a ideia de que conflitos constantes envenenam o corpo é um convite a levar a sério aquilo que muitas vezes tentamos minimizar. A discussão que parece apenas mais uma, o relacionamento que se arrasta em agressões veladas, o ambiente de trabalho em que a tensão é rotina, tudo isso pode estar se convertendo em mensagens químicas silenciosas, escritas no sangue, nos vasos, no cérebro. Ninguém tem como eliminar totalmente o estresse e os conflitos da vida. Mas é possível, e necessário, escolher com mais cuidado quais batalhas valem a energia e quais relações merecem permanecer. Cuidar da saúde emocional, nesse contexto, é também cuidar do coração, do sistema imunológico, do cérebro e de cada célula que responde, em silêncio, àquilo que vivemos por fora.

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

A Inquietante Realidade da Vigilância Digital

Cada clique, pausa, omissão e hesitação se torna dado, compondo perfis comportamentais mais precisos do que qualquer observação direta.



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

- Leia o artigo completo no Site

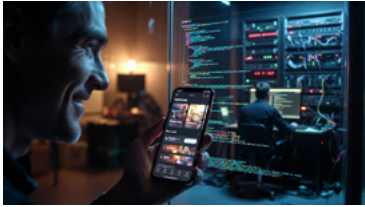
Raramente a vigilância começa com um sinal evidente. Ela se instala de forma quase imperceptível, diluída nos gestos cotidianos que repetimos sem esforço. Desbloquear a tela, aceitar termos sem leitura atenta, navegar entre conteúdos sugeridos com a sensação de escolha livre. Nada disso parece extraordinário. Ainda assim, é nesse terreno aparentemente banal que se estrutura uma das transformações mais profundas do nosso tempo.



A experiência digital deixou de ser apenas uma ferramenta e passou a funcionar como um ambiente contínuo, no qual cada ação, por menor que seja, contribui para a formação de um registro. Não se trata apenas do que é dito explicitamente, mas também do que é evitado, do tempo de permanência em um conteúdo, da hesitação antes de uma decisão. Esses elementos, quando reunidos, formam um conjunto de informações capaz de descrever comportamentos com um nível de detalhe que dificilmente seria alcançado por observação direta.

O que torna esse processo particularmente inquietante não é apenas sua existência, mas a forma como ele se integra à rotina sem provocar estranhamento proporcional. A vigilância digital não se apresenta como imposição, mas como conveniência. Ela organiza informações, antecipa interesses, oferece caminhos que

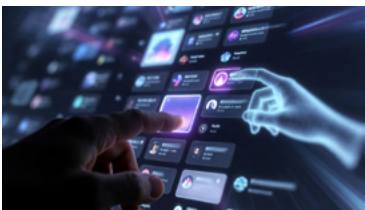
parecem adequados ao perfil de cada usuário. Essa funcionalidade, embora eficiente, opera a partir de critérios que nem sempre são visíveis, o que desloca parte significativa do controle para estruturas externas ao indivíduo.



Nesse contexto, a noção de escolha permanece, mas se torna mais complexa. As opções disponíveis não surgem de maneira neutra; elas são filtradas, organizadas e priorizadas com base em dados acumulados ao longo do tempo. O resultado é um ambiente em que as decisões continuam sendo tomadas individualmente, mas dentro de um conjunto de possibilidades previamente estruturado. Essa mediação constante não elimina a autonomia, mas a condiciona de maneiras que nem sempre são percebidas.

Há também uma alteração importante na relação com o tempo. O que antes poderia ser esquecido ou perder relevância permanece registrado, passível de análise e reutilização. O passado, nesse sentido, não se encerra, mas continua ativo, influenciando recomendações, previsões e interações futuras. Essa continuidade transforma experiências isoladas em padrões e, a partir deles, constrói perfis que passam a orientar o que será apresentado ao usuário.

Esse processo não se limita à observação. Ele também intervém. Ao identificar regularidades, os sistemas digitais não apenas registram comportamentos, mas também os influenciam, ainda que de forma indireta. Sugestões de conteúdo, destaques específicos, ausência de determinadas informações. Cada uma dessas escolhas contribui para a formação de um ambiente que orienta a atenção e, consequentemente, as decisões.



Outro aspecto relevante diz respeito à distribuição de poder nesse cenário. Enquanto indivíduos produzem dados de forma contínua, as estruturas responsáveis por coletá-los e analisá-los operam com recursos técnicos e informacionais significativamente superiores. Essa assimetria não é imediatamente visível, mas tem implicações profundas, especialmente quando se considera a capacidade de prever e influenciar comportamentos em larga escala.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

Ainda assim, a adesão a esse sistema ocorre, na maioria das vezes, de forma voluntária. Termos de uso são aceitos, permissões são concedidas, serviços são incorporados à rotina. No entanto, a formalidade desse consentimento não garante, necessariamente, uma compreensão efetiva de suas consequências. A complexidade dos processos envolvidos dificulta uma avaliação clara do que está sendo compartilhado e de como essas informações serão utilizadas.



Além das dimensões técnicas e estruturais, há efeitos mais sutis, relacionados à forma como os indivíduos se comportam em ambientes potencialmente monitorados. A possibilidade de registro constante pode levar a ajustes de conduta, ainda que inconscientes. Certos conteúdos deixam de ser acessados, determinadas opiniões deixam de ser expressas, escolhas são revistas antes mesmo de se concretizarem. Esse movimento não decorre de uma imposição direta, mas da percepção de que ações podem ser observadas e, eventualmente, interpretadas.

É nesse ponto que a vigilância digital deixa de ser apenas um fenômeno externo e passa a influenciar a própria forma de agir. O controle não se exerce apenas de fora para dentro, mas também se internaliza, moldando comportamentos de maneira difusa. Essa característica torna o fenômeno mais difícil de identificar e, consequentemente, de um questionar.



Não se trata de negar os benefícios associados às tecnologias digitais. A capacidade de acesso à informação, a otimização de serviços e a ampliação de possibilidades de comunicação são aspectos relevantes e amplamente reconhecidos. O desafio está em compreender que esses benefícios coexistem com dinâmicas que exigem análise crítica, especialmente quando envolvem a coleta e o uso de dados em larga escala.

A vigilância digital, ao se tornar parte integrante da experiência cotidiana, redefine limites que antes pareciam mais claros. Privacidade, autonomia e liberdade passam a ser conceitos que precisam ser revisitados à luz de um contexto em que a observação é constante, ainda que invisível. Essa redefinição não ocorre de forma abrupta, mas por meio de ajustes graduais, que muitas vezes passam despercebidos.

Nesse sentido, torna-se fundamental desenvolver uma postura mais atenta em relação às práticas digitais. Isso não implica necessariamente rejeição, mas exige compreensão. Questionar o funcionamento das plataformas, refletir sobre o uso de dados e reconhecer os mecanismos que orientam a experiência online são passos importantes para ampliar o nível de consciência sobre o ambiente em que estamos inseridos.

A inquietação, nesse caso, não deve ser

entendida como paralisia, mas como ponto de partida. É a partir dela que se torna possível interromper automatismos, reconsiderar escolhas e, eventualmente, redefinir a forma de interação com as tecnologias disponíveis.

A vigilância digital não se impõe de maneira explícita, e talvez seja justamente por isso que exige maior atenção. Quando o controle não se apresenta como controle, mas como parte natural do funcionamento das coisas, a capacidade de percebê-lo se torna um elemento essencial para qualquer tentativa de reflexão crítica.

Sob esse cenário, preservar a possibilidade de escolha consciente depende, em grande medida, da disposição para observar aquilo que normalmente permanece oculto. E essa observação, embora não ofereça respostas imediatas, abre espaço para um tipo de liberdade que não se limita à ação, mas inclui também a compreensão das condições em que essa ação ocorre.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

O Corpo como Senha Universal: A Revolução Biométrica entre Conveniência e Distopia



Por Redação, The Bard News JORNAL

@thebardnews



Digitar senhas, decorar combinações numéricas, carregar cartões e crachás. Tudo isso parece cada vez mais anacrônico em um mundo em que um olhar, um toque ou até a forma de caminhar podem liberar acesso a contas bancárias, aeroportos, edifícios e dispositivos pessoais. Na era da biometria, o corpo humano se converte em chave mestra, apresentado como solução elegante para problemas de segurança e usabilidade. Por trás dessa promessa, porém, cresce um debate incômodo: ao transformar características biológicas em credenciais digitais, o que ganhamos em conveniência pode ser eclipsado por um novo tipo de vulnerabilidade, em que privacidade, liberdade e até direitos civis entram na zona de risco.



A biometria, no sentido mais amplo, é o conjunto de técnicas que identificam pessoas com base em características físicas ou comportamentais únicas. Impressões digitais, traços do rosto, contornos da íris, timbre da voz, padrões de veias, modo de andar, batimentos cardíacos, tudo isso pode ser transformado em dado. Essa transformação é feita por sensores e algoritmos que, em vez de perguntarem "quem é você?", calculam probabilidades, comparam padrões e devolvem uma resposta binária: corresponde ou não corresponde. O que antes era usado quase exclusivamente em perícia policial e controle de fronteiras, hoje está no bolso, no relógio, na catraca, na câmera do shopping e, em alguns lugares, nas ruas inteiras de cidades monitoradas.

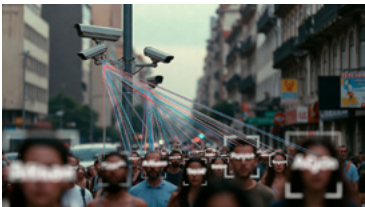
A explosão da biometria no cotidiano só foi possível graças ao avanço da inteligência artificial, em particular do aprendizado de máquina. Algoritmos modernos conseguem processar enormes bancos de imagens e sinais, encontrar padrões e melhorar sua precisão ao longo do tempo. No reconhecimento facial, por exemplo, sistemas mais recentes identificam indivíduos em diferentes ângulos, com mudanças de iluminação e de aparência, como barba, óculos ou envelhecimento. No reconhecimento de íris, a leitura de desenhos microscópicos ao redor da pupila confere uma precisão altíssima, praticamente impossível de replicar. Há também a biometria comportamental, menos visível, mas igualmente poderosa: a forma como digitamos, a cadência da voz, o modo de segurar o celular ou o ritmo da passada podem gerar assinaturas únicas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepix sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

Os argumentos a favor da biometria são sedutores. Em teoria, o corpo não se esquece da senha e não a anota em papel algum. Smartphones que liberam acesso com um toque de dedo ou um olhar reduziram o atrito de interação e, em muitos casos, aumentaram a segurança em relação a senhas simples. Sistemas de autenticação biométrica em bancos tentam dificultar fraudes, exigindo que o criminoso tenha não apenas um número, mas a presença física do cliente. Em aeroportos, portões automatizados com leitura de rosto ou de passaporte biométrico prometem filas mais curtas e processos mais ágeis. Em hospitais, a identificação biométrica pode evitar trocas de pacientes, medicações erradas e fraudes em planos de saúde. Na narrativa dos entusiastas, a biometria representa um próximo passo natural rumo a uma sociedade mais eficiente.

É nesse ponto que a mesma tecnologia que protege pode se converter em instrumento de controle. Se o corpo é senha, cada passagem diante de uma câmera pode ser um login silencioso em algum sistema de vigilância. Em cidades com milhares de câmeras conectadas a bancos de dados de identidade, o reconhecimento facial permite seguir trajetos inteiros, mapear rotinas, registrar encontros e, eventualmente, associar pessoas a eventos políticos, religiosos ou sociais. Empresas e governos passam a dispor de um poder de observação que antes exigia grande esforço humano e hoje pode ser automático, barato e contínuo.



Os casos mais avançados de uso de biometria em larga escala vêm de países que fazem da vigilância um pilar explícito de governança. Em algumas regiões, câmeras capazes de identificar rostos são combinadas a sistemas que atribuem pontuações a comportamentos considerados desejáveis ou indesejáveis. A presença em um protesto, uma multa não paga, um comentário nas redes, tudo pode alimentar um perfil digital. O rosto, que um dia serviu para garantir que apenas o dono do celular o desbloqueasse, passa também a funcionar como etiqueta em sistemas de reputação social. A fronteira entre segurança pública e controle político torna-se nebulosa.

Mesmo em democracias com proteção a dados pessoais, a biometria levanta questões difíceis. Quem é o dono desses dados? Uma vez coletado o mapa de sua face, a digital do seu dedo, o padrão do seu coração, a quem pertencem essas informações? A você, ao fabricante do dispositivo, ao governo, à empresa que gerencia o serviço? Leis de proteção de dados, como as que vigoram no Brasil e na Europa, tentam responder impondo regras de consentimento, finalidade e armazenamento. Na prática, porém,

o cidadão comum raramente tem clareza sobre a extensão do uso de sua biometria. Termos de uso extensos e pouco transparentes, associado a notificações genéricas, tornam o consentimento quase automático.



Outro ponto crítico é que dados biométricos não podem ser trocados. Se uma senha vaza, você cria outra. Se o número de um cartão vaza, o banco emite um novo. Mas se o banco de dados com rostos, íris ou impressões digitais é comprometido em um ataque cibernético, não existe um novo rosto para ser emitido. Os dados roubados podem alimentar, por anos, tentativas de fraude, criação de identidades falsas e ataques sofisticados. Especialistas em segurança digital alertam que a biometria, ao contrário do que o marketing costuma sugerir, não deve ser vista como substituta absoluta de outros métodos, e sim como mais uma camada combinada de autenticação.

Os sistemas biométricos, além disso, não são neutros. Eles são treinados com dados coletados de populações específicas e carregam os vieses dessas amostras. Pesquisas independentes mostraram que muitos modelos de reconhecimento facial apresentam desempenho pior para pessoas negras, mulheres e determinados grupos étnicos em comparação com homens brancos. Em contextos de policiamento, isso pode significar abordagens erradas, prisões injustas e reforço de desigualdades já existentes. Quando um algoritmo confunde um rosto com outro, o erro tem peso humano: alguém pode ser acusado de um crime que não cometeu, ou impedido de acessar um serviço legítimo.



Claro que empresas e órgãos de pesquisa trabalham para mitigar esses vieses, ampliando a diversidade dos conjuntos de treinamento e ajustando modelos. Mas a existência de falhas estruturais em sistemas que identificam cidadãos lembra que a biometria não é apenas uma questão técnica, é também política. Quem define o que é aceitável em termos de precisão? Quantos erros são tolerados e sobre quais corpos esses erros recaem?

A expansão da biometria também alcança

o campo militar e de segurança nacional. Equipamentos capazes de identificar alvos à distância, drones que reconhecem rostos, bancos de dados globais integrando informações biométricas de migrantes, suspeitos e soldados, tudo isso compõe um cenário em que o corpo físico se torna, literalmente, um alvo codificado. Em zonas de conflito, a captura de bancos biométricos pode representar não apenas dano estratégico, mas risco direto para a sobrevivência de populações inteiras.

Diante desse horizonte, a questão central deixa de ser se usaremos biometria e passa a ser como, em que limites e sob quais salvaguardas. Um dos caminhos discutidos por especialistas é a adoção do princípio da minimização: coletar apenas o estritamente necessário, por tempo limitado, com transparência sobre a finalidade e com possibilidade de revogação do consentimento. Outra linha defende o uso de biometria sobretudo em dispositivos pessoais, armazenada localmente, sem envio permanente a servidores centrais. Nesse modelo, o reconhecimento facial para desbloquear o celular aconteceria dentro do próprio aparelho, sem que o mapa do rosto fosse automaticamente compartilhado com terceiros.

Além da engenharia e das leis, há um componente cultural nessa discussão. A sociedade está, pouco a pouco, se acostumando a trocar privacidade por conveniência. Abrimos mão de detalhes sobre deslocamentos, preferências de consumo, rotinas de sono e batimentos cardíacos em troca de aplicativos que contam passos, sugerem rotas, montam playlists personalizadas. A biometria se insere nessa lógica, oferecendo desbloqueios mais rápidos e acessos mais fluidos. O risco é que, sem que percebamos, ela deixe de ser uma opção confortável e se torne um requisito, obrigatório para o uso de serviços públicos e privados. Quando o rosto é exigido para entrar no transporte, no prédio, na escola, no hospital e no banco, recusar-se pode significar exclusão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepix sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

A discussão ética sobre a biometria, portanto, não se limita à técnica. Inclui refletir sobre que tipo de sociedade estamos construindo. Uma sociedade em que o corpo é constantemente vigiado, medido e avaliado, ou uma em que a tecnologia é usada com parcimônia, como ferramenta a serviço da autonomia humana? A resposta não está dada. Ela será, em grande medida, resultado de decisões tomadas hoje, em legislações, tribunais, conselhos de empresa, assembleias legislativas e também na escolha individual de ligar ou não determinada função, de consentir ou não com determinado uso.



O corpo como senha universal é símbolo de um tempo em que a fronteira entre o físico e o digital quase desapareceu. Cabe a nós decidir se essa senha abrirá portas para mais liberdade ou para um tipo sofisticado de confinamento invisível. O fato de a tecnologia existir não a torna inevitável nem neutra. Ao contrário, torna urgente uma discussão madura sobre limites, responsabilidades e garantias. A biometria pode, sim, trazer mais segurança e conforto. Mas, sem vigilância cidadã e marcos regulatórios robustos, pode também inaugurar uma fase em que a própria identidade se torna objeto de negócios e de vigilância permanente. E, nesse cenário, talvez a pergunta mais importante não seja como usar o corpo como senha, mas como garantir que ele continue sendo, antes de tudo, nossa última fronteira de liberdade.

CRÍTICA

O Desaparecimento do Artista? Inteligência Artificial e a Crise da Assinatura Criativa



Por Redação, The Bard News JORNAL

@thebardnews

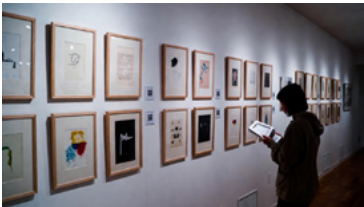
"A crise existencial que a IA impõe ao mundo criativo, explorando como ela desafia conceitos de estilo, originalidade e autoria que sustentaram séculos de crítica artística."

CRÍTICA

- Leia o artigo completo no Site



Por séculos, a arte ocupou o lugar de último reduto da experiência humana irrepetível. Enquanto máquinas tomavam fábricas e escritórios, acreditava-se que o ateliê, o estúdio e a página em branco permaneceriam intocados, protegidos por algo chamado inspiração, sensibilidade, subjetividade. Hoje, essa certeza está em xeque. Sistemas de inteligência artificial escrevem poemas, roteiros e reportagens, compõem trilhas sonoras, criam quadros em alta resolução, geram personagens, logos e campanhas publicitárias inteiras. A pergunta que inquieta artistas, juristas, críticos e tecnólogos é direta: se uma máquina pode produzir algo que emociona, surpreende ou conquista o público, o que significa, afinal, ser autor?



A crise atual não surge do nada. A ideia moderna de artista, tal como a conhecemos, é relativamente recente. Durante boa parte da história, pintores e compositores eram artesãos, muitas vezes anônimos, a serviço de mecenas, igrejas e cortes. Foi a partir do Renascimento e, depois, do romantismo que a figura do gênio individual ganhou centralidade. A assinatura passou a valer tanto quanto a obra. Saber que um quadro é de um determinado pintor passou a influenciar não só o preço, mas a forma de interpretar a imagem. No século vinte, essa lógica se extremou: um simples traço poderia ser arte se viesse acompanhado do nome certo. Agora, a inteligência artificial coloca esse modelo de cabeça para baixo.

Modelos generativos de texto, imagem, som e vídeo aprendem a partir de um oceano de exemplos humanos. Textos, músicas, fotografias,

pinturas e filmes alimentam sistemas que extraem padrões, combinam estilos, identificam estruturas narrativas, harmônicas e visuais. Ao contrário do que muitos imaginam, essas máquinas não “entendem” o mundo no sentido humano. Elas calculam probabilidades. Dado um começo de frase, qual a palavra mais provável a seguir? Dada uma descrição, qual combinação de cores e formas se aproxima do que já foi visto? Ainda assim, o resultado, muitas vezes, soa assustadoramente criativo. A fronteira entre copiar e inventar fica turva.

Essa turvação atinge em cheio o conceito de originalidade. Durante séculos, original foi aquilo que se afastava do já conhecido. No entanto, nenhuma obra humana nasce do zero. Todo escritor é leitor, todo compositor é ouvinte, todo cineasta foi espectador antes de pegar a câmera. O que os sistemas de IA revelam, de forma brutal, é que parte do que chamamos de novidade é recombinação sofisticada de referências. A diferença é que a máquina faz isso em escala e velocidade fora do alcance humano. Ao mesmo tempo, falta-lhe um elemento fundamental: a experiência vivida, a biografia, a dor e a alegria que moldam sensibilidade e escolha.



É nesse ponto que a crise da assinatura criativa ganha contornos filosóficos. Se uma IA produz um romance, uma canção ou um quadro, quem assina? O programador que escreveu o código? A equipe que treinou o modelo em milhões de exemplos? A empresa que detém os servidores? O usuário que descreveu, em poucas linhas, o que queria ver? Ou ninguém? A legislação de direitos autorais foi construída sobre a premissa de um criador humano identificável. Obras em domínio público, contratos, licenças, tudo se organiza em torno dessa figura. A inteligência artificial introduz uma autoria difusa, compartilhada e, em muitos casos, opaca.

Na prática, o mercado está respondendo de maneiras diferentes. Algumas plataformas exigem que conteúdos gerados com IA sejam identificados como tal. Outras estimulam sua produção, barateando custos para empresas de mídia, publicidade e entretenimento. Há narrativas de “parceria criativa”, em que o humano é apresentado como diretor e a IA como ferramenta. Em outros casos, porém, o papel humano parece reduzido ao de operador. Em vez de meses de trabalho de um ilustrador,

uma campanha opta por imagens geradas em poucos minutos. Em vez de contratar um time de redatores, uma empresa recorre a textos automáticos adaptados por poucos editores.

Isso levanta uma questão concreta: o que acontece com o trabalho artístico quando parte significativa da demanda é absorvida por algoritmos? Quem vive de tarefas consideradas “intermediárias” na cadeia criativa é o primeiro a sentir o impacto. Designers que produzem variações de layout, ilustradores de baixa remuneração, compositores de trilhas genéricas, produtores de conteúdos padronizados para redes sociais, todos se veem diante da concorrência de sistemas capazes de gerar, em segundos, o que antes levava horas. O risco não é apenas econômico, mas formativo: se menos pessoas conseguem sobreviver da arte, menos gente terá tempo e espaço para amadurecer linguagens próprias.

Por outro lado, há relatos de usos da IA que ampliam possibilidades em vez de substituí-las. Roteiristas que usam modelos de linguagem para testar alternativas de diálogo, compositores que exploram harmonias que não imaginariam sozinhos, artistas visuais que tratam o algoritmo como colaborador, gerando material bruto para depois intervir manualmente. Nesses casos, a tecnologia funciona como extensão da imaginação, não como atalho para reduzir o humano a espectador de sua própria irrelevância. A diferença entre um cenário e outro muitas vezes está nas condições em que a ferramenta é introduzida: se é apresentada como recurso auxiliar, com tempo e remuneração adequados para elaboração humana, ou se entra apenas como mecanismo de corte de custos.



Sob a superfície técnica, existe uma camada ética espinhosa. Grande parte dos sistemas de inteligência artificial criativa foi treinada com obras de artistas vivos, sem consentimento explícito, sem pagamento e, não raro, contra a vontade dos autores. Pinturas, livros, músicas e fotografias foram coletados em massa na internet, sob a justificativa de que estavam publicamente acessíveis. Na prática, o que se vê é um processo assimétrico: trabalhos individuais, alguns produzidos ao longo de décadas, alimentam modelos que, depois, concorrem com esses mesmos artistas em licitações, concursos e mercados. Há quem chame isso de nova forma de apropriação, uma

espécie de industrialização do plágio, ainda que juridicamente difícil de enquadrar.

Frente a esse quadro, cresce a defesa da transparência. Exigir rastreabilidade de dados de treino, mecanismos de exclusão para quem não quer ver sua obra integrada a modelos, regras claras de remuneração quando estilos individuais são reproduzidos, tudo isso aparece na pauta de organizações de artistas. A discussão não é apenas sobre dinheiro, mas sobre reconhecimento. Se um estilo visual ou sonoro é tão marcante que o público identifica referências claras a um autor específico, por que esse autor ficaria fora da distribuição de benefícios?

Ao mesmo tempo, a inteligência artificial força uma revisão do mito do gênio isolado. Mesmo antes dela, a criação artística sempre envolveu colaboração, influência, diálogo. Editoras, galerias, produtores, críticos, professores, amigos, todos interferem no processo. A tecnologia apenas torna mais explícito algo que já existia: a arte é resultado de redes. Isso não elimina a importância da assinatura, mas talvez a desmistifique, deslocando o foco da ideia de origem absoluta para uma noção de autoria situada, relacional.

Nesse contexto, surgem novas funções. O chamado engenheiro de prompt, figura ainda em consolidação, é responsável por formular instruções complexas para sistemas de IA, guiando-lhes a produção. Em vez de escolher cada nota, cada cor ou cada palavra, esse profissional decide parâmetros, estilos e combinações. É possível ver nessa função uma forma de arte conceitual, em que o gesto criativo está em definir o enquadramento e os critérios, não em executar cada detalhe. Críticos argumentam que isso diminui o contato com a matéria, com a prática artesanal que sempre foi parte da formação artística. Defensores veem aí uma evolução natural, semelhante ao que aconteceu quando cineastas passaram a delegar a técnicos de fotografia, edição, som e efeitos parte importante do trabalho.

Outra questão que ganha força é a da autenticidade. Em um cenário em que obras tecnicamente impecáveis podem ser geradas em massa por máquinas, o público passará a valorizar ainda mais o traço humano reconhecível? Haverá mercado para pinturas com erros, canções com falhas, textos com pausas e hesitações, justamente porque refletem o esforço de alguém? Alguns sinais apontam nessa direção. Há interesse crescente por processos, bastidores, rascunhos, diários de criação. Saber como uma obra veio ao mundo torna-se quase tão importante quanto a obra em si. É uma forma de reconectar a arte à biografia, em resposta a uma produção algorítmica que, por mais sofisticada, carece de contexto humano.



Nada disso significa que a inteligência artificial jogará o artista para fora do palco de forma definitiva. Mas a posição tradicional está, sem dúvida, em transformação. Em muitos casos, o papel do criador se desloca de executor exclusivo para curador, diretor, editor, alguém que seleciona e organiza resultados produzidos em parte por sistemas automatizados. Essa mudança pode ser vista como perda de território ou como chance de explorar linguagens ainda indefinidas. A escolha, em alguma medida, está nas mãos da própria comunidade artística e das instituições que a cercam.

O desafio é evitar dois extremos: demonizar toda forma de IA como inimiga da arte ou aceitá-la de maneira acrítica como solução mágica. Entre a recusa absoluta e o entusiasmo ingênuo, há um campo de disputas em que se definem normas, direitos, responsabilidades. Leis de direitos autorais, políticas de plataformas, contratos de trabalho e decisões de tribunais moldarão, nos próximos anos, o contorno dessa crise. Sem participação ativa de artistas, pesquisadores, jornalistas e público, há o risco de que prevaleça apenas a lógica de quem controla infraestrutura e dados.

No fim, a pergunta sobre o desaparecimento do artista talvez esteja mal formulada. O que está desaparecendo, ou ao menos se desmanchando, é uma certa imagem romântica de autoria solitária, desconectada de redes e de sistemas. Em seu lugar, surge um cenário mais ambíguo, em que a criatividade se distribui entre humanos e máquinas, entre indivíduos e coletivos, entre intenções declaradas e efeitos imprevistos. A assinatura continua lá, mas cercada de asteriscos e notas de rodapé.

A verdadeira questão, então, pode ser outra: em um mundo em que algoritmos conseguem imitar quase qualquer estilo, o que fará a arte humana valer a pena? Talvez a resposta esteja menos na perfeição formal e mais na capacidade de assumir risco, de errar de maneira interessante, de falar a partir de uma experiência que nenhuma máquina pode ter. A crise da assinatura criativa não elimina a necessidade de artistas. Ao contrário, torna mais claro o que só eles podem oferecer: um modo particular de estar no mundo, com todas as contradições e vulnerabilidades que nenhuma linha de código consegue armazenar por completo.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026”



CRÍTICA

O Que Aconteceu com as Universidades como Espaços de Debate Livre?



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

CRÍTICA

Leia o artigo completo no Site

"Cresce a cautela, a autocensura e a busca por estabilidade aparente, enquanto o medo de exposição, o julgamento rápido das redes e a associação rígida entre ideias e identidades retraem a disposição ao confronto de ideias."



Houve um tempo em que a universidade era um território inquieto, quase elétrico, onde ideias não apenas circulavam, mas se chocavam com intensidade suficiente para produzir faíscas. Não se tratava de um espaço confortável. Ao contrário, era um ambiente em que o desconforto fazia parte do processo de aprendizagem. Questionar era esperado. Discordar era necessário. E, sobretudo, pensar implicava correr riscos.



Esse cenário, no entanto, parece cada vez mais distante. Não porque as universidades tenham se tornado menos relevantes, mas porque algo em sua dinâmica interna mudou de forma significativa. A disposição para o risco intelectual, que antes era um dos pilares da vida acadêmica, vem sendo substituída por uma cautela excessiva. Em muitos contextos, a preocupação em evitar conflitos ultrapassa o compromisso com o debate, criando um ambiente onde o silêncio se torna mais seguro do que a exposição de ideias.

O debate livre exige mais do que liberdade formal. Ele depende de uma cultura que valorize a dúvida, que reconheça o erro como parte do processo de construção do conhecimento e que encare a discordância como uma oportunidade, não como uma ameaça. Quando essa cultura enfraquece, o que resta é uma espécie de consenso superficial, mantido não pela força dos argumentos, mas pelo receio das consequências de divergir.



A universidade, que deveria funcionar como um espaço de experimentação intelectual, começa então a se transformar em um ambiente de validação. Em vez de testar ideias, passa a confirmar posições já estabelecidas. Em vez de estimular perguntas difíceis, tende a privilegiar respostas aceitáveis. Essa mudança, ainda que sutil em alguns casos, tem efeitos profundos sobre a qualidade do pensamento produzido.

Parte desse processo está relacionada a transformações mais amplas na sociedade. Vivemos um tempo em que a exposição é constante e as repercussões de qualquer posicionamento podem ser imediatas e

amplificadas. O ambiente digital contribui para isso ao criar uma lógica de julgamento rápido, em que nuances são frequentemente ignoradas e a complexidade dá lugar a interpretações simplificadas. Esse contexto inevitavelmente atravessa as universidades, influenciando a forma como estudantes e professores se posicionam.

Além disso, há uma crescente tendência de associar ideias a identidades de maneira rígida. Embora o reconhecimento de diferentes perspectivas seja um avanço importante, essa associação pode dificultar o debate quando qualquer questionamento é interpretado como um ataque pessoal. Nesse cenário, a discordância deixa de ser um exercício intelectual e passa a ser percebida como uma forma de deslegitimação do outro. O resultado é um ambiente em que o diálogo se torna mais difícil e o confronto de ideias, mais raro.

Outro aspecto relevante é a transformação do papel da universidade na sociedade contemporânea. Pressionadas por demandas de produtividade, rankings e resultados mensuráveis, muitas instituições acabam priorizando eficiência em detrimento da reflexão crítica. O tempo necessário para o debate, para a elaboração cuidadosa de argumentos e para a escuta atenta, torna-se escasso. O pensamento, que exige pausa e aprofundamento, passa a competir com a lógica da rapidez.



Essa combinação de fatores contribui para a construção de um ambiente em que o debate livre não desaparece completamente, mas se torna mais restrito. Ele passa a ocorrer em espaços informais, entre grupos de confiança, ou em contextos onde o risco de exposição é menor. No espaço público da universidade, por outro lado, prevalece muitas vezes uma postura mais cautelosa, marcada pela tentativa de evitar contravérsias.

Contudo, é importante reconhecer que a ausência de conflito não significa harmonia. Um ambiente sem debate pode parecer estável à primeira vista, mas essa estabilidade frequentemente esconde uma fragilidade estrutural. Ideias que não são questionadas tendem a se tornar rígidas, incapazes de se adaptar a novas informações ou perspectivas. O conhecimento, nesse contexto, perde sua capacidade de renovação.

Recuperar a universidade como espaço de debate livre não implica retornar a um modelo idealizado do passado. Significa,

antes, repensar as condições que tornam o debate possível no presente. Isso envolve criar ambientes em que a discordância seja tratada com responsabilidade, mas também com abertura. Envolve reconhecer que o confronto de ideias é parte essencial do processo de aprendizagem e que evitar esse confronto pode comprometer a própria função da universidade.

Também é necessário desenvolver uma cultura de escuta mais consistente. Ouvir não apenas para responder, mas para compreender. Essa prática, embora frequentemente mencionada, ainda é pouco cultivada em muitos contextos acadêmicos. Sem ela, o debate tende a se transformar em uma sucessão de monólogos, em que cada parte reafirma sua posição sem realmente considerar a do outro.

Outro ponto fundamental é a valorização da complexidade. Em um cenário marcado por polarizações, há uma tendência de simplificar questões que, na realidade, são multifacetadas.

A universidade, por sua natureza, deveria resistir a essa simplificação. Deveria ser o espaço onde as contradições são exploradas, onde as respostas fáceis são questionadas e onde a incerteza é reconhecida como parte do processo de conhecimento.

Em suma, é preciso resgatar a ideia de que mudar de opinião não é sinal de fraqueza, mas de maturidade intelectual. O debate livre só faz sentido em um ambiente onde as pessoas estão dispostas a revisar suas próprias posições. Sem essa disposição, o debate se torna apenas uma formalidade, um exercício retórico sem impacto real.

A universidade continua sendo um dos espaços mais importantes para a produção e a circulação de conhecimento. No entanto, sua relevância depende, em grande medida, da capacidade de sustentar o debate livre como prática cotidiana. Sem ele, o pensamento perde profundidade, a crítica se enfraquece e o conhecimento se torna repetitivo.

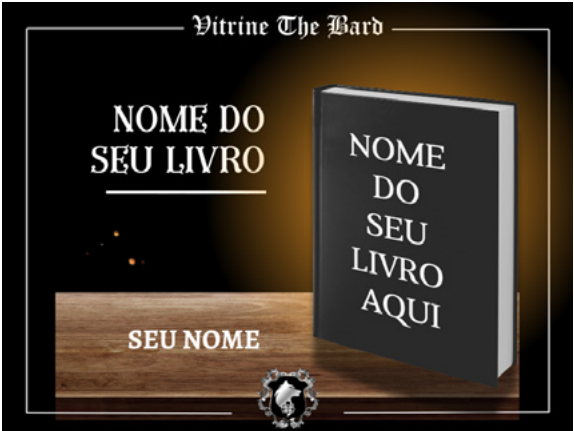
Se há um desafio a ser enfrentado, ele não está apenas nas estruturas institucionais, mas nas atitudes que moldam o cotidiano acadêmico. Reaprender a conviver com a discordância, valorizar o questionamento e aceitar o risco intelectual são passos essenciais para que a universidade recupere sua vitalidade.

Caso contrário, corre-se o risco de transformar um espaço que deveria ser marcado pela inquietação em um ambiente excessivamente previsível. E a previsibilidade, quando se trata de pensamento, raramente é um bom sinal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/04/2026"

VITRINE THE BARD



Clique aqui para anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

CLASSIFICADOS

ANUNCIE
SEU NEGÓCIO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SUA EMPRESA

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU EVENTO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

 Sua marca aqui



Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

CLIQUE AQUI
PARA ANUNCIAR

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim beatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** www.seusite.com.br

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO SITE

ANÚNCIO 1 - 1196X212



ANÚNCIO 2 - 1000X212



ANÚNCIO 3 - 400X300



ANÚNCIO 4 - 1080X1920



ANUNCIE

ANÚNCIOS NO JORNAL EM PDF

Pub1

ANUNCIE

Pub2

ANUNCIE

Pub3

ANUNCIE

Pub4

ANUNCIE

Pub5

ANUNCIE

Pub6

ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE

Clique aqui para Anunciar

AGRADECIMENTOS



No dia 10 de maio de 2026, celebramos a concretização de um sonho coletivo: o lançamento da 9ª edição do **Jornal The Bard News®**, no Brasil e no mundo.

Em um tempo marcado por transformações rápidas e profundas, seguimos acreditando na força da arte, da literatura, da ciência e do conhecimento como instrumentos capazes de construir pontes, ampliar horizontes e provocar reflexões indispensáveis. O **The Bard News** nasce como um espaço aberto, plural e generoso, voltado a todos que compreendem o diálogo, a diversidade e a cultura como pilares essenciais de transformação.

Hoje, nosso agradecimento é sincero e profundo a cada pessoa que tornou este projeto possível. À equipe incansável, que entregou talento, dedicação, noites de trabalho e paixão; aos colaboradores e artistas convidados, que confiaram ao jornal suas vozes, ideias e olhares singulares; a todos que divulgaram, apoiaram, sugeriram e acreditaram desde o início. Nosso reconhecimento especial aos leitores, razão maior da nossa existência e parceiros fundamentais na construção de cada edição.

Ao reunir temas como Arte, Literatura, História, Educação,

Filosofia, Psicologia, Ciência, Tecnologia, Saúde & Bem-Estar, Cultura e Opinião, buscamos oferecer mais do que informação. Nosso propósito é proporcionar experiências, despertar descobertas e provocar inquietações. O **The Bard News** nasce para ser vitrine e espelho do nosso tempo, fiel à missão de abrir espaço para o novo, para o debate, para o questionamento e para a proposição de ideias.

Nesta e em todas as edições, convidamos você a se conectar, participar e compartilhar sua voz conosco. Nosso compromisso permanece firme com o acesso democrático a conteúdos relevantes, nacionais e internacionais, guiados pela ética, pelo respeito e pela inovação.

A todos que caminharam e continuam caminhando ao nosso lado, o nosso mais sincero agradecimento. O **The Bard**

News é, acima de tudo, uma obra coletiva. Por isso, celebramos juntos cada conquista, cada desafio e cada página escrita dessa história que está apenas começando.



A Redação - The Bard News

JORNAL THE BARD NEWS



BAIXE NOSSO APLICATIVO

1

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



OU

SITE

Clique aqui para acessar o Site



2

Procure este "ícone" no seu navegador.

3

Selecione a opção "Adicionar à tela de início."



4

Clique em "Adicionar"

5

Pronto! Seu app já estará instalado e está na sua tela inicial.

